



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE (PPGREC)



LAÍS LANA SANTOS PEIXOTO SOUZA

SER, SENTIR E ATUAR, NÓS MULHERES NEGRAS: NARRATIVAS
DE LICENCIANDAS NEGRAS EM TEATRO E O ENFRENTAMENTO
A OPRESSÕES INTERSECCIONAIS

JEQUIÉ - BA

2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE-PPGREC

LAÍS LANA SANTOS PEIXOTO SOUZA

SER, SENTIR E ATUAR, NÓS MULHERES NEGRAS: NARRATIVAS DE LICENCIANDAS NEGRAS EM TEATRO E O ENFRENTAMENTO A OPRESSÕES INTERSECCIONAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como requisito necessário para a obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Cláudia Lemos Pacheco

JEQUIÉ - BA

2025

SOUZA, Laís Lana Santos Peixoto. **Ser, sentir e atuar, nós mulheres negras**: narrativas de licenciandas negras em teatro e o enfrentamento a opressões interseccionais.2024. X f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié, Brasil, 2025.

S729s Souza, Laís Lana Santos Peixoto.

Ser, sentir e atuar, nós mulheres negras: narrativas de licenciandas negras em teatro e o enfrentamento a opressões interseccionais / Laís Lana Santos Peixoto Souza.- Jequié, 2025.
133p.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob orientação da Profa. Dra. Ana Cláudia Lemos Pacheco)

1.Licenciandas negras 2.Teatro 3.Feminismo negro-lésbico-decolonial
4.Artivismo 5.Mulheres negras I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 790.2

Rafaella Cância Portela de Sousa - CRB 5/1710. Bibliotecária – UESB - Jequié

LAÍS LANA SANTOS PEIXOTO SOUZA

**SER, SENTIR E ATUAR, NÓS MULHERES NEGRAS: NARRATIVAS DE
LICENCIANDAS NEGRAS EM TEATRO E O ENFRENTAMENTO A
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

Linha de Pesquisa 2: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

Aprovado em: 24 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Lemos Pacheco (UNEB)

Presidente da Banca/Orientadora

gov.br

Documento assinado digitalmente

ANGELA LUCIA SILVA FIGUEIREDO

Data: 19/05/2025 13:46:50-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Ângela Lúcia Silva Figueiredo (UFRB)

Examinadora Externa



Prof.ª Dr.ª Soraya Martins Patrocínio (UNESPAR)

Examinadora Externa

**JEQUIÉ
2025**

Às MULHERES de minha vida
que tanto me ensinaram,
entre afetos e lidas,
nunca me abandonaram.
Escolheram caminhar junto a mim
em busca dos meus objetivos
me incentivando e segurando em minha mão.
Obrigada por sempre estarem comigo!
Rita de Cássia aceitou minha mãe ser
fazendo do seu corpo a minha casa,
decidida a sempre cuidar e me acolher
quando eu nem sabia voar, ela me emprestou
suas asas.
Maria das Neves é meu exemplo de força e
conhecimento ancestral,
aquela com quem sempre posso contar.
Me ensina todos os dias de sua existência
maternal.
Sei que aqui na terra, tenho uma anja pra me
cuidar.
Juliana Oliveira é minha pessoinha de amor:
inspiração, exemplo e companheira.
Transforma os meus dias em leves surtos e
alegria, mas fica extraordinário.
Pequena, te quero comigo pra minha vida
inteira.
Obrigada por me ensinar que mulheres pretas
se amando é revolucionário.
Às minhas pequenas sobrinhas Laura, Luna,
Lívia e Maitê,
Me ensinam com a leveza e o coração de
criança,
assim como me inspiram todos os dias a querer
lutar por dias melhores e acreditar que ainda
há esperança.
Vocês me alicerçam na caminhada
e encorajam os meus passos.
Me construir em/com vocês
de cada uma tenho um pedaço.
Não quero palavras para descrever a minha
gratidão,
quero poder retribuir tudo o que são para mim,
cada dedicação, confiança e empolgação.
Eu prometo, É NÓS POR NÓS ATÉ O FIM!

AGRADECIMENTOS

A respiração se mistura ao sentimento de dever cumprido. Um inspirar e expirar de alívio e satisfação. Não foi uma tarefa fácil e tampouco simples chegar até aqui. Só quem vive, sabe e compreende as entrelinhas existentes numa jornada de mestrado. Mas, não trocaria viver essas emoções por nada. Aquele frio na barriga de uma estreia. As cortinas se abrindo. Os pés tocando o palco. As luzes diretamente em seus olhos até os cílios brilharem e os olhares atentos direcionados até nós. O espetáculo vai começar...

Para que o espetáculo aconteça, existe uma equipe, uma produção, muita dedicação, muitas pessoas e muitas mãos que possibilitam que a magia do teatro se realize. Assim, não poderia deixar de agradecer àquelas que nos bastidores me auxiliaram para que eu subisse ao palco e trouxesse essas histórias/narrativas para vocês.

Iniciarei me agradecendo. Sim! Obrigada Lana por não desistir de si mesma e ter continuado essa realização pessoal. Foi uma jornada de muitos aprendizados, medos, alegrias, preocupação, incertezas e prazeres. E mesmo nesse turbilhão de emoções, acreditou que seria capaz. Entendendo quem é, os atravessamentos e significados em ser uma corpa negra lésbica não sucumbiu aos lugares e estereótipos que tentaram designar a mim. Eu sou sujeita. Humana. Me autodefino e possuo conhecimentos que aprendi com outras mulheres negras.

Agradeço a Deus, às Deusas, ao universo, aos Orixás, à espiritualidade e às divindades, por me sustentar, guiar meus passos e abrir a minha mente no delinear desta pesquisa.

Aqui, à minha maravilhosa e inigualável mãe. Minha Ritinha. Minha fonte de inspiração e de força constante pra lutar e buscar os meus objetivos. Meu primeiro exemplo e reflexo de mulher. Pode ter certeza, sem ti eu não seria nada. Tudo que eu busco é para e por nós. Sei o quanto você se realiza nas minhas realizações. Minha fã número 1. Aquela que vibra e torce em cada passo que dou. Te amo gigantesco.

Agradeço também à minha vovó Neves. Meu amparo e meu grito de socorro. Ela que me acolhe e me ama sem questionamentos. Que me abençoa e pede proteção. Obrigada por ser minha vóvys e falar de mim com tanto orgulho.

À minha pequena gigante Juliana. Minha companheira de vida e de amor. Minha pessoa que vem sendo e fazendo parte de meus agradecimentos desde os meus primeiros passos na academia. Obrigada por estar sempre ao meu lado, me ajudando, inspirando e ensinando. Obrigada por segurar minha mão e me amar em todos os momentos de minha vida.

Às Amoras Hablantes, que deixaram de ser colegas e se tornaram amigas e família nessa trajetória louca e imprevisível que é o mestrado. Aqui as nossas metades se completam, as

nossas loucuras são compartilhadas com alegria, os choros e angústias foram expressos e as dores acolhidas. Nos tornamos confidentes num verdadeiro aquilombamento. Que bom que a gente tem a gente!

Agradeço às minhas sujeitas que deram vida, voz e narrativas a esta pesquisa. Cada uma a seu jeito e com suas identidades e personalidades me ensinaram em cada momento compartilhado. Na poética dos encontros, fui agraciada em poder encontrar e trilhar essa trajetória com vocês. Minhas coautoras inspiradoras, artistas e potentes. Que os caminhos de vocês sejam sempre abertos e guiados pela arte que é política e movimento. Vocês tornaram esta pesquisa e dissertação possíveis. Serei sempre grata por toparem embarcar nessa aventura comigo.

Agradeço também imensamente a minha orientadora Prof^a Dr^a Ana Cláudia Pacheco, uma mulher que me ensinou muito desde o nosso primeiro contato na entrevista para a seleção do mestrado até esta etapa final. Obrigada pelo empenho, dedicação e por estar aberta a aprender mais sobre a arte e a pesquisar junto comigo. Obrigada prof^a, a senhora foi fundamental nesse processo de minha vida. Quando eu crescer quero ser assim como a senhora! Risos!

Aqui aproveito para agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por ser uma grande responsável pela minha continuidade e permanência no programa, através do fomento via bolsa durante esses dois anos no mestrado, de março de 2023 a março de 2025.

Por fim, obrigada à arte, ao ativismo, às mulheres negras, às corpos negras lésbicas, bissexuais, com sexualidades que não nomeiam. Obrigada às grandes intelectuais negras pelos legados deixados. Obrigada por todas aquelas que me atravessaram e me fortaleceram nessa caminhada. Gratidão e Evoé!

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – Portaria CAPES 206/2018 e com o apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Não sou livre enquanto qualquer outra mulher for
prisioneira, ainda que as amarras dela sejam
diferentes das minhas. E não sou livre enquanto
uma pessoa de cor permanecer acorrentada. Nem
é livre nenhuma de vocês.

(Lorde, 2019, p. 166)

RESUMO

Ser uma mulher negra lésbica impulsiona-me a levar a pauta do feminismo negro para os diversos espaços aos quais tenho acesso e ao mesmo tempo provoca uma reflexão do quanto a sociedade invisibiliza, apaga, nega as nossas corpos pretas a partir das mais diversas formas de opressões interligadas. Portanto, esta pesquisa objetiva conhecer quais são as estratégias implementadas pelas estudantes negras licenciandas do Curso de Teatro no enfrentamento às opressões interseccionais praticadas dentro do Campus da UESB de Jequié-Bahia. Traçando reflexões pautadas com e por meio das artes, debruçou-se em observar se há utilização do ativismo como instrumento teórico-político-prático entre as licenciandas negras de Teatro da UESB- Jequié e identificar e analisar se o feminismo negro (de)colonial local, regional, nacional é importante no processo de (auto)reconhecimento/pertencimento étnico das licenciandas negras em relação às suas identidades. Nossas sujeitas/colaboradoras selecionadas foram quatro participantes: Fernanda, Jéssica, Umberd e Victória (Vick), todas licenciandas do curso de Teatro da UESB-Jequié, dentro dos relativos critérios de inclusão: ser estudante devidamente matriculada nos Cursos de Licenciatura em Teatro, ser autodeclarada negra, estar residindo na cidade de Jequié-BA, ser maior de 18 anos e concordar em participar da pesquisa. Nossos instrumentos metodológicos foram: realização de cinco oficinas com as quatro sujeitas e entrevistas semiestruturadas com todas as licenciandas selecionadas e entrevista individual com duas sujeitas, com o objetivo de conhecer as suas práticas Arte-vistas e feministas negras dentro do campus da UESB de Jequié. A análise das informações se deu por meio da epistemologia do feminismo negro, lésbico e decolonial e diálogos tecidos com autoras negras da Área do Teatro. A partir dos diálogos e reflexões sobre as narrativas das licenciandas, apontou-se que as sujeitas/colaboradoras desenvolveram e criaram performances artísticas ao elaborarem uma adefinição de si positivada enquanto mulheres negras lésbicas, bissexuais e não definidas sexualmente; entretanto, suas corpos pretas performaram enfrentamentos individuais às opressões interseccionais através da arte, contrariando a hipótese da pesquisa em relação a possíveis estratégias coletivas que deveriam ser implementadas pelas licenciandas, pautadas nos agenciamentos do feminismo negro-lésbico-decolonial no enfrentamento às violências interseccionais vividas no interior do campus da UESB de Jequié- Bahia.

Palavras-chave: Licenciandas negras; teatro; feminismo negro-lésbico-decolonial; ativismo; mulheres negras.

ABSTRACT

Being a black lesbian woman drives me to take the agenda of black feminism to the various spaces to which I have access and at the same time provokes a reflection on how much society invisibilizes, erases, denies our black bodies from the most diverse forms of interconnected oppressions. Therefore, this research aims to find out what strategies are implemented by black undergraduate students on the Drama course to confront the intersectional oppressions practiced within the UESB Campus in Jequié-Bahia. Drawing up reflections based on and through the arts, it focused on observing whether activism is used as a theoretical-political-practical tool among the black female drama undergraduates at UESB-Jequié and identifying and analyzing whether local, regional and national (de)colonial black feminism is important in the process of (self)recognition/ethnic belonging of the black female undergraduates in relation to their identities. Our selected subjects/collaborators were four participants: Fernanda, Jéssica, Umberd and Victória (Vick), all undergraduates in the Theater course at UESB-Jequié, within the relative inclusion criteria: being a student duly enrolled in the Theater Degree Courses, being self-declared black, being resident in the city of Jequié-BA, being over 18 years old and agreeing to participate in the research. Our methodological tools were: five workshops with the four subjects, semi-structured interviews with all the selected undergraduates and individual interviews with two subjects, with the aim of finding out about their black feminist and artistic practices within the UESB Jequié campus. The information was analyzed using the epistemology of black, lesbian and decolonial feminism and dialogues with black authors in the field of theater. Based on the dialogues and reflections on the undergraduate students' narratives, it was pointed out that the subjects/collaborators developed and created artistic performances by elaborating a positive self-definition as lesbian, bisexual and non-sexually defined black women; However, their black bodies performed individual confrontations to intersectional oppressions through art, contradicting the research hypothesis in relation to possible collective strategies that should be implemented by the undergraduates, based on the agency of black-lesbian-decolonial feminism in confronting the intersectional violence experienced within the UESB campus in Jequié, Bahia.

Keywords: Black undergraduates; theater; black lesbian-decolonial feminism; activism; black women; intersectional oppressions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. MEUS PASSOS VÊM DE LONGE: A ARTE DE SER QUEM SOU	19
1.1 UM POUCO DA MINHA CAMINHADA: QUEM SOU EU?.....	19
1.2 A ARTE DO ENCONTRO E O ENCONTRO NAS ARTES: AS SUJEITAS	24
1.3 DE <i>OUTSIDER WITHIN</i> Á ARTIVISTA: UM PERCURSO INTERSECCIONAL NO FAZER TEATRAL	28
1.4 LUZ, CÂMERA... RESISTÊNCIA: MULHER NEGRA NO PALCO DA VIDA REAL	41
1.5 NÃO EXISTE HIERARQUIA DE OPRESSÃO: PENSANDO A INTERSECCIONALIDADE NAS EXPERIÊNCIAS	47
2. MOVIMENT(A)ÇÃO, CONTEXTOS E SUJEITAS	52
2.1 O CONTEXTO DA PESQUISA: A UESB E O CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO.....	53
2.2 AS LICENCIANDAS NEGRAS E OS PERCURSOS DA PESQUISA	55
2.3 AS OFICINAS- CORPO, VOZ, MOVIMENT(A)ÇÃO	58
2.3.1- Oficina I – CONHE(SER).....	62
2.3.2 Oficina II – Meus passos vêm de longe	65
2.3.3 - Oficina III – Feminismo Negro	70
2.3.4 - Oficina IV – Eu, Elas, N’Elas	73
2.3.5 - Oficina V – Dos arrepios que me reconheço	77
2.4 DO QUE FOI DITO, VISTO E ESCUTADO	80
3.NARRAR, ESCREVER, ATUAR: ANÁLISE DAS NARRATIVAS	82
3.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA	83
3.1.1 Blocos I e II: teatro, arte e ativismo	85
3.1.2 Bloco III- gênero e sexualidade.....	100
3.1.2.1 Corpos negras: racismo e as sujeitas	109
3.1.3 Bloco IV: estratégias de enfrentamento.....	113
3.2 DAS PALAVRAS DITAS E GESTOS EXECUTADOS, OS ATRAVESSAMENTOS FIRMADOS	117

4. E NO FECHAR DAS CORTINAS...	119
5. REFERÊNCIAS	124
6. ANEXOS	128

INTRODUÇÃO

ENQUANTO EU ESCREVO...
(Lais Lana Santos)

Pausa...

Respiro.
Cansei!
Ligo o ventilador.
Bebo um gole d'água.
Volto.
Mãos sob o teclado do *notebook*.
Entre os tacs-tacs das teclas,
letras unidas formam palavras,
que formam frases,
que transformam-se em parágrafos.
Aos poucos a primeira lauda surge.
Nela, resquícios de quem fui e quem estou sendo,
entre as lembranças boas
de estar onde desejei um dia
As memórias que embargam a voz
por demonstrar o que não é fácil admitir.
Perceber-se, nem sempre é um caminho tranquilo.
Aventura, descobrir ser quem é.
Dualidade imposta que paira sobri(a)mente.
Invisível-visível, capaz-incapaz, silêncio-voz.
Derramar-se em tinta-sangue
para escrever-ser poesia em (des)construção.
Pele preta, no corpo vagina
que deseja outra vagina.
E nas artes, ativista, política.
Uma revolução
para si, para as outras,
por si e por outras
Calar-se? Não mais!
Desobediência? Talvez para você!
Para mim, emancipação.
Não vou mais coagular
A subalterna vai falar!

A escrita contida nas páginas que serão lidas por você, não são apenas parte de um estudo acadêmico. Trazem reflexões de quem sou, com toda a subjetividade que uma mulher negra, lésbica, pode carregar em sua existência. A minha escrita por vezes segue uma linha da desobediência e embarca numa encruza entre o poético e a rigidez da academia. Acredito que seja uma herança de uma epistemologia feminista da desobediência que, seguindo essa trilha, procura responder à pergunta central desta pesquisa: Quais são as estratégias de enfrentamento elaboradas pelas mulheres negras licenciandas do Curso de Teatro em relação às práticas machistas, racistas e LGBTfóbicas no *campus* da UESB-Jequié? Se essas estratégias existem (minha hipótese de pesquisa), procuro identificar como são percebidas e nomeadas como instrumental teórico-prático pelas licenciandas negras do Curso de Teatro da UESB, *Campus*

Jequié. A pesquisa tem como objetivo geral conhecer as estratégias implementadas pelas estudantes negras licenciandas do Curso de Teatro no enfrentamento às opressões interseccionais praticadas dentro do *Campus* da UESB de Jequié-Bahia. Como objetivos específicos, temos: 1) observar se há utilização do ativismo como instrumento teórico-político-prático entre as licenciandas negras de Teatro da UESB- Jequié; 2) identificar e analisar se o feminismo negro (de)colonial local, regional, nacional é importante no processo de (auto)reconhecimento/pertencimento étnico das licenciandas negras em relação às suas identidades. E, para atender aos objetivos propostos, compartilhei essa caminhada com quatro licenciandas negras do Curso de Teatro. Assim, por meio de minha experiência no Teatro, escolhi desenvolver a pesquisa com licenciandas em Teatro da UESB-Jequié, dentro dos relativos critérios de inclusão: ser estudante devidamente matriculada nos Cursos de Licenciatura em Teatro, ser autodeclarada negra, estar residindo na cidade de Jequié-BA, ser maior de 18 anos e concordar em participar da pesquisa. Nossas sujeitas/colaboradoras selecionadas são quatro participantes: Fernanda, Jéssica, Umberd e Victória (Vick). Sinalizo que fui autorizada a utilizar seus nomes reais. Eu as escolhi porque são mulheres dentro do perfil que interessa à pesquisa, como citado acima. As sujeitas da pesquisa são artistas, mulheres, autodeclaradas negras, com diferentes tons de pele, cabelos crespos e cacheados, uma lésbica, duas bissexuais e uma que está descobrindo a sua sexualidade. Algumas que já estudam sobre feminismo negro e outras querem aprender sobre. Em seus fazeres artísticos falam sobre si, suas raízes, seus amores com conhecimentos adquiridos nas vivências com outras mulheres negras que fazem/fizeram parte de suas caminhadas. Muitos ensinamentos de vó, de mãe, de tias, amigas e irmãs que nunca publicaram, mas deram aulas de vida e ensinaram que nem todo conhecimento está nas páginas dos livros.

Não é fácil ser chamada a pesquisar com-por-para outras iguais a mim. Outras de mim. Existem elas e delas em mim, assim como existe um pouco de mim nelas. Por muito tempo, e é possível vermos isso até hoje, nós mulheres negras fomos lidas e apresentadas como se fossemos todas iguais. Objetificadas e incapazes de possuímos particularidades. Não! Não somos seres universalizantes, nos universalizaram para nos silenciar, apagar a nossa existência e se referirem a nós como seres sem conhecimento. O chamado é impactante, potente, latente, urgente e não há espaços em mim para acovardar ou negar-me a possibilitar o ecoar das vozes de mulheres subalternizadas.

A minha caminhada em descoberta e a aceitação de mim mesma não foram só. Muitas mulheres negras me fortaleceram, me ensinaram, me acolheram, me abraçaram, me impulsionaram com seus diversos conhecimentos, com a arte, com a experiência sentida, com

aprendizados que se tornaram ensinagens, com seus corpos e suas identidades. Cada uma a seu modo foi de fundamental importância para a minha chegada até aqui. Principalmente os encontros que foram propiciados através de minha jornada no Curso de Teatro.

A vivência nas Artes me possibilitou encontrar e acessar espaços e diálogos de resistência, eu os percebo como se fossem aquilombamentos. Experiências sentidas-compartilhadas num grande e importante “aquilombamento que abre frestas para se pensar outras possibilidades de sensibilização por e através do teatro” (Martins, 2021, p.72). E foi no fazer teatral, que percebi a importância de utilizar a arte como palco para que vozes ecoem, mulheres negras consigam falar por si, para si e para outras mulheres negras. Vozes unidas e enfrentando opressões interseccionais que permeiam a vida de mulheres negras. Arte como política e ativismo. É nesse entendimento e partilha de aquilombamento teatral que continuo minha caminhada acompanhada pela arte e pela percepção do poder que ela possui, além da possibilidade de transformação nos modos de ser, agir, pensar e estar no mundo, principalmente no que se refere às imagens e subjetividades de mulheres negras.

Dentro dessa perspectiva, a metodologia que se aproxima mais desta pesquisa foi da abordagem qualitativa, que privilegia as narrativas produzidas pelas próprias sujeitas/colaboradoras na sua (autopercepção) de mundo, focalizando a entrevista narrativa como um instrumento de apreensão das subjetividades, experiências, falas e contexto social e cultural das sujeitas investigadas. A investigação¹ foi pautada na perspectiva ética, a qual exigiu compromisso e efetiva participação da pesquisadora junto às sujeitas da pesquisa em um processo colaborativo, que refletiu sobre suas experiências e a relação entre mim e elas. Compreendo assim que, a análise das narrativas concentra principalmente nos sujeitos, na enunciação das narrativas vivenciadas e elaborada nas diversas relações, enfatizando as sujeitas como as autoras que narram a própria vida.

A coleta de dados se deu através das entrevistas coletivas, oficinas artístico-práticas e entrevista-narrativa individual para que, por meio dessas três técnicas, as licenciandas pudessem se sentir seguras para falar e expressar suas opiniões e percepções sobre suas experiências enquanto estudantes do Curso de Teatro da UESB. Durante a realização das oficinas, procurei identificar algumas questões-chave provocadoras elaboradas, previamente, por meio de um roteiro de entrevistas; a oficina se constituiu como uma roda de saber, em que todos os saberes foram horizontalmente importantes em um espaço seguro. Como enfatizado

¹A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e só pode ser iniciada após a sua aprovação. Assim, foi aprovada com o parecer nº.6.644.631.

por Bárbara Santos (2019, p. 48) “espaço exclusivo que facilite o olhar múltiplo, no qual uma pode ser espelho da outra, não por ser igual ou estar em igualdade de condições sociais, mas por vivenciar experiências opressivas semelhantes, baseadas nas mesmas estruturas”. Assim, articulamos com os demais recursos metodológicos utilizados, a entrevista narrativa individual, cujo objetivo foi aprofundar os relatos de vida de uma colaboradora/entrevistada, a fim de captarmos suas narrativas sobre seu percurso de vida e sobre o contexto sociocultural específico.

Compreendemos a entrevista como uma troca, um diálogo direcionado, objetivando coletar e/ou construir dados e informações importantes para a pesquisa. A entrevista aqui abordada surge a partir das perspectivas de Minayo (2009), a qual enfatiza que:

Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo (Minayo, 2009, p. 64).

Sobre entrevista em profundidade, a autora enfatiza que é aquela “em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (*Ibidem*). Dessa forma, pensando em possibilitar um espaço confortável no qual as sujeitas se percebessem em posição horizontal tanto de conhecimentos quanto de importância, sendo partes fundamentais na construção coletiva de saberes, articular a entrevista como conversa é um estímulo para que seja possível um desenvolvimento coletivo e as sujeitas sintam-se seguras para narrar suas histórias de vida. Quando elas narram, elas enunciam quem são, suas crenças, se emancipam de restrições e opressões que as enclausuram e libertam-se para ser autoras/narradoras de si. O instrumento de análise de dados se deu através das narrativas das sujeitas. Narrar é ecoar voz a quem vive, quem conta, quem experencia. Narrar é humanizar quem nunca foi visto como tal. É valorizar a sujeita em todas as singularidades que compõem quem ela é, as relações que vivenciam, os conhecimentos adquiridos e o ser que estão sempre em formação e em moviment(a)ção².

Assim sendo, os títulos dos capítulos brincam entre o fazer teatral e os títulos de trabalhos de autoras que referencio em minha escrita e foram importantes em meu processo pessoal. Penso que é uma forma de dialogar diretamente com as minhas vivências que se

² A proposta da escrita dessa forma, parte de uma compreensão do movimento consciente e imbricado numa ação/prática constante e corporificada artisticamente que desenvolve um diálogo consigo e com o outro. Uma moviment(a)ção entre mim e o outro que dialoga, transmite, reflete e é uma provocadora de interpretações.

relacionam com as vivências das sujeitas desta pesquisa.

No primeiro capítulo intitulado *MEUS PASSOS VÊM DE LONGE: A ARTE DE SER QUEM SOU*, busco fazer uma análise teórica embasada pela perspectiva do feminismo negro, lésbico e decolonial. Traço uma jornada dialogando com alguns escritos de grandes autoras que representam essa perspectiva e que são principais pilares para o desenvolvimento dessa escrita e com os passos dados nos caminhos que foram abertos para mim até aqui. Derramo-me nas palavras, pontos, vírgulas e parágrafos, escrevendo a peça da vida real. Sobre mim, sobre outras, sobre nós. Partindo do momento em que sou *outsider whithin*, quando passo a ser artista, os desejos que carrego, a arte que me move, as mulheres negras que encontro nos diferentes espaços; em casa, nas ruas, no teatro, na universidade ou nos livros. A corpa³ da mulher negra é carregada das experiências que lhe constitui; memórias, ações, práticas, histórias, aventuras que fazem parte de quem ela é. Refletir sobre o ontem, olhar o hoje para tentar ressignificar o amanhã do tempo presente/futuro é um caminho trilhado nesse capítulo e nesta pesquisa.

No Capítulo 2, que intitulei *MOVIMENT(A)ÇÃO, CONTEXTOS E SUJEITAS*, contextualizo o ambiente da pesquisa que é a UESB e a trajetória histórica do Curso de Licenciatura em Teatro. Acredito ser pertinente trazê-lo aqui, pois além de ser meu curso de graduação e das sujeitas da pesquisa, a história do curso se baseia também em resistir dentro da universidade. Trago também as reflexões obtidas através da realização das oficinas, cada uma possuía um tema específico a ser abordado e possuía um caráter teórico-prático que possibilitava tanto as sujeitas terem um momento de práticas sobre aquele determinado tema que faz parte de suas vivências, como de dialogar também sobre. Aponto também sobre a importância das oficinas para o desenvolvimento da pesquisa.

No Capítulo 3; *NARRAR, ESCREVER, ATUAR: ANÁLISE DAS NARRATIVAS* dialogo e apresento as narrativas de duas sujeitas da pesquisa obtidas por meio da entrevista individual. Considero essa etapa como uma das mais desafiadoras, ao mesmo tempo em que obtive mais dados para serem analisados. Dividi a estrutura da entrevista em blocos com poucas perguntas, pois como era um roteiro aberto outras questões poderiam surgir ao longo da entrevista. As narrativas das sujeitas foram fundamentais para os resultados e respostas obtidas nesta pesquisa. Houve um desnudar-se sem inibições, que revelara todas as partes e os processos de construção identitária das sujeitas.

³ Utilizo o termo *corpa* como um movimento/(des)construção, uma poética feminina subversiva, que não mais é apresentada e/ou representada por uma ortografia/representativa masculina. Somos seres existentes e podemos nos “escrever”.

Foram caminhos cruzados que possibilitaram e tornaram possível a realização desta escrita. Os desejos, sonhos, questionamentos e experiências de uma mulher negra se cruzando com os de outras mulheres negras. Nessa encruza-aquilombada-artística, identidades foram reveladas e afirmadas, assim como vozes ecoadas e estratégias... que logo mais será possível descobrir. Diante de tudo que foi exposto, gostaria de lhes convidar a embarcar nesse tempo espiralado rumo a descobertas e encontros com as sujeitas coautoras e protagonistas desta pesquisa. Vamos de mãos dadas revelar o que descobrimos?

1. MEUS PASSOS VÊM DE LONGE: A ARTE DE SER QUEM SOU

Os passos dados neste primeiro capítulo me guiaram ao encontro de intelectuais que me embasaram numa escrita feminista negra, lésbica e decolonial. Abracei cada uma na busca de uma intimidade que se refletisse em cada letra que formam palavras e nas palavras que se transformaram nos parágrafos que serão lidos por você. Na tentativa de uma análise mais teórica que se encruza com as minhas experiências enquanto uma corpa negra que está em constante movimento, seja pelas andanças, seja pelas artes que me fazem transitar entre o real e o imaginado; mas, que me puseram a (re)pensar sobre quem estou sendo e quem serei, nessa performance sobre mim, em mim mesma, quanto nas outras.

No teatro, grandes encontros acontecem. Nesta escrita, encontrei comigo e com mais tantas outras que se tornaram corpa-texto-conhecimento-ação na construção deste capítulo. Um texto dramático sobre mim, sobre elas, sobre outras, sobre nós. Somos as personagens principais. Sujeitas e não mais objetos. Trilho umas encruzas que partem da arte em minha vida, do meu encontro com o teatro, do meu encontro com minha identidade, da aceitação para assim, poder encontrar com outras. E isso é que será visto-lido-escrito neste capítulo. Em seguida, as sujeitas se apresentarão para vocês, por meio de uma narrativa breve de quem são.

1.1 UM POUCO DA MINHA CAMINHADA: QUEM SOU EU?

Confesso que não é fácil falar de mim e de outras mulheres negras, até porque ainda nos fazem questionar: *E eu não sou uma mulher?* Carregamos na corpa uma ferida aberta que sangra, carregamos uma essência única de/do ser, mas carregamos também uma pele que nos determina como não humanas, as *outras* das *outras*. Por vezes faltam ar e palavras, mas sigo caminhando mesmo nas (in)certezas, que fazem parte da complexa identidade de ser essa outra que sou. Eu, Laís Lana Santos Peixoto Souza, mulher, negra, lésbica, artista, professora, feminista negra, ativista, interiorana baiana, filha caçula de Rita de Cássia Santos Peixoto Souza e neta de Maria das Neves Santos, duas mulheres negras, assim como eu, que tanto me ensinaram sobre a vida e sobre como não desistir. Herdei de D. Rita os olhos atentos e a professoralidade e de Vovó Neves a perspicácia de não abaixar a cabeça para os problemas que surgem.

Minha família sempre foi centrada nos ensinamentos de meu bisavô Isidoro Serafim, homem sábio que juntamente com sua esposa Bisa Maria Ramos sempre procuraram meios para não deixarem seus 13 filhos e filhas passarem fome. Mesmo crescendo nesse ambiente

familiar que tinha como centro uma figura masculina, minha mãe me ensinou a pensar por mim mesma. Obrigada por isso, Coroa! Ela me ensinou a não ser dona do lar nem a enxergar isso, como minha única opção de vida. Não me ensinou que o “correto” era menina saber lavar, passar, cozinhar, servir, casar e ser mãe. E eu cresci reproduzindo esse discurso. Entre tantos ensinamentos, me mostrou que eu poderia ser uma mulher independente. Nem sempre isso se dava por meio das palavras, mas das ações e dos olhares. Trazer esses fatos é uma lembrança pessoal sobre a mulher que estou sendo. Acredito que é fruto das inúmeras coisas que aprendi com ela. As mulheres negras sempre me atravessando e me impulsionando.

Para meu irmão mais velho, fui sempre a “mimada” que podia fazer o que queria. A gente brigava muito, ele maior e eu menor, mas mesmo assim, sempre demonstrava para ele que jamais me calaria só porque ele era homem e eu mulher. Nossa relação sempre atravessada pelo posicionamento machista dele e o meu era exatamente o oposto. Até hoje continuamos assim, mas agora, sei que sou uma feminista negra, na minha infância, não sabia como me nomear.

Cresci compartilhando a infância com muitas primas e primos. A casa de minha bisavó sempre muito cheia de crianças, era o espaço ideal para as traquinagens de uma infância na roça. Espaço para correr, brincar, jogar bola, fazer fogueiras, contar histórias de terror e ouvir as histórias que Bisa Maria jurava que tinha acontecido de verdade com ela e com alguns dos meus tios. Chegar na casa de Bisa era sentir o cheirinho de café coado na hora e cheiro de bolacha americana que acabara de sair do forno. Sou capaz de sentir o gosto. Com uma família grande, a casa sempre muito cheia havia uma demanda de café.

Fui crescendo e era ali, na casa de Bisa Maria que a arte me atravessava, mas também os questionamentos sobre a ausência de pessoas parecidas comigo na TV e nos programas que gostávamos de assistir e minha família não sabia ou não queria responder. Mas teimosa como sou, as perguntas não respondidas são guardadas, mas não, esquecidas.

Brinquei tanto de fazer arte com minha família, que na escola, durante o período Fundamental I, juntamente com algumas e alguns colegas decidimos montar um grupo de teatro. Mesmo não tendo nenhuma noção de como fazer teatro, fizemos a nosso modo. Saímos pelas escolas de minha cidade, Jiquiriçá, fazendo apresentações com fantoches e posteriormente apresentações sem fantoches. Me senti realizada. Uma emoção que não sabia como descrever, só sabia que queria mais daquela experiência.

Um dia fizemos uma apresentação sobre racismo numa cidade vizinha e foi ali, que senti uma “chavinha virar”. Cada texto lido, estudado, para ser escolhido revirava algo em mim, que nunca tinha parado para refletir. Ir ao palco para falar sobre algo que estava me incomodando

me fez refletir e desejar me enveredar mais ainda nas artes. Foi a minha primeira percepção “inconsciente” da arte como política.

A arte surgiu em minha vida, antes mesmo da minha percepção de minha identidade. Cresci acreditando que eu era morena e não negra. Apesar de todos os ensinamentos de minha mãe, falar sobre ser uma mulher negra, nunca foi pauta em minha casa, nem na casa de Bisa Maria. Uma casa cheia de mulheres negras, que não dialogavam sobre suas existências. Isso é reflexo de uma vida atravessada pelo racismo e pelo apagamento de nossa identidade. Identidades que carregam as marcas das diversas formas de opressão que lhes feriram. Minha vó Neves, uma mulher católica atuante, foi abandonada pelo marido quando os filhos ainda estavam pequenos. Dois filhos, sem casa própria, foi morar de novo na casa de Bisa Maria. Trabalhava nas plantações da família, foi costureira, vendedora, tudo para alimentar minha mãe e meu tio. Minha vó é parte da estatística de mães pretas solo. Uma pauta que foi por muito tempo invisibilizada e até hoje, ela não consegue falar sobre. Mas, dizem que ela é o símbolo da mulher forte, que tudo suporta. Apesar de ter tido o apoio e a casa da mãe e do pai, ela não deixou de ser uma mãe solo que fora abandonada pelo seu “parceiro”.

A entrada na universidade e as trocas vividas nesse processo me abriram os olhos para as questões que faziam parte de quem eu sou, que estavam perto de mim, mas que por muito tempo ficaram invisíveis para mim. Tantos silenciamentos. Bocas amordaçadas. Cabelos alisados, queimados a pente quente. Dores nunca expressadas. Tudo isso faz parte da vida das minhas. Quero utilizar a arte como política. Ecoar vozes. Falar de mim, mas também de muitas iguais a mim. E foi nesse espaço também que a descoberta de minha sexualidade me tomou.

A experiência de beijar outra mulher já tinha acontecido, mas não sabia ao certo se eu “gostava de meninas ou de meninos ou dos dois”. Não sonhar em casar com um homem, não me animar com a ideia de ter um relacionamento sério com os meninos e olhar diferente para as meninas foram sentimentos que sempre estiveram presentes comigo. Mas, numa cidadezinha de interior, nossos desejos são reprimidos por medo das opressões que poderíamos ser vítimas. Então, sair da cidade para estudar numa cidade maior, me possibilitou abrir a mente para as possibilidades, porém, foi apenas no percurso da graduação que consegui compreender quem eu era e me aceitar. Afirmando assim, que sim, sou lésbica. Mesmo sendo algo nunca conversado em minha casa, tive/tenho a sorte de ter o acolhimento e o apoio de minha mãe, do jeitinho mais calado dela, sempre me mostrou que estaria ao meu lado. Minha vó respeita, mas nunca me falou nada em relação a isso.

É, não dá para negar que na graduação em Teatro muitas surpresas me acometeram. Entre elas, a ausência das Artes Negras. Foi apenas quando estava na Universidade Federal do

Sul da Bahia (UFSB), na Especialização em Pedagogia das Artes: linguagens artísticas e ação cultural, que comecei a minha jornada unindo arte e feminismo negro. Desenvolvi uma pesquisa com um grupo de mulheres negras artistas com objetivo de compreender quais as percepções que elas possuíam sobre o feminismo negro e como utilizá-lo no fazer artístico. Foi nesse grupo, *Elas Pretas* que muitas reflexões foram surgidas e algumas ficaram mais latentes; é necessário que as mulheres negras tenham contato com o feminismo negro e que arte e ativismo (ativismo) sejam potências capazes de proporcionar diálogos entre e para mulheres negras.

Escrever alguns parágrafos presentes neste trabalho foi como um exercício que ia de encontro com o pensamento sobre as *plantations* que ainda fazem parte de nosso cotidiano, foi uma tarefa dolorosa. É muito menos doído não pensar sobre. Não cutucar a ferida. Não trazer à tona as nossas cobranças que nos traumatizaram. Entre cabelos e raízes as “tranças” apertadas que foram estratégias e, ao mesmo tempo, fuga, me remete à busca pela “perfeição” e uma “autocobrança” que eu não escolhi desenvolver e ser. Me foi imposta! Por ser uma mulher negra tenho que mostrar serviço ao mesmo tempo que tenho que ser melhor. Ser melhor porque tenho a pele escura que carrega um alvo desenhado sobre todo meu corpo. Nos longos caules, galhos dos pés de algodão ou da cana-de-açúcar, reflexo da base-eixo familiar que muitas vezes atravessadas pelo inconsciente propagado pelo racismo, machismo, LGBTTQIAPN+fobia, não sabiam afagar, acarinhar, mas eram nos olhares e singelos toques as formas mais genuínas de cuidar e proteger.

Imersar na busca-visita, ida-volta, passear nas memórias que se iniciaram-partiram lá na infância – esse lugar que fazem parte de nós e que em algum tempo espiralar vai emergir e nos colocar de frente com os traumas e os esquecimentos que foram provocados “ocasionalmente” e emocionalmente.

As memórias por vezes revelam a desorganização cognitiva da não aceitação da corpa negra e suas singularidades. Corpas carregadas de folhas raízes, galhos e frutos que fazem parte de ser quem é. Uma capa-casca preta que possui conhecimento, mas que na maioria da vida foi silenciada, julgada, invisibilizada como sujeito, mas vista como objeto. Tratada como inferior, incapaz. Logo ela, uma árvore-mente que poderia espalhar mudas de conhecimentos e ensinagens pelo mundo e para outras tantas flores-meninas-negras, mas, foram podadas, arrancadas pelos machados-discurso-prática do colonialismo, racismo, machismo, LGBTQIAPN+fobia. As engrenagens dos senhores que valorizam a pele homem-branco e invalidam a nossa existência.

Chegar até aqui não foi um processo fácil, tampouco tranquilo. Ser a primeira mulher da minha família no programa de mestrado, ao mesmo tempo que me alegra, me causa profunda dor, indignação e reflexões sobre o que fizeram/fazem com as nossas corpos negras.

Crescer no interior da Bahia, onde ser artista não é visto como profissão, nem a arte como algo que possa ser levado a sério, iniciei minha jornada de ir contra muitas coisas que ouvia no seio de minha família, pois ainda ali na infância, brinquei de ser artista das mais diversas formas de brincar e fazer arte e utilizava quem estava por perto como minhas e meus espectadores. Nada nem ninguém ficava de fora das minhas aventuras artísticas ou “arteira” como dizia a minha bisavó. E foi nesse brincar de ser que descobri o que queria para minha vida. Vislumbrada pela descoberta da possibilidade de fazer teatro na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, dei mais um passo rumo a uma nova etapa nas minhas aventuras arteiras.

Descobri no fazer teatral um espaço no qual poderia abordar as mais diversas temáticas. Que poderia dialogar com a realidade e ficção, experiências, memórias, sonhos, o eu, outras, nós e tantas outras possibilidades. Assisti mulheres negras falando de suas vivências em ter a pele alvo. Textos que abordavam sobre sexualidades serem expostas e que me atravessam de maneira intimamente pessoal. Por inúmeras vezes me vi no que era apresentado e me senti representada nas falas. Era o que eu fazia. Um teatro político, ativista, não só para mim, mas para muitas que estão aqui, iguais a mim dentro de suas subjetividades.

Quando se é uma mulher negra as opressões que assolam a nossa existência são interseccionais. Não somos apenas uma coisa só. Somos mulheres, negras, com sexualidades diversas, cada uma com sua crença, idades que variam, vindas dos mais diversos lugares possíveis. Assim, somos atravessadas por distintos tipos de opressão que agem associadamente sobre nossa vida. O paradigma da interseccionalidade nos lembra que a opressão não se reduz a um aspecto único, agindo assim conjuntamente na (re)produção das injustiças.

Importante entendermos que a perspectiva interseccional, nos direciona ao entendimento, de que não existe hierarquia entre as opressões, mas sim, que elas se relacionam entre si, sobrepondo-se, agindo diretamente nas relações entre as pessoas e nas estruturas de poder e sobre as “minorias”. “Não pode existir hierarquia de opressão” (Lorde, 2019, p. 235). Um exemplo disso é a percepção de que racismo e sexismo são indissociáveis.

Compreender o que faz parte de ser uma mulher negra em nossa sociedade e se atentar para as opressões interseccionais que estamos sujeitas a vivenciar é angustiante e, por vezes, paralisantes. Pensar que por muito tempo e ainda hoje, muitas de nós não têm direito à vida, a amar, a ser quem é livremente, à voz, é uma sensação que dá nó na garganta, mas também

impulsiona a não sucumbir e nem perder a possibilidade de falar, quando muitas morreram tentando.

As minhas tentativas de existir e não sucumbir são imbricadas com a arte. No teatro nem tudo precisa ser dito. O que é sentido, corporificado, expressado pode ocasionar as mesmas ou mais reflexões que a própria fala. A poética de uma comunicação entre quem atua e quem assiste, através do que é sentido compartilhado no fazer teatral.

1.2 A ARTE DO ENCONTRO E O ENCONTRO NAS ARTES: AS SUJEITAS

Os encontros com as meninas aconteceram na UESB. Desde o primeiro contato, ao convite, à apresentação do projeto de pesquisa para elas, até a primeira oficina. Alguns encontros em salas de aulas outros nos espaços abertos da universidade, enquanto elas apresentavam seu fazer artístico. Quando aceitaram ser as sujeitas de minha pesquisa, criei um grupo no WhatsApp no qual nos comunicávamos e agendávamos as oficinas. Nem sempre era possível reuni-las na mesma data. Essa foi uma das maiores dificuldades do processo da pesquisa. Pelo fato de sermos um número pequeno, a ausência de uma, fazia muita diferença.

Já observava as sujeitas, antes mesmo dela aceitarem fazer parte desta jornada junto a mim. Fui espectadora das diversas apresentações teatrais que elas estavam presentes, com diferentes temáticas abordadas e em diferentes processos de criação. Mesmo sem conhecê-las para além desta relação palco/plateia atriz/espectadora, as sujeitas já me chamavam atenção, o brilho nos olhos, o estado presente do aqui e agora, a entrega em suas personagens. O encanto/encontro com elas, aconteceu ali. Senti que eram elas as minhas sujeitas.

Durante a entrevista semiestruturada e dentro das oficinas, eu tentava observá-las ao máximo. Cada palavra, cada gesto, cada ação, movimento, expressão. Compreendendo que o corpo fala, atentar-me ao que a corpa de cada uma trazia como resposta aos estímulos e propostas, por vezes comunicava mais do que as palavras enunciadas. Nas oficinas, pude perceber um pouco mais sobre as pessoas artistas que elas são. Com a ajuda do roteiro de entrevista semiestruturada, pude perceber e conhecer um pouco mais de cada uma em suas singularidades.

Neste primeiro capítulo, as etapas metodológicas não vão seguir em momentos diferentes, não terão tópicos separados para abordar cada uma delas, aqui elas se encruzam. Ora as narrativas foram coletadas nas oficinas, ora na entrevista, mas, sinalizarei em qual etapa especificamente. Compreendo que isso dificulte a visualização do caminho metodológico, mas percebo essa necessidade devido ao fato de que diálogos pertinentes para essa escrita foram

percebidos nessas etapas metodológicas que foram realizadas em momentos separados, mas aqui dialogam e se encontram nesse caminho de escrita que vem se desenhando nessa sala de ensaio.

Importante ressaltar que iniciamos os encontros com as oficinas. Foram cinco oficinas teórico-práticas, cada uma com um tema específico relacionado ao objetivo da pesquisa. Optei por iniciar com as oficinas como uma estratégia de aproximação, intimidade e confiança com as sujeitas, possibilitando que elas percebessem que aquele espaço era nosso, principalmente para elas. Um lugar de trocas, de diálogos e práticas, de arte, de vivências e conhecimentos que só elas podem mostrar e ensinar. Um espaço no qual elas se vissem e se percebessem como sujeitas, enfatizando que cada uma com as suas histórias e narrativas de vida, são importantes e merecem ser vistas e ouvidas. Após a realização dessas, a relação com as sujeitas já estava mais segura, elas estavam mais confortáveis e abertas, já conseguiam falar mais e com mais segurança. Então, foi realizada entrevista semiestruturada coletiva. Por fim, a entrevista em profundidade individual. Esse caminho metodológico se mostrou eficiente e preciso, pois, trilhamos uma jornada na qual cada passo dado, aconteceu de maneira coletiva. Não foi simplesmente chegar nas sujeitas e jogar informações, perguntas ou atividades a serem feitas sem uma preocupação em como elas ficarão pós isso. Pensei estrategicamente em estabelecer uma relação de confiança primeiro, através daquilo que elas gostam de fazer, arte. A partir daí, após a relação se ampliar que os próximos passos foram dados. Também pude perceber quais as reações delas em relação aos temas abordados nas oficinas, para pensar a melhor maneira de introduzi-los no roteiro das entrevistas. É preciso ter cuidado, olhar atento e escuta sensível com assuntos tão íntimos, principalmente para nós mulheres negras, que vivenciamos de maneiras distintas e por vezes dolorosas.

Existe uma linha tênue entre os olhos de quem vê e a experiência de quem vive e sente. Habitar na pele preta é uma experiência ímpar. Plural. Desafiadora. Instigante. Reveladora. Dolorosa. Para muitos, motivo de orgulho, para outros, medo de ser aniquilado e ter uma vida na invisibilidade. Resistência. Existência. Ação. Arte. Fala. Corpo. Presença. Vida. Um ato de coragem ser quem é, nesse país, que como nos diz Emicida, em sua música *Ismália*, existe “pele alva e pele alvo”.

A produção de mulheres negras sempre é questionada. Como se já não fossem agressivas demais todas as barreiras que são impostas pelo racismo, pelo sexismo, pela classe, muito do que é produzido, principalmente quando estamos falando de produção de conhecimento de/por mulheres negras trilha uma jornada na qual sempre está a prova o que se produz. Há uma desqualificação, invisibilização, questionamento, impõem uma necessidade de

validação, isso porque nossas corpos são vistas e lidas como desprovidas de intelectualidade, não humanas, corpos bestializadas. Não suportam nos ver produzindo e sendo autoras de nossas histórias e conhecimentos. Não é fácil ser chamada a pesquisar com-por-para outras iguais a mim. Outras de mim. Existem elas e delas em mim, assim como existe um pouco de mim nelas. Por muito tempo, e é possível vermos isso até hoje, nós mulheres negras fomos lidas e apresentadas como se fôssemos todas iguais. Objetificadas e incapazes de possuímos particularidades. Não! Não somos seres universalizadas. Nos universalizaram para nos silenciar, apagar a nossa existência e se referir a nós, como seres sem conhecimento. O chamado é impactante, potente, latente, urgente e não há espaços em mim, para acovardar ou negar-me a possibilitar o ecoar das vozes de mulheres subalternizadas.

A minha caminhada em descoberta e aceitação de mim mesma não foi só. Muitas mulheres negras me fortaleceram, me ensinaram, me acolheram, me abraçaram, me impulsionaram. Com seus diversos conhecimentos, com a arte, com a experiência sentida, com aprendizados que se tornaram ensinagens, com seus corpos e suas identidades. Cada uma a seu modo foi de fundamental importância para a minha chegada até aqui. Principalmente os encontros que foram propiciados através de minha jornada no curso de teatro.

A vivência nas Artes me possibilitou encontrar e acessar espaços e diálogos de resistência, que hoje percebo que foram aquilombamentos. Experiências sentidas-compartilhadas num grande e importante “aquilombamento que abre frestas para se pensar outras possibilidades de sensibilização por e através do teatro” (Martins, 2021, p. 72). E foi no fazer teatral, que percebi a importância de utilizar a arte como palco para que vozes ecoem, mulheres negras consigam falar por si, para si e para outras mulheres negras. Vozes unidas e enfrentando opressões interseccionais que permeiam a vida de mulheres negras. Arte como política e ativismo. E, nesse entendimento e partilha de aquilombamento teatral que continuo minha caminhada acompanhada pela arte e pela percepção do poder que ela possui e a possibilidade de transformação nos modos de ser, agir, pensar e estar no mundo, principalmente no que se refere as imagens e subjetividades de mulheres negras.

Trago aqui as participantes de minha pesquisa como sujeitas. As nomeio, assim, pois é uma forma de enfatizá-las como sujeitas, como humanas, assim como o entendimento de que elas são parte viva, movimento, escrita, observação, escuta, arte, criação, corpos e a essência desta dissertação. O que escrevo aqui é a partir delas e com elas. Foram as narrativas delas que possibilitaram a existência desta dissertação. Elas e suas narrativas resistentes e de resistência, de libertação de si, identidades, narrativas de produções artísticas, políticas e intelectuais, nos

apontando sobre o se fortalecer umas nas outras, e fissurando as imagens controladoras sobre nós mulheres negras.

E por falar nelas, não vejo maneira melhor de apresentá-las, se não com as próprias palavras delas sobre quem são. As palavras abaixo escritas foram obtidas através das entrevistas semiestruturadas realizadas na UESB e gravadas em um celular utilizado apenas para isso.

Uma curiosidade aleatória, descobri na adolescência que meu nome significa “ousada para atingir a paz” ou algo assim, Silva descobri recentemente que esse sobrenome significa “selva, floresta, bosque” e Souza parece que é um “lugar de águas abundantes” ou “rio cabuloso”. Resolvo começar a falar de mim pelo meu sobrenome porque desde que ingressei na universidade começo a tentar entender um pouco mais de mim e a me interessar mais sobre minha história, digo isso porque para construir minha nova história preciso primeiro entender a dos que vieram antes.

Sou Fernanda, tenho 23 anos, se você acredita em signo saiba que até nisso eu sou confusa, meu mapa astral diz que eu sou de peixes, mas a data diz que sou de aquário. Sou a caçula de sete filhos. nascida e criada em uma cidade chamada Barra da Estiva. Sou da zona rural, povoado Rio Preto que fica a 10 km da cidade. Meu pai é feirante há mais de 40 anos e também trabalha na lavoura com uma pequena produção de café e é daí que vem o nosso sustento desde sempre. Por eu ser a mais nova eu peguei uma “fase boa” da família pois todos os meus irmãos já estavam adultos e se sustentavam. Minha mãe já estava aposentada, então eu consegui ter um apoio financeiro em outra cidade e isso é um privilégio muito grande que meus irmãos não tiveram. Desde que eu chego na universidade eu tenho muita dificuldade de me entender, pois eu sabia que eu não era uma mulher branca porque direitos foram me negados e eu tenho certeza que é por conta da minha aparência e da minha cor, de ter a lembrança de sempre fazer tranças no cabelo para ir para escola para não precisar ter o constrangimento de a professora amarrar, ou na adolescência tá o tempo todo indo no banheiro molhar o cabelo porque ele estava “inchado” demais, ter vários personagens negados a mim pra dar pra pessoas brancas. Sei que apesar de não passar pelo mesmo que uma pessoa negra retinta passa eu sei que eu também não tenho os privilégios de uma pessoa branca. Começo a perceber coisas que aconteciam desde sempre, mas eu mal percebia pois não tinha esse olhar político e de entendimento étnico-racial, do racismo “velado”. Enfim, sou uma mulher negra parda, e depois de muito tempo consigo entender esse meu lugar na sociedade. Minhas vivências se aproximam muito mais das de mulheres negras do que de mulheres brancas. E hoje, entendendo meu lugar e quem sou. Sou uma mulher negra, bissexual e artista docente (Fernanda, 2024).

Meu nome é Jéssica. Eu sou uma mulher negra. Hoje, já me considero adulta, e junto a isso, me considero cansada, mas sou sonhadora. Sempre que me perguntam quem sou, tenho feito o exercício de não responder a partir das minhas conquistas, porque, em algum momento, essa reflexão me chegou. Não que elas (as conquistas) não digam algo sobre quem eu sou, mas elas não são tudo o que sou. Eu não sou apenas as coisas que tenho, mas, ao mesmo tempo, considero que também sou essas coisas, pois investi minha energia vital para que todas se realizassem. Então, também sou isso.

Cresci na zona rural. Sou formada em Geografia e estudante de Teatro. Sou artista, artista de teatro, e tenho um certo interesse pela música, embora eu não tenha muito jeito. Também me interesse pelas palavras, escrevo para a minha felicidade. De vez em quando, faço um rabisco — um desenho ou um texto — para expressar algo para mim mesma. Além disso, gosto de capoeira, sou capoeirista. Sou a pessoa que é teimosa e insiste em abrir as portas fechadas, outras vezes sou cansada. Deixo como está e vou para outro lugar. Sou uma pessoa bastante ligada à família. Gosto de animais. Mas hoje, gosto de pouca coisa. Na maioria das vezes, vocês vão me ver sorrindo.

Sou batalhadora, perseverante, estressada e, ao mesmo tempo, calma. Sou falante e tímida, esperta e avoada, contrários e complementos, uma multiplicidade. Costumo

dizer que sou várias formas de ser eu. E, embora tenha falado tudo isso, a verdade é que eu não sei quem sou. É difícil dizer de fato quem eu sou. É isso... (Jéssica, 2024).

Meu nome é Victória de Araújo Botelho, mulher negra, lésbica, umbandista, taróloga e atriz. Sou artista desde sempre me vi encenando as coisas que assistia e percebi que ser atriz estava na minha trajetória e hoje faço licenciatura em Teatro. Me reconheci como mulher preta ao entrar na faculdade, pois antes não fazia ideia do lugar que ocupava e de que forma me reconhecer na sociedade. Me descobri lésbica também faz pouco tempo, acha que era bissexual, tinha muitas dúvidas e ainda tenho pra falar a verdade, mais com o tempo tenho me descoberto. Me deparei com a umbanda em um momento muito difícil da minha vida, e ela veio até mim como uma forma de me curar e de honrar meus ancestrais e de me conectar comigo mesma e de me entender enquanto pessoa e quanto mulher. As cartas foram dadas a mim pela espiritualidade e aprendi a jogar e a cada dia aprendo algo. Jogar as cartas e ajudar as pessoas que vem até mim para fazer leituras ou pedir conselhos me deixa feliz. Atuar é como respirar pra mim, pois me permite ser outras pessoas, ser várias versões de mim mesma e a cada personagem posso ser uma dessas versões e ser livre (Victória, 2024).

Aqui, tem apenas um pouco do que e de quem são essas mulheres. Passamos tanto tempo sendo silenciadas, coagidas e “definidas” que se torna difícil dizer quem somos, compreender a potência em ser cada uma, nos elogiar e compreender a intensidade de ser quem se é. O que elas escreveram é sim quem são, mas é uma parte. Elas são gigantes. São as sujeitas que contam suas próprias histórias. Que fazem e são arte. No decorrer dos capítulos, a partir de suas narrativas conheceremos mais sobre elas e a relação delas com a arte, identidade/pertencimento e ativismo.

1.3 DE *OUTSIDER WITHIN* À ARTIVISTA: UM PERCURSO INTERSECCIONAL NO FAZER TEATRAL

Ser uma criança negra que sempre sonhou em ser artista, mesmo não vendo corpos negros que se pareciam com o meu na TV, não era algo muito comum, ainda mais quando se reside numa pequena cidade no interior da Bahia e ouvia que ser artista era algo muito distante.

Na minha infância, não entendia por que eu não podia ser paqueta, nem apresentadora dos programas infantis, ou protagonista em alguma novela... Na verdade, eu não entendia a ausência de corpos pretos nesses lugares de destaque que eram transmitidos para o mundo inteiro. Mesmo não entendendo e com diversos fatores que me afastavam do meu sonho de ser artista, nunca desisti. Talvez, na minha adolescência o tenha deixado adormecido para focar nos estudos. Mas, quando descobri que existia o curso de Teatro em uma universidade em Jequié, sabia que era chegada a hora de acordar do meu sono e despertar para a oportunidade de realizar o que eu tanto sonhava.

Apesar de toda minha família saber o que eu queria, não foi fácil entender que havia chegado o momento de cursar teatro. Era algo novo para todas, todos e todes⁴, ainda mais dentro da minha realidade, uma menina negra. Na minha cidade não conhecíamos ninguém que estivesse em uma condição estável e que tinha feito algo voltado as artes. Mais uma preocupação para minha família, o retorno financeiro. Eu não me preocupei com nada disso. Tinha um sonho de ser artista e iria fazer o possível para realizá-lo.

A chegada na UESB, foi um sonho. As primeiras aulas, o contato com as(os) colegas, conhecer as(os) professoras(es). A felicidade não cabia em mim.

Com o passar do tempo e conhecendo pessoas para além do curso, outras questões começaram a permear a minha existência, como por exemplo, a minha identidade. A convivência com mulheres negras ativistas, feministas, me fez pensar quem eu era, repensar, questionar, buscar e compreender a minha identidade. Me aproximando assim, do feminismo negro. As práticas também foram de fundamental importância. Entrar em contato conosco, olhar para o nosso íntimo, despertar a criatividade a partir das nossas vivências, tudo isso, me possibilitou a me aproximar da verdade sobre mim. Mas, sobre o curso, algo ainda faltava.

Comecei a perceber a importância dessa troca, cuidado e desse acolhimento de outras mulheres negras comigo. E essa percepção me levou a questionar a grade curricular do curso de Licenciatura em Teatro. Como não falar do Teatro Experimental do Negro (TEN)? Como não falar sobre o Bando de Teatro Olodum? Como não trazer representações femininas negras como Soraya Martins, Fernanda Júlia Onisajé ou Grace Passô? Cadê a visibilidade para artistas negras e negros? Para as artes negras?

Foi a partir daí que entendi o quanto o curso de teatro ainda seguia o molde brancocêntrico, hegemônico. Enquanto se discutia a história da tragédia grega, fechavam-se os olhos para as tensões raciais basilares em nosso país que culminou na tragédia da neurose brasileira. Mas, estamos no interior da Bahia e ainda assim, o palco italiano⁵ segue sendo o modelo ideal para o fazer teatral. O teatro que foi feito aqui, enquanto eu ainda era estudante do curso, era um teatro universal, banhado pelo pensamento e ideal branconcêntrico. Confesso que essas análises só me acometeram depois que já tinha me formado; em outro momento, indo

⁴ Opto em utilizar o termo para demonstrar respeito as pessoas pertencentes a este grupo e suas respectivas identidades que lutam social e politicamente para serem reconhecidas e por direitos humanos.

⁵ Palco Italiano como o nome já indica, é um palco que surgiu na Itália, aproximadamente no sec. XVI, quando o homem passa a ser o centro do universo. Ele surge como um espaço para apresentações artísticas para pessoas que faziam parte da nobreza. A disposição do palco é frontal numa formação palco/plateia.

para uma outra instituição de ensino é que me dei conta das minhas vivências adquiridas a partir de leituras e inserção em movimentos ativistas e sociais.

Entre os fazeres, ações, contagens, cenas, textos e a saída da sala de ensaio para a um monólogo-trajeto pessoal, questionei-me sobre o meu percurso acadêmico e todas as carências que se faziam presentes na grade curricular do curso de Teatro. Me percebi fundamentada nas minhas reflexões, principalmente nas formulações teóricas da pensadora, feminista negra, ativista e intelectual Patrícia Hill Collins, no que se refere à elaboração da categoria analítica *outsider within*.

Eu, mulher negra e artista, me percebi como uma forasteira de dentro na realização do meu sonho. Aquele currículo pensado para o curso, não possibilitava e nem visibilizava outras epistemologias, principalmente as do feminismo negro. A formulação de *outsider within* é pensada principalmente a partir das experiências de mulheres negras em espaços nos quais existem majoritariamente pessoas brancas – em sua maioria homens brancos – como a figura positiva e *insiders* daquele espaço. Pode-se entender como forasteira de dentro o sentimento de pertencer não pertencendo. Estar dentro, mas ao mesmo tempo perceber que jamais estará completamente inserida, que não é/será uma igual. Nunca será uma *insider* dentro de determinados ambientes, principalmente naqueles onde existem hierarquias.

A autora reflete também sobre as contribuições que o status de *outsider within* pode ocasionar. Na percepção dela, as feministas negras que têm consciência desse status desenvolvem um ponto vista especial em relação ao *self*, à família e à sociedade (Collins, 2016), além de explorarem e analisarem enfaticamente questões de raça, classe e gênero possibilitaram o enriquecimento do discurso sociológico contemporâneo. Analisando a nossa estrutura social, nós mulheres negras, a todo tempo, somos forasteiras de dentro.

Muitas feministas negras estão abraçando o potencial criativo de seu status de outsider within e usando-o de forma sábia. Ao fazê-lo, aproximam-se de si mesmas e associam suas disciplinas à visão humanista implícita de seus trabalhos – isto é, a liberdade tanto de ser diferente como de fazer parte da solidariedade humana (Collins, 2016, p. 123).

Diante do que foi exposto começo a perceber que as minhas pesquisas anteriores estavam em um caminho diferente ao qual de fato eu gostaria de me dedicar. Quero voltar os meus escritos para mulheres negras e feminismo negro utilizando a arte como uma ferramenta política. O interesse em trabalhar com um grupo de mulheres negras licenciadas em Teatro parte do entendimento de que o conhecimento precisa ser compartilhado, compreendendo as diversidades que cada pessoa oferece seja ele acadêmico, social, de vida e de existir. O

conhecimento pode unir e somar no comprometimento com a justiça. Entendo que, o fazer artístico é uma linguagem do sensível que possibilita experimentações e vivências que nos atravessa e nos faz refletir sobre quem nós somos. Nesse sentido, faz-se importante assumirmos um ponto de vista em que o teatro pode ser visto como ativismo, produções artísticas que levam para os palcos mulheres negras e suas agendas políticas.

Assim, convido para serem sujeitas dessa etapa de minha vida, mulheres negras que caminham com suas artes nas bagagens e as experiências de serem quem são. E são elas: Licenciandas em Teatro na UESB-Jequié. Vindas de cidades pequenas localizadas nos mais diversos territórios de identidade no interior da Bahia. Mulheres, negras, artistas, de sexualidades diversas, com suas experiências e vivências individuais. São corpos singulares, cheias de subjetividades, mas, que compartilham histórias que se entrecruzam. A pesquisa conta com 4 participantes. Convidei um número maior de licenciandas negras, mas, devido às demandas particulares e pessoais de cada uma, não foi possível ampliar o universo da pesquisa; entretanto isso não invalida a análise haja vista que trabalhar com narrativas (auto)biográficas independe da quantidade de participantes e sim das experiências e vivências, ou seja, das narrativas de vida de cada sujeita. Pode-se compreender que a pesquisa (auto)biográfica, nos apresenta um caminho epistemológico crítico, pedagógico e político ao que se refere aos processos de formação dos sujeitos, valorizando assim, suas experiências, histórias de vida e a subjetividade inerente ao pertencer e biografar a própria vida.

Esse é um pressuposto ancestral da pesquisa (auto) biográfica, que coloca no centro de suas interrogações o imbricamento entre pensamento, linguagem e práxis social. Processos pelos quais o si mesmo (Autos) se examina e se transfigura num Eu refletido e examinado, ao se apropriar de linguagens diversas (Grafia), para compreender a vida (Bios), em suas mais distintas dimensões, existencial, pública, privada, social, histórica... em espaços institucionais, gregários, midiáticos.... É por esse esforço hermenêutico, reflexivo e crítico, que cada pessoa exerce o poder de questionar o que aprendeu sem compreender e avaliar o alcance do que isso lhe fez ou ainda lhe faz. É por esse poder de refletir e de agir que o assujeitamento se transmutaria em libertação. E o que é válido para cada pessoa é válido para o coletivo em sua singularidade e universalidade (Passegi, 2024, p. 14).

Dessa forma, a (auto)biografia pode ser “entendida como estratégia de investigação qualitativa, a partir das narrativas das histórias de vida dos grupos humanos, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão situados” (Santos; Estevam; Martins, 2018, p. 47). Aqui, nesta pesquisa, cada sujeita foi/é autora e narradora da própria história. “Narrar a vida ajuda a compreender o que aprendemos sem saber e o valor de seu alcance em nossas vidas” (Passegi, 2024, p. 16).

Cada pessoa possui singularidades e conhecimentos diferentes. Como enfatizado por

Collins (2019, p. 450) “cada pessoa tem uma biografia única e em constante evolução, formada por experiências, valores, motivações e emoções concretas. Dois indivíduos não podem ocupar o mesmo espaço social; assim, não existem duas biografias idênticas.” Dentro desta pesquisa, a quantidade de sujeitas torna-se irrelevante. Elas com suas singularidades, histórias, memórias, criatividade, saberes, com suas vidas e narrativas se fazem importantes. As palavras contadas/escritas por elas, as experiências corporificadas por cada uma foram de fundamental importância e sustentabilidade para as letras, palavras, frases, parágrafos e capítulos desta dissertação. Escrever com e a partir das narrativas de mulheres negras, impulsiona a importância de contarmos e sermos as autoras/narradoras de nossa própria história.

De modo que examinar a vida no ato de narrar é primordial para compreender o que dela e o que com ela se faz, essa narração da vida é o que assegura a presença democrática de cada pessoa e de grupos, coletivamente identificados, no mundo. Narrar é se fazer presente! (Passegi, 2024, p. 16).

Compreender a importância de ver/ouvir/ler mulheres negras contando/ escrevendo/ narrando suas próprias histórias é uma forma de legitimar nossos conhecimentos e as nossas narrativas. O Pensamento Feminista Negro dá-se a partir de uma compreensão marcada sobre o sujeito cognoscente, sobre sua subjetividade e sua posição no mundo. Nos fazendo compreender que a epistemologia está sendo uma nova forma de saber, ideias e conhecimento produzidos de mulheres negras. Dito isso, um pensar alternativo de conhecimento, que nem sempre são encontrados nos livros e escritos acadêmicos. Enfatizando que o pensamento feminista negro é calcado nas ideias produzidas por mulheres negras de/e para mulheres negras, pode-se até ser registrado e estudado por outras pessoas, mas ele é produzido por mulheres negras.

O pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras. Diversas premissas fundamentam essa definição em construção. Primeiro, a definição sugere que é impossível separar estrutura e conteúdo temático de pensamento das condições materiais e históricas que moldam as vidas de suas produtoras (Collins, 2016, p. 101).

As mulheres negras foram criativas na busca pela sobrevivência, enquanto as mulheres brancas não podiam trabalhar, elas já estavam nas ruas, desde o século XIX, no contexto da Bahia, como quituteiras, ganhadeiras e trabalhadoras informais, como acentua (Soares, 1996, p. 06) “além de circularem com tabuleiros, gamelas e cestas habilmente equilibradas sobre as cabeças, as ganhadeiras ocupavam ruas e praças da cidade destinadas ao mercado público e

feiras livres, onde vendiam de quase tudo.” Assim como Soares, Sueli Carneiro nos faz lembrar o quanto pensar, estudar e compreender os contextos aos quais mulheres negras estavam inseridas era de uma constante busca criativa pela sobrevivência.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (Carneiro, 2019, p. 314).

Mulheres negras que nunca puderam se sentir frágeis, pois estavam cotidianamente na busca por mais um dia de vida, tanto para si quanto para os seus. Sem contar os trabalhos intermináveis nas casas das mulheres brancas. Na luta pela vida, a criatividade foi e é uma estratégia de sobrevivência para muitas mulheres negras.

Pensar as estratégias de (re)existência dessas mulheres negras é pensar a arte como um meio possível de criatividade e de ruptura com ciclos de violências sociais e políticas que regulam os seus corpos e suas capacidades intelectuais. As sujeitas da pesquisa utilizam de seu fazer artístico como um caminho no qual a arte ecoe suas vozes, suas corpos, seus saberes, suas vivências, suas identidades, suas lutas e suas existências. Levando para o palco criações que conectam o que acreditam, com o que é vivido, sentido e que fazem parte de quem são.

Trouxe narrativas adquiridas na entrevista semiestruturada, pois foi nela que as sujeitas tiveram mais tempo para falarem de si, as narrativas tinham mais informações e dados sobre elas. Apesar de trazer anteriormente a etapa da entrevista semiestruturada para que as sujeitas se apresentassem, a primeira etapa metodológica foi a realização das oficinas. Em uma das oficinas quando falávamos sobre arte e as vivências artísticas das sujeitas, Viick, ao narrar sobre seu fazer artístico nos aponta que:

Hoje, através de minha arte eu me sinto como se tivesse liberta de uma caixa. Meu objetivo é mostrar que independente de cor, gênero ou sexualidade a gente poder ser o que quiser e deve poder ocupar qualquer espaço. Nas minhas produções busco mostrar ancestralidade e liberdade de expressão. Eu sinto que a arte veio até mim como forma de mostrar que eu posso e devo ocupar o os espaços na sociedade mesmo sendo difícil e a arte ainda sendo vista com um olhar de julgamento por muitos (Viick, 2024).

Para nós mulheres negras, arte não é um luxo. Na narrativa de Viick pode-se perceber o quanto a arte é significativa para/na sua vida. É liberdade, expressão, resistência, ação. É um grito de alívio e político que ao mesmo tempo que afirma também questiona e é provocador. Uma estratégia artística e criativa de firmar seus espaços e a sua corpa negra.

A arte como forma criativa e subversiva expressa legitimar vivências e conhecimento afirmativo das mulheres negras para além da objetificação das suas corpas negras, é uma forma de “moldar e sustentar as autodefinições e autoavaliações de mulheres negras” (Collins, 2016, p. 113).

Figueiredo (2015) em seu artigo *Carta de uma ex-mulata à Judith Butler*, nos traz um exemplo sobre a importância dessa autodefinição na vida de mulheres negras, principalmente no processo de desconstruir a imagem sexualizada atribuída à mulata e na construção de uma mulher negra valorizada, que se reconhece e tem orgulho de si.

Do mesmo modo, gostaria de salientar que a construção do corpo feminino negro, discursivamente construído como símbolo de resistência e como um elemento importante para a afirmação da identidade negra no Brasil foi elaborado como uma resposta para a excessiva representação sexualizada atribuída ao corpo da mulata. Quer dizer, mais do que um discurso endereçado à mulher branca, o discursivo afirmativo da mulher negra tem como objetivo a desconstrução da mulata discursivamente e sexualmente construída. O que importa agora é opor à imagem da mulata faceira, sexualizada, construindo, assim, a imagem de uma mulher negra orgulhosa de si e, portanto, valorizada (Figueiredo, 2015, p. 164).

As feministas negras passaram a questionar essas imagens que são “definidas” sobre elas e as intenções. Patrícia Hill Collins nos aponta que se faz necessário que mulheres negras definam a si próprias para romperem e rejeitem suposições daqueles que se “entendem” em posição de defini-las. “Tornar-se negra, portanto, descreve um processo de afirmação e de busca por uma autodefinição, ou, como sugere Patricia Hill Collins, a busca pelo controle da imagem” (Figueiredo, 2015, p. 165). Dessa forma, a autodefinição é uma forma de validar as mulheres negras enquanto humanas, enquanto sujeitas.

Feministas negras têm questionado não apenas o que tem sido dito sobre mulheres negras, mas também a credibilidade e as intenções daqueles que detêm o poder de definir. Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos (Collins, 2016, p. 104).

O outro é a autoavaliação pensada como uma análise dos conteúdos da autodefinição. Refletindo os padrões da condição de mulheres negras e sobre as ideias “escondidas” por trás das imagens estereotipadas com o intuito de sinalizar quais são os lugares das mulheres negras e como alguns comportamentos não são lidos de maneira positivo pelo padrão brancocêntrico, pois ameaça de forma direta os *status quo*. Assim sendo, a autoavaliação é um desafio contra um sistema opressor que a todo tempo tenta controlá-las a partir de imagens estereotipadas. Uma substituição de imagens estereotipadas por imagens positivas de mulheres negras; atentas aos atos performativos corporais e ao jogo em cena de imagens que são rasuradas, transformadas em lutas artísticas.

Ousei ao utilizar um exemplo na tentativa de explicitar melhor essa autoavaliação. A reutilização de palavras e imagens com cunho pejorativo substituídos no teatro, nas músicas, nas artes produzidas por mulheres negras, pela utilização como uma estratégia de enfrentamento crítico ao combate às imagens de controle dos grupos subalternizados:

Quando mulheres negras escolhem valorizar os aspectos da condição feminina afro-americana que são estereotipados, ridicularizados e criticados na academia e mídia popular, elas estão na verdade questionando algumas das concepções básicas que são usadas para controlar grupos dominados em geral (Collins, 2016, p. 104).

O feminismo negro é um ponto central e de fundamental importância que une o ativismo dessas diferenças “ser mulher negra” na luta contra a insistência dos sistemas de opressão. Enquanto houver opressão, haverá mulheres negras buscando elaborar formas criativas de existência.

Como acentua a socióloga Núbia Regina Moreira, não existe uma maneira única de ser mulher. Cada mulher negra tem suas especificidades. E precisamos enfatizar e (des)construir esse imaginário que categoriza a mulher como categoria universal:

As mulheres negras, de forma veemente, afirmam que a criação da universalidade mulher criada pelas feministas não era capaz de abarcar a singularidade das mulheres negras que histórico e culturalmente foram responsabilizadas pela sua própria sobrevivência e dos seus (Moreira, 2007, p. 109).

Reconhecer a diversidade entre nós mulheres negras é ampliar um leque de possibilidades estéticas inovadoras que são produzidas criativamente para enfatizar a singularidade, as crenças, as subjetividades e as identidades que nos tornam únicas. O fazer artístico pensado a partir das vivências pessoais conectado com o desejo pulsante por transformação, carrega consigo aspectos da individualidade de cada uma e do ativismo que

impulsiona esse ser mulher negra, artista e movimento. E nesse movimentar/contar e escrever nossas histórias. Contar a partir de nós e por nós. Sermos sujeitas, criativas e criação da nossa arte. Entendendo que a arte pode falar/expressar/contar sobre e a partir de nós. A arte é um caminho que a gente trilha ao mesmo tempo que nós somos e fazemos parte dele. Assim, conversando com as sujeitas, lhes pedi que me contassem um pouco sobre como começaram a fazer-ser arte. Jéssica me narrou na mesma oficina citada anteriormente na fala de Viick, que começou seu caminho nas artes através da escrita e apresentação de poesias e cordéis, o que culminou em aulas de teatro.

Eu lembro que eu fui pra igreja nesse dia e pedi pra Deus pra eu ter algum talento (risos) porque eu queria tanto viver aquilo que minhas amigas estavam vivendo. E aí eu pedi muito. Nesse ano eu escrevi uma poesia. Eu cresci muito próxima da minha avó, e ela me contava muitas histórias. Eu fui uma criança que ficava o dia inteiro assim escutando os casos antigos que ela tinha pra contar, eu ficava apaixonada. E essa poesia, que tratava de vários casos que ela tinha me contado. Eu passei no TAL, a escola foi pra Vitória da Conquista, lá eu tive contato com o teatro. Antes de passar no TAL na escola, eu tinha gostado dessa experiência de escrever. Eu escrevi uma outra parecida que foi pra apresentar numa feira de arte literária de um colégio que tem lá, que faz todo ano, fazia todo ano uma apresentação. Me inscrevi, aí ganhei em primeiro lugar nessa apresentação, aí eu apresentei na escola, ganhei de novo em primeiro lugar, aí eu fui pra Conquista. Lá eu tive contato com as oficinas, que os professores estavam dando umas oficinas lá, e abriu assim um universo, da arte do teatro. Eu cheguei lá muito tímida e com muito receio de apresentar. Através dos jogos, isso me mudou. Lembro que ela (professora) falou bem assim, que eu tava muito engessada, ela falou assim: Jéssica, essa história que você conta, você precisa trazer emoção dessa história que você ta contando. Essa história quem ta contando é sua avó, você sabe o que é cada coisa, você sabe, sente isso. Hoje à noite, você vai olhar no espelho e você vai apresentar lembrando de sua avó, disse aí, não é qualquer pessoa, é sua avó. Nisso ela me deu uma bacia, de lavar roupa, pra ensaiar. A gente chama de moleta cênica hoje, ne? Provavelmente eu não tava conseguindo apresentar de outra forma. (Risos). Aí eu apresentei e os professores ficaram encantados com minha apresentação. Eu não ganhei. Outra pessoa ganhou. Só que aí no outro ano, eu fiz de novo uma poesia e passei de novo (Jéssica, 2024).

Muitas de nós iniciamos nossa trajetória artística sem nem sabermos ao certo que estamos fazendo, só sentimos e acreditamos em nosso corpo. Assim como eu, que nem sabia o que estava fazendo quando acreditava ser só uma brincadeira. Jéssica inicia escrevendo, apresentando e tem acesso a aulas de teatro. A partir daí, deseja cada vez mais conhecer e fazer parte do fazer artístico. Sua escrita parte do que ela ouviu e sentiu quando estava atenta às histórias contadas por sua avó. Ela estava escrevendo experiências vivenciadas por ela. A partir de uma perspectiva pessoal, escreveu como era a experiência de sentar e se atentar para as histórias contadas.

Conceição Evaristo cunhou o termo *escrevivência* em 1944, durante a escrita da sua dissertação de mestrado. Com todo seu brilhantismo e através de um jogo de palavras entre

escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se, culminou na palavra *escrevivência*.

Escreviver é teoria e prática. É viver, observar, experienciar em coletividade também. Escrevivência primordialmente diz respeito à população negra, que escreve sobre si e sobre o coletivo. Uma escrita que surge a partir das suas vivências e experiências, principalmente de insubmissão, discriminação de gênero e raça. Como enfatizado por Evaristo, as mulheres negras escravizadas possuem uma ligação histórica com este termo, devido ao fato que essas mulheres, para ninar os da Casa-grande tinham que contar suas histórias. Dessa forma, a escritivência não está posta para que se tenha um sono tranquilo, mas sim para borrar a imagem desse passado cruel e incomodar os sonos injustos.

Para resistirmos e existirmos, nós mulheres negras desenvolvemos estratégias criativas. Seja através das lutas, das marchas, da ida as ruas, atuando, dançando, cantando e escrevivendo. Para Evaristo (2007):

Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (Evaristo, 2007, p. 20).

Conhecer esse conceito, me possibilitou o sentimento de fazer parte da vivência de muitas mulheres negras, assim vejo esta escrita com uma estratégia para valorizar e enfatizar as subjetividades. Uma escrita que é permeada pela oralidade, possibilitando um diálogo mais real e mais próximo e íntimo com a(o) leitora/leitor. O silenciamento, o apagamento e a invisibilidade principalmente de mulheres negras deixaram marcas tão profundas que, o ato de escrever se tornou um espaço de intimidade e uma forma de vociferar as nossas dores e vivências que por muito tempo estiveram guardadas só para nós. Escreviver é expor uma intimidade, mesmo que às vezes seja para nós mesmas.

Compreendo assim, que *escrevivências são* narrativas das experiências de pessoas negras, escritas por pessoas negras, partindo das vivências individuais, mas que se entrecruzam com as vivências do coletivo, em especial das mulheres negras. A escrita de si como uma estratégia de resistência a diversas opressões interseccionais, ao apagamento e a invisibilidade. *A escrevivência é* uma forma potente e singela de valorização da existência da pele alvo:

Do que eu ouvi, colhi essas histórias. (...) Assim caminho por entre vozes (...) De muitas histórias já sei, pois vieram das entranhas do meu povo. (...) Outro dia me indagaram sobre a verdade das histórias que registro. Digo isto apenas: escrevo o que a vida fala, o que capto de muitas vivências. *Escrevivências* (...) (Evaristo, 2017, p. 17).

Escrever desde o início. Relembrar e contar os passos dados e as experiências vivenciadas. Olhar para trás e perceber toda a trajetória percorrida que possibilitou chegar até o tempo do hoje. Fernanda, através de sua narrativa e na mesma oficina já citada, nos aponta que a sua trajetória artística se inicia de maneira muito próxima a de Jéssica:

Minha irmã gostava muito de participar de peça na escola e talz, aí eu comecei a participar de peça na escola. Eu lembro que a primeira peça que eu fiz os professores ficaram tipo, meu Deus Fernanda! Porque eu não conversava, eu era muito tímida, e ficou todo mundo, Meu Deus ela fala. (risos) Aí eu falei que legal, acho que eu quero isso pra minha vida. Ai, enfim, eu lembro, que a primeira linguagem artística, achei um episódio muito engraçado. Tipo, eu escrevia quando eu tava com muita raiva. Eu escrevia, e comecei a escrever poesia (Fernanda, 2024).

Elas produzem e criam a partir de quem são. Encontram a inspiração criativa em suas identidades, em suas trajetórias e experiências. Se compreendem enquanto quem são, as narradoras/autoras de seu fazer/ser arte.

Unir diferentes mulheres negras, com realidades, vivências e saberes diferenciados é entender que o conhecimento está para além do acadêmico. Uma epistemologia que não está presente nos livros, mas sim nas particularidades de cada uma. A construção de um saber coletivo que se constituirá a partir de saberes das oprimidas.

As mulheres negras presentes no movimento feminista negro conscientizaram-se do importante papel que desempenham dentro dele, proporcionando assim maior visibilidade e a construção de um movimento independente de mulheres negras que pautam suas especificidades, desde os primeiros passos até os dias de hoje.

O movimento de mulheres negras demarcava a sua identidade mediante a negritude que estava inscrita nos corpos das ativistas. Identidade e diferença é um binômio que se aglutina nessa luta de negociação para representação política, pois estamos falando do campo político onde seus jogadores precisam articular os discursos na esfera pública. Para tanto, a representante da enunciação, aquela que é legítima para falar, exerce um papel relevante para aqueles que são representados. Nesse jogo, questões que demarcam as cisões no interior do campo são concernentes às próprias negociações que proporcionam construção e reconstrução de identidades (Moreira, 2007, p. 76).

O movimento feminista negro impacta positivamente na aceitação enquanto mulher negra e de sua ancestralidade. Na afirmação da identidade e o fortalecimento da luta. “Somente nós mesmas podemos nos definir” (Moreira, 2017, p. 72). Compreendo assim, que falar sobre questões étnico-raciais e de gênero é falar também sobre ancestralidade. Porque foram as diferentes narrativas de vidas e experiências que possibilitaram que hoje tenhamos espaço na

teoria do conhecimento. Precisamos fortalecer cada vez mais as nossas potências, as vozes negras que já estão e as que virão, evitando assim o epistemicídio.

Potencializando os nossos saberes e fazeres pessoais e artísticos, numa troca entre fala/escuta e arte/ato e vivências, pois:

[...]é necessário transformar as reflexões e os discursos em atos/experiências concretas e objetivas que visam mudanças estruturais, isto é, reparações que potencializem, entre outras coisas, o ato da fala e a escuta daquelas/es que “não pertencem” e fissurem os nós que perpassam o caminho entre poder dizer e ser escutada/o (Martins, 2023, p. 211).

O que se propõe aqui é pensar nas trocas entre nós mulheres negras, através da arte e do diálogo. Nessas trocas, as vivências, conhecimentos, subjetividades e diferenças serão entendidas e compreendidas como parte da identidade de cada mulher negra. As singularidades compõem quem somos, quem desejamos ser e traz aspectos daquelas que nos ajudaram na (des)construção dessa corpa negra que caminha em busca de nós mesmas. A partir dessa compreensão:

Logo, o corpo da mulher negra invadido por uma voz que já viveu, sobretudo, em “todos os campos de algodão” é um corpo performativo, pois o que se repete nele são experiências, vivências, conhecimentos e saberes ancestrais em diálogo com o ontem, o hoje, o amanhã e com o que ainda está por vir (Martins, 2023, p. 222).

A vida da mulher negra é permeada por diferenças. Cada corpa com suas histórias, marcas, cicatrizes, conquistas, desejos, entre tantas outras. É importante compreender que as diferenças entre nós mulheres negras está para somar e fortalecer as nossas lutas, resistências e existências. A diferença é uma força para a nossa sobrevivência. A socióloga Núbia Regina Moreira, ao falar sobre a diferença, afirma que:

Diferença comparece para que a relação social deva ser entendida como trajetórias contemporâneas e históricas de circunstâncias materiais e práticas culturais nas quais se produzem as condições para a construção das identidades dos grupos (Moreira, 2007, p.76).

Não podemos continuar perpetuando as lições que foram impostas pelo patriarcado. “A incapacidade das feministas acadêmicas de reconhecer a diferença como força crucial é uma incapacidade de ultrapassar a primeira lição patriarcal” (Lorde, 2019, p. 138). Ressalto que é importante o entendimento em utilizar de maneira positiva as diferenças que são essenciais na construção e na aceitação da identidade de cada pessoa, pensadas como propulsoras de um

espaço no qual exista segurança e oportunidade de ecoar outras vozes e atentar escutas para as subjetividades. “A luta das mulheres negras é comprometida com o resgate das suas histórias, recriando em suas potencialidades a tentativa de buscar mudanças que permitam novas experiências relacionais e de poder na sociedade” (Moreira, 2007, p. 75).

Pensar o fazer artístico para enfatizar essa corpa negra, que expressa, que sente, que fala e é ouvida, que existe, que se aceita, que se afirma e pertence, que é dona de si, está para além da denúncia, preocupa-se com a poética das subjetividades, com as histórias, com a política, com a (des)construção, com o rompimento de estereótipos e de visibilizar as opressões interseccionais que permeiam a vida de mulheres negras. São teatralidades pensadas e feitas de/para nós negras.

Nesse sentido, parte das teatralidades contemporâneas negras pensam nos corpos como textos da negrura, como expressão do que representam e do que ainda podem representar, para além de uma leitura somente política e de denúncia. Essas teatralidades buscam, sobretudo, uma leitura assinatura estética das dores, dos ressentimentos, das alegrias e da própria história, numa espécie de poética e política da/na forma. Essa inversão é importantíssima, na medida em que propõe uma desconstrução de estereótipos, não no sentido derridiano de desmontagem para uma reinterpretação dos textos, mas no sentido de uma implosão de imaginários forjados dentro de estruturas racializadas, cujo objetivo é proibir as/os negras/os de participarem da história como força independente, sensível e livre. Essa desconstrução, assim entendida, funda espaços para dar a ver e deixar crescer teatros negros outros, identidades, memórias, histórias e quererem alternos, por meio de outras referências, subjetividades, imagens, textos, saberes, organizações e poéticas, muito além da caixinha de identidade redutora em que as pessoas negras, sistematicamente, são colocadas (Martins, 2023, p. 53).

Nesse sentido, acredito que a arte é um local propício para ecoarmos as nossas vozes e atingirmos mais pessoas, confiando assim, na força mobilizadora que ela possui. Ainda mais quando é criada por mulheres negras que estão falando sobre suas verdades que serão transmitidas a espectadoras que possivelmente serão atingidas pelo que está sendo apresentado, ocasionando uma reflexão íntima sobre si, diversas emoções, entre elas, a aceitação e entendimento de suas identidades.

O fazer artístico é uma forma de ecoar as nossas vozes e alcançar mais mulheres negras, mostrando como a arte possui forte dimensão política, a partir de nossa corporalidade. No palco podemos encenar ficções como podemos levar a própria vida para se tornar cena. Entre ensaios e textos, vou narrando a minha vida ora atuando, ora desejando que as vivências fossem apenas atos com um tempo limite para se findarem e ora pedindo que cada cena possa se repetir. Assim, experienciando uma verdadeira arte no palco da vida real enquanto uma mulher negra lésbica.

1.4 LUZ, CÂMERA... RESISTÊNCIA: MULHER NEGRA NO PALCO DA VIDA REAL

Não é fácil escrever quando toda a nossa vivência é questionada e posta à validação o tempo todo. Acreditar que o produto que emana de nosso intelecto seja algo proveitoso é por vezes um processo doído – mesmo não devendo ser – mas necessário, como diz Anzaldúa (2021) “não deixemos a tinta de nossas canetas coagular.” Que usemos o nosso sangue se necessário for, para que a nossa escrita aconteça e provoque transformação em nós e todes que leem.

Aqui estou, imersa nesse processo de me derramar na escrita partindo das inquietações, frutos de uma vivência de mulher negra, pobre, artista, feminista negra, nordestina do interior da Bahia e lésbica. Que teve toda a sua infância atravessada pela estrutura de um país alicerçado no cishetoropatriarcalismo. Os exemplos são vários, mas parto daquele que me marca até hoje quando me recordo; EU ME IDENTIFICAVA COM UMA MENINA MORENA! No meu imaginário corrompido por uma sociedade que afirmava a todo tempo que o branco era bonito e o preto era feio, eu não queria ser negra. Cresci acreditando nessas duas mentiras citadas. Não era difícil para uma menina negra não aceitar a sua identidade, até porque não nos víamos representadas nos programas de TV, nos desenhos, nos artistas, nos livros tanto de contos quanto os didáticos. Tudo que era chegado a nós, enfatizava a branquitude⁶ como o ideal, e para nós negras, um ideal a ser “aproximado” porque alcançado, nunca seria.

Foi na minha infância, a meu modo, que encontrei a arte. Fazia da carroceria do caminhão de meu tio, o meu palco, no qual realizava shows para a minha família. Minhas primas e primos entravam na brincadeira/realidade junto comigo. Eram shows de músicas, coreografias, programas de entrevistas e peças teatrais. E, a partir desse brincar de fazer arte, que surge o meu encanto pela poesia do fazer artístico. Que me impulsionou a cursar Licenciatura em Teatro, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Jequié. E foi nesse trajeto que eu me descobri negra. Feminista. Artivista. Lésbica.

Ressalto a importância do contato, da troca, do cuidado, da paciência de mulheres autodeclaradas negras e feministas negras na minha caminhada de descoberta de mim, de minha identidade, das minhas convergências e divergências. Além de perceber e entender a arte como política, na qual poderia ser utilizada para alcançar mulheres negras e pautar as diversas agendas

⁶ Trago branquitude aqui, a partir do pensamento da autora, psicóloga e ativista Cida Bento: De fato, branquitude, em sua essência, diz respeito a um conjunto de práticas culturais que são não nomeadas e não marcadas, ou seja, há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais. Ruth Frankenberg o chama a atenção para branquitude como um posicionamento de vantagens estruturais, de privilégios raciais. É um ponto de vista, um lugar a partir do qual as pessoas brancas olham a si mesmas, aos outros e à sociedade (Bento, 2022, p. 62).

políticas que permeiam a nossa vivência. Assim, essa escrita será atravessada pela poesia das artes, epistemologias feministas negras e de fontes originalmente pretas e não daquelas que “brincam” de ser preto, para poderem falar de nós.

Não caberia aqui, não trazer um pouco dessa mulher negra que se faz presente. Nesse processo de ser-estar escrita, nosso corpo pulsa nossas subjetividades que também são conhecimentos, mesmo entendendo o quanto a academia por muitas vezes desqualificou essa forma de saber e de escrita, “alguém quer fazer (e manter) o conhecido desconhecido” (Kilomba, 2019, p. 42). Para nós mulheres negras poder escrever é um ato no qual o que vai para o papel é parte de quem somos, do que vivemos e do que desejamos. Que esse ato nos impulse a tirarmos a mordança que por muito tempo tem nos silenciado e consigamos alcançar outras de nós que também tem muito a falar e muito conhecimento para propagar.

A máscara que um dia silenciou Anastácia tem se ressignificado ao longo dos anos e nos silenciado cotidianamente. As estratégias se tornam cada vez mais violentas para nos lembrar quem pode falar e quem pode viver. A subalterna não pode falar, nem escrever, nem compartilhar conhecimentos. Um esvaziamento e silenciamento estratégicos para possibilitar a continuidade de um apagamento e da ausência.

Essa ausência simboliza a posição da subalterna como sujeito oprimido que não pode falar porque as estruturas da opressão não permitem que essas vozes sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para a articulação das mesmas (Kilomba, 2019, p. 47).

Diante do exposto, às vezes a raiva é o que nos permite sobreviver. Torna-se uma estratégia de sobrevivência. Sentir o quanto a nossa infância foi ditada pela colonização, possibilitando assim, a não aceitação de nossa identidade desde muito novinhas. Alisar os cabelos crespos era uma regra a ser seguida dentro de várias famílias negras de nosso país. Observar as mulheres negras de nossas famílias sendo tratadas como subservientes aos seus maridos, aos homens da família e aos “homens”. A tomada de consciência sobre as opressões de classe, gênero, raça e sexualidades tornam-se um arsenal de sentimentos na vida de mulheres negras. Sentimentos esses que vão desde a dor, sofrimento, à raiva. Estruturalmente, estamos na base da pirâmide social. E se você for uma mulher negra que não se “enquadra” nos “padrões” heteronormativos, está ainda mais vulnerável às diversas formas de opressões. Sobre a raiva, a escritora afro-americana Audre Lorde, que se autodefinia como preta, lésbica, mãe, guerreira e poeta, além de ser uma das principais referências do feminismo negro e lésbico, enfatiza que:

Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou a uma redução temporária das tensões, nem à habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas (Lorde, 2019, p. 159).

Concordando com o que foi enfatizado pela autora e refletindo sobre, fica o desejo de que possamos utilizar a nossa raiva com uma ferramenta potente em prol das mudanças significativas para a nossa existência. Não sejamos violentas, mas também não deixaremos de lutar pelo direito à vida. Nessa perspectiva, no presente trabalho utilizei a raiva no meu fazer artístico, para me perceber enquanto criadora das minhas teorias, uma pessoa capaz, que na vivência e na troca com outras mulheres negras entende-se não mais como um objeto de estudo.

A escritora chicana, nascida nos Estados Unidos Gloria Anzaldúa, sapatão-feminista, artista, em seu ensaio *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, nos instiga a compreender a importância de nós mulheres negras de terceiro mundo escrevermos. Usar nossa escrita para falarmos de nós e para nós. Escrever para o mundo aquilo que é visto, mas não é falado. Não permitindo mais que contém as nossas histórias por nós. Escrever para que nossa história seja contada corretamente e não mais nos assombre, “nossa história nos assombra porque foi enterrada indevidamente. Escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente” (Kilomba, 2019, p. 224). Escrever para que outras de nós sintam-se representadas e encorajadas a escreverem sobre si e/ou sobre nós. Escrever acima de tudo como uma forma de sobrevivência, porque o não escrever pode ocasionar a continuidade do apagamento de nossa existência.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta, porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofridora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2021, p.51-52).

O silenciamento é uma arma perigosa que invisibiliza nossa existência e provoca medo

de não sermos capazes. Esse medo é paralisante, mas não pode nos impedir de escrevermos a nossa existência e os nossos conhecimentos. Eu estou aqui me colocando para o mundo, sangrando nesta escrita que fala de mim, enquanto mulher negra e de outras iguais a mim, mesmo dentro de suas/nossas individualidades. Ressalto que não podemos universalizar a mulher negra. Como nos diz Luiza Bairros (2012, p. 843) “se a gente for querer achar que existe uma forma única de ser, não vai dar certo”. Somos possuidoras de individualidades, experiências, vivências, práticas, conhecimentos, sexualidades entre tantas outras especificidades que são distintas. Existe uma heterogeneidade dentro do grupo de mulheres negras.

E se não somos um ser universal, ser uma mulher negra e lésbica desafia toda uma lógica de dominação cisheteronormativa. Ser lésbica é um ato político. Assumir para o mundo o seu amor pelas mulheres é uma desobediência a todo um modelo que foi pensado e estruturado para as mulheres. “Levanto-me contra a imposição da cisheterossexualidade, que está disposta a me matar por não corresponder à sexualidade dita “normal” (Fatumma, 2023, p. 19). Que nunca nos falte a coragem de assumir nosso amor, admiração, respeito por outras mulheres negras.

As sujeitas da pesquisa me narraram abertamente sobre suas sexualidades. Ao falar da sexualidade elas trazem a relação consigo mesmas. Como é ser quem são para elas. As narrativas delas reforçam a importância de assumirmos as nossas identidades e enfatizarmos que estamos aqui, que merecemos e precisamos de respeito, sermos ouvidas, vistas e amadas. Elas são corajosas e ecoam quem são para o mundo.

“Eu sou bissexual. Mas, eu prefiro me relacionar com mulheres. E hoje me sinto confortável me falar isso. Reprimi por medo, durante muito tempo” (Fernanda, 2024).

“Eu sou bissexual. E gosto da minha sexualidade. Me identifico mesmo com ela. As pessoas não entendem a bissexualidade. Acham que é brincadeira, fase, pegação. Mas, sou bem resolvida quanto a minha” (Jéssica, 2024).

“Eu sou lésbica. Na verdade, me entendi lésbica faz pouco tempo. E é quem eu sou. Não tenho vergonha. Apesar de ainda existir o medo de assumir, por causa da nossa sociedade homofóbica. Convivi acreditando que tinha algo errado comigo. Que meus desejos não eram algo bom ou positivo” (Viick, 2024).

“Eu sou uma mulher que ainda estou descobrindo a minha sexualidade. Não sei, e acho que nem quero definir, sabe?” (Umberd, 2024).

Essas narrativas acima citadas, foram obtidas através da entrevista semiestruturada. A narrativa das sujeitas nos enfatiza que mesmo tendo medo e se deparando com discursos que

tentaram/tentam invalidar, oprimir e demonizar suas sexualidades, elas estão aqui e são assim. A sexualidade de cada uma faz parte das pessoas que elas são hoje. E elas aceitam e aprenderam a se amar e ver amor onde por muitas vezes “plantaram” ódio.

A narrativa de Jéssica sobre sua bissexualidade é um reflexo do quanto as pessoas ainda veem a bissexualidade de maneira deturpada. Criou-se um entendimento de que o correto é sermos pessoas que se “encaixam” na monossexualidade⁷, como se a sexualidade fosse algo estanque. Enxergando como errôneo o fato de se relacionar com homens e mulheres, e não com um gênero apenas, como se fossem pessoas incompletas. Fernanda Coelho é uma militante bissexual, a partir de sua narrativa pessoal, nos enfatiza que “não somos metade lésbicas e metade hétero. Essa é uma afirmação que parte de um ponto de vista equivocado, pois nos mantém em um padrão de subalternidade inadequado. Somos inteiras” (Coelho, 2019, p. 236).

O patriarcado provoca no imaginário de meninas que estão se descobrindo lésbicas, bissexuais e outras sexualidades que não a hétero, como se fosse algo ruim, pecaminoso e errado. As artimanhas do patriarcado são propagadas também no interior de muitas famílias. Que veem a lesbianidade e as demais sexualidades que não a heterossexualidade como um erro, provocando assim uma exclusão de meninas que se assumem lésbicas ou bissexuais. A autora e ativista negra Ângela Figueiredo (2015) enfatiza como a pauta da homofobia no interior das famílias, são importantes para o reconhecimento de opressões nesse espaço e na sociedade, “escurecendo” também como este exercício tem sido encabeçado pelas feministas negras:

Entretanto, o exercício proposto por Anzaldúa e Schulman ao denunciar o racismo, o sexismo e a homofobia no interior da família demonstram como é importante o reconhecimento dessa dupla opressão existente na família e na sociedade. O debate sobre o machismo e a homofobia no interior da comunidade negra tem sido uma pauta encabeçada apenas pelas jovens feministas negras, insatisfeitas e não mais dispostas a pactuar com o alto preço de silenciar tais questões. Sinceramente, acho que já está na hora de romper o silêncio, de fazer ruir as estruturas familiares e sociais que tanto damos suporte como o quanto nos oprimem (Figueiredo, 2015, p. 159).

Muitas meninas foram silenciadas e obrigadas a esconder seus sentimentos por outra mulher. “O patriarcado é um monstro que assusta a subjetividade de todas as crianças” (Fatumma, 2023, p. 31). Ancoradas pelo amor, pelo desejo e pelos escritos de lésbicas negras, continuaremos nos amando.

⁷ A monossexualidade pode ser compreendida como uma estrutura normativa que pressupõe que todas as pessoas sejam monossexuais, como se fosse um padrão “natural”. Esse discurso invalida e reforça a invisibilidade bissexual.

Em nossa sociedade, viver o prazer de gozar o compartilhar amor e vivência com outra mulher negra é um ato de coragem. E com essa coragem, não sucumbiremos às imposições ultrapassadas e lesbofóbicas. Desejando esperançosas que aprendam a respeitar o amor entre mulheres pretas. “O amor entre mulheres, sobretudo entre mulheres negras, desce amargo na garganta daqueles que não nos enxergam como humanas” (Fatumma, 2023, p. 44). Sejamos desobedientes pela nossa sobrevivência, existência e pelo direito de amar.

Gozo, prazer, mulheres pretas se amando, enaltecendo-se e respeitando-se, assumir o amor entre mulheres negras não é tarefa fácil. Entre tantas restrições e “ensinamentos” que cercam as nossas vivências como mulheres negras, o erótico, a partir de uma dominação patriarcal, foi por muito tempo propagado como algo demonizado e suspeito para nós. “O erótico é frequentemente deturpado pelos homens e usado contra as mulheres” (Lorde, 2019, p. 68) fomos forçadas a uma cegueira sobre a força criativa e empoderadora do contato com o nosso íntimo, com o erótico. Pois, como enfatiza Lorde:

Quando falo do erótico, então, falo de uma afirmação da força vital das mulheres; daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas (Lorde, 2019, p. 70).

Ser uma mulher negra lésbica e/ou bissexual que tem entendimento do poder do erótico é compreender que a sua vivência é de desobediência destemida, que está em conexão consigo mesma, com as suas capacidades criativas e de sentir. E esse conhecimento do nosso erótico é uma arma poderosa contra o *cistema*⁸ *heteropatriarcal*.

Ressalto que se faz necessário refletirmos sobre as questões acima apresentadas como o erótico, pensando sobre como as vivências de mulheres negras e lésbicas foram permeadas de diversas formas de silenciamentos e opressões. Enfatizo que essas opressões interseccionais acontecem nos mais diversos espaços. A minha hipótese que orienta essa pesquisa é que há uma interseccionalidade estrutural de opressões dentro do campus da UESB de Jequié-Bahia, relacionada com o racismo, o sexismo, a lesbofobia e o cis-heteropatriarcado que violam os corpos das licenciandas negras com o objetivo de as oprimir para silenciar. Oprimir para invisibilizar. Oprimir para não nos amarmos, porém a arte transforma essas licenciandas em Artivistas.

⁸ Utilizando esta escrita como uma forma de enfatizar como a nossa sociedade é arraigada por um pensamento no qual o aceitável e o ideal são “corpos” que afirmam uma binaridade de gênero; feminino/masculino, homem/mulher a partir dos órgãos genitais, excluindo assim, as outras possibilidades de performance de gênero.

1.5 NÃO EXISTE HIERARQUIA DE OPRESSÃO: PENSANDO A INTERSECCIONALIDADE NAS EXPERIÊNCIAS

Sou uma mulher, negra, lésbica, feminista negra, interiorana, pobre. Uma pessoa que a todo tempo sou lembrada pelas estatísticas e realidade que o meu corpo, não era para existir. Que a minha existência é indesejada nos espaços. Que por ser negra minha pele é um alvo. Por ser lésbica, sou um corpo vulnerável a espancamentos e estupros “corretivos”. A partir de tudo que é/foi por mim experienciado e pelos conhecimentos aprendidos com o feminismo negro, com o ativismo “É inconcebível para mim, que certa parte de minha identidade possa se beneficiar com a opressão de outra. Eu sei que meu povo não vai se beneficiar com a opressão de qualquer outro grupo que esteja também na busca pelo direito de existir em paz” (Lorde, 2023, p. 235).

Minha vivência é marcada por quem sou. Quando me apresento ou chego aos lugares, não separo a minha cor da identidade sexual ou de gênero – mesmo sabendo que a minha cor chega antes nos espaços. Meu corpo não esconde as minhas raízes nem as minhas escolhas. Enfrento, caminho, aponto, atravesso, faço, refaço, mesmo sendo alvo. Escolho o que levo, mas não quem sou. As minhas lutas foram desafiadas pelo entendimento e aceitação de mim mesma. O racismo, machismo, a LGBTfobia são opressões interseccionais que atravessaram a minha existência e de outras, pelo fato de sermos nós. Não consigo aceitar que uma luta seja mais importante que a outra. “Não existe hierarquia de opressão” (Lorde, 2019, p. 236).

Penso no racismo como sendo a opressão mais agressiva e a basilar para as demais formas de oprimir. Enfatizo que não estou sobrepondo-o sobre as demais, mas enxergando-o como uma engrenagem propulsora e perversa, que articula e “organiza” outras opressões. A cor da pele é um grande diferencial nas relações e aceitações. Para muitos olhos e espaços a nossa pele chega antes e para outros a nossa pele é invisível, não humana. Nos generalizam e colocam em um grupo homogêneo desumanizando nossa existência e apagando as nossas subjetividades únicas e individuais.

Carneiro (2005) nos apresenta duas concepções para pensarmos a atuação e operacionalização do racismo em nossa sociedade. Dois vieses de uma mesma opressão adocedora e paralisante no que tange o grupo oprimido.

Racismo enquanto dispositivo de poder de sociedades multirraciais nas quais ele opera como um disciplinador, ordenador e estruturador das relações raciais e sociais. Enquanto dispositivo disciplinar das relações sociais, institui relações raciais como complexificação das relações sociais, amalgamando às contradições de classes, as contradições de raças. Isso institui a pobreza como condição crônica da existência

negra, na medida em que a mobilidade de classe torna-se controlada pela racialidade. Essa dinâmica tem efeito paralisante sobre o grupo dominado, produzindo seu confinamento aos patamares inferiores da sociedade e produzindo resistências que se constituem mais como mecanismos de inscrição da racialidade, subjugada na dinâmica do dispositivo, e menos como estratégia de emancipação (Carneiro, 2005, p.70).

A partir do que foi exposto pela autora, percebe-se uma articulação entre poder e disciplina. As ações pensadas a partir da estrutura racista operam na manutenção da dualidade oprimido/opressor. Nessa organização as relações são controladas, delimita-se os lugares de brancos e lugares de negros. O que é desumano, ruim, não aceito, imoral é associado ao negro, enquanto o ser ideal, símbolo da “perfeição” é associado ao branco. Esse controle pautado na racialidade é adoecedor e, por vezes, paralisa quem sofre os seus efeitos. Dessa forma, infelizmente torna-se corriqueiro que a desumanização do negro – nesses lugares impostos, os estereótipos criados e tantas outras estratégias arquitetadas em prol da permanência de uma dinâmica racial – nos condicione e nos confine à inferioridade. O racismo então, com sua artimanha, tenta a todo custo possibilitar que o branco tenha uma vitória e lugar central em nossa vida. “O racismo não descansa. Por isso mesmo, a luta tem que ser permanente, contínua” (Carneiro, 2005, p. 305).

Não há espaços para descanso, principalmente para nós mulheres negras. A mulher negra está inserida numa sociedade, como nos aponta Luiza Bairros (2020, p. 208) “é racista, sexista, marcada por profundas desigualdades sociais”, possibilitando que a vida dessa mulher seja atravessada por diversas estruturas de poder interligadas. Essas intersecções são percebidas de diversas formas no cotidiano de mulheres negras, seja em casa, no trabalho, na universidade, na rua. Todo lugar é propício para que opressores se sintam no direito de oprimir. “[...] cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidades e ausência de seguridade social para as mulheres negras” (Akotirene, 2019, p. 63). Mas, as mulheres negras não estão sucumbindo a esse destino que lhe foi imposto, articulando-se com outras, procuram cada vez mais romper com esse elo de opressões. Os exemplos de criação de espaços de pertencimento étnico e de acolhimento liderados por mulheres negras podem ser entendidos através das nossas experiências históricas. Sobre a noção de experiência, Figueiredo nos afirma que:

Experiência é um conceito importante para o feminismo e para o feminismo negro. "O pessoal é político", uma das importantes contribuições do feminismo revela o elo entre a experiência pessoal, individual e coletiva. De acordo com Collins (2000), a experiência é a base fundamental da epistemologia feminista negra (Figueiredo, 2020, p. 9).

As mulheres negras historicamente sempre estiveram envolvidas na luta por justiça e igualdade; porém, sua presença foi por muito tempo invisibilizada e silenciada, seja no feminismo ou no movimento negro. Ou seja, a mulher negra sofria racismo dentro do feminismo, por parte das feministas brancas e sofria machismo e sexismo dentro do movimento negro, por parte dos seus companheiros homens negros.

Essa invisibilidade se intensifica ainda mais nas artes. Quantas atrizes negras passaram anos atuando apenas em lugares de subserviência, em papéis que inferiorizavam nossas corpos pretas, sem nunca serem vistas como protagonistas? Para além dos papéis existe a falta de oportunidade para que possam mostrar seu fazer artístico ou que possibilitem espaços aos quais através de sua arte consigam se destacar e serem vistas.

As engrenagens racistas se articulam para que nós pessoas negras tenhamos cada vez menos oportunidade e visibilidade. Quantas pessoas conhecem ou já ouviram falar de Fernanda Júlia Onisajê? Uma mulher negra, baiana e das artes. Onisajê foi a primeira mulher negra a dirigir um espetáculo teatral pela Escola de Teatro da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFBA), no ano de 2019. A diretora trouxe para o palco um elenco composto por atores e atrizes negras e negros, estreando com *Pele Negra, Máscaras Brancas* na abertura do III Fórum de Arte e Cultura, em Salvador. A direção de Onisajê pode ser considerada um acontecimento histórico, representativo, mas também revoltante, pois só ocorreu após 63 anos de criação da Escola de Teatro da universidade baiana.

Onisajê é uma entre tantas artistas que são vítimas de um país (a)fundado numa base racista, que escolhe quem pode ser visto, ouvido e lembrado e quem não. Mas assim como Onisajê, as sujeitas da pesquisa encontraram na arte um caminho para lutar, viver e resistir.

Pensar na presença de Onisajê aqui nesta escrita é ao mesmo tempo questionador. Ela é um grande exemplo para o teatro de um modo geral, mas é uma referência da capital (Salvador). Não são produzidas pesquisas e nem reconhecimentos voltados para as artistas interioranas. A produção e a “pouca” visibilidade ainda são focadas nas artes da capital. Enfatizo aqui, que não estou questionando o reconhecimento de Onisajê, estou questionando cadê a visibilidade para as artistas interioranas?

Trouxe Onisajê para abordar um pouco sobre a invisibilidade de mulheres negras nas artes, mas também por uma proximidade territorial. Aqui me ancoro também em uma entrevista realizada com a atriz Bárbara Santos, sobre a sua indicação como atriz coadjuvante ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. Um primeiro ponto que me chamou atenção principalmente quando pensamos na invisibilidade de mulheres negras artistas, é que a Bárbara foi umas das poucas mulheres negras indicadas a esse prêmio. Mesmo sua indicação ser um grande avanço,

a atriz não levou a premiação, perdendo-o para uma atriz branca. Como disse a própria atriz “Ao mesmo tempo, foi um choque de realidade saber que nenhuma atriz negra foi premiada e que pouquíssimas foram indicadas antes de mim” (Santos, 2020). Ela, uma mulher negra foi indicada, mas não foi premiada. Me provocando assim um sentimento de que ainda existe uma continuidade dos “lugares” que foram impostos para nós, de inferioridade e subalternidade, mesmo com todas as lutas e estratégias enfrentadas e desenvolvidas por mulheres negras, ainda não “querem” nos tratar nem nos verem na horizontalidade.

Quando pensamos em artistas negras, além da luta para vencer a invisibilidade ainda existem as personagens que trazem as mulheres negras em posições inferiores e que privilegiam e enaltecem pessoas brancas. Mas, somos criativas, nos reinventamos e criamos novos espaços e autodefinições de/para nós mesmas. Sobre essas artistas Bárbara Santos aponta que:

São artistas que têm que vencer tanto a invisibilidade absoluta quanto a limitação dos estereótipos. Por um lado, uma maioria absoluta de narrativas brancas que privilegiam personagens brancas, por outro lado, entre as personagens negras disponíveis, a predominância de abordagens estereotipadas, desumanizadas e genéricas. Para ultrapassar essas barreiras, artistas negras têm que inventar seus próprios espaços (Santos, 2020).

O que é exposto por Santos, é um reflexo de como o racismo e o sexismo se articula nos diferentes espaços e vitimiza mulheres negras em diferentes atuações. "Ao longo de minha atuação profissional, fui me dando conta que a grande maioria dos espaços de prestígio eram ocupados por homens, especialmente brancos e de classe média” (Santos, 2020). A presença de artistas negras e negros nos palcos interpretando personagens contrários aos estereótipos se deu através de muitas lutas, resistências e inventividade.

Para artistas negras, nos era/é limitada a condição de poder escolher os papéis. Inconformadas e conscientes de que merecíamos espaços e oportunidades, muitas artistas negras buscaram criar possibilidades outras para a presença de negras e negros nas artes. Um processo que tem continuidade nos dias de hoje, mesmo com pouca visibilidade, percebemos que a arte tem sido um caminho no qual principalmente as mulheres negras têm utilizado de maneira inventiva para não mais serem apagadas e nem silenciadas. Uma longa trajetória estrategicamente criativa, articulada com seus saberes para fazer de oportunidades escassas um espaço para a transformação.

A força motriz desse processo é a persistência, a ousadia, a inventividade, o sentido de solidariedade e o compromisso com a coletividade. Nesse sentido, as mulheres negras são a locomotiva. Produtoras, roteiristas, jornalistas, diretoras, atrizes, técnicas nas mais diversas áreas têm multiplicado vozes e ações concretas para superar todas

as limitações impostas por um sistema racista para dar volume e visibilizar suas narrativas (Santos, 2020).

Mulheres negras na linha de frente em diferentes embates. Na busca por possibilitar mudanças significativas para si e para as demais. Deixando legados e abrindo fissuras que serviram/servem como espaços para que novas realidades e trajetórias se façam reais e força para que nas pequenas e poucas oportunidades, as transformações sejam possíveis.

Sob a perspectiva de ser uma corpa negra em um país onde tudo que é associado à minha pele e a minha identidade é visto como negativo, inferior e ruim, encontro nas narrativas de outras mulheres negras o impulso para compreender e enfatizar que nosso caminho artístico e ativista precisa ser contrário ao que produziram sobre e em nós, uma corpa colonizada. Precisamos nos direcionar e nos atentar para uma (des)(re)construção de uma corpa política. Articulado assim, estratégias de combate a invisibilidade de nossas corpas, narrativas e arte. E quais são as estratégias de enfrentamento elaboradas pelas mulheres negras licenciandas do curso de Teatro em relação às práticas machistas, racistas e LGBTfóbicas no campus na UESB-Jequié?

No próximo capítulo, a partir da realização de cinco oficinas com as quatro sujeitas da pesquisa, trarei reflexões das narrativas das sujeitas e suas articulações criativas no seu fazer artístico em relação às suas identidades.

2. MOVIMENT(A)ÇÃO, CONTEXTOS E SUJEITAS

No capítulo anterior optei por trazer as discussões teóricas que foram pertinentes para o desenvolvimento desta pesquisa. As principais autoras que fundamentaram e enfatizaram epistemologias importantes que foram os alicerces para esta escrita e a construção artístico-teórico-prática do delinear desta dissertação e do percurso metodológico. Procurando sempre refletir sobre o objetivo desta pesquisa; conhecer as estratégias implementadas pelas estudantes negras, licenciandas em Teatro no enfrentamento às opressões múltiplas praticadas dentro do campus da UESB de Jequié-BA e a pergunta da pesquisa: Quais são as estratégias de enfrentamento elaboradas pelas mulheres negras licenciandas do curso de Teatro em relação às práticas machistas, racistas e LGBTfóbicas no campus da UESB- Jequié? Neste capítulo, serão apresentadas reflexões dos dados obtidos através das oficinas executadas com as sujeitas participantes, uma breve apresentação do contexto da pesquisa, a UESB e o curso de Licenciatura em Teatro. Curso esse que vem resistindo tanto ao calor da cidade, como a invisibilidade de suas necessidades serem pautas priorizadas. No contexto histórico do curso sua nomenclatura foi alterada, assim como a estrutura oferecida pelo mesmo que foi se alterando, devido a muitas lutas e resistência dos docentes e discentes dos cursos de Licenciatura em Teatro e Licenciatura em Dança. Arte em moviment(a)ção.

Pensar e compreender a arte como movimento, nos direciona a lugares e encontros que muitas vezes nem sabíamos que seriam possíveis. Trocas de figurinos, salas de ensaio, palco, iluminação, corpo, voz, presença. Na UESB me reencontrei e pude me deparar com tantas outras pessoas. Encontros marcados ou ao acaso que não era tão acaso assim. Vi Fernanda, Jessica, Umberd e Viick. Cada uma em direção oposta, mas que se cruzavam através da arte. Colegas de curso, artistas na cidade sol, mulheres negras, atrizes, escritora, poetizas, trancista, amante do Tarô, nas horas vagas fotógrafa, modelo, cantora, desenha as próprias tatuagens, morre de medo de fazer uma tatuagem, cabelo azul, preto, ondulado, cada dia um cabelo diferente, gosta de sorrir pra vida, ver a seriedade da vida, ri, chora, encanta, pula, grita, ama outras mulheres, ama homens e mulheres, vivem, sobrevivem, resistem, mas não deixam de ser elas. E por serem elas, são as sujeitas que dão voz, vida e significado a esta pesquisa. São autoras, participantes, a arte, o corpo-travessia, as que são e fazem essa moviment(a)ção acontecer.

Nas páginas seguintes, caminharemos em busca de possíveis respostas através das reflexões dos encontros/oficinas.

2.1 O CONTEXTO DA PESQUISA: A UESB E O CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

A UESB possui três *campi* situadas em cidades diferentes da Bahia: Vitória da Conquista, Itapetinga e Jequié, ambos localizados na região do sudoeste da Bahia⁹. A Universidade possui 44 anos e é considerada, atualmente, uma das principais referências de Ensino Superior, difusão de conhecimentos e formação de profissionais do nordeste brasileiro. Possui cursos que são oferecidos de maneira presencial e semipresencial. Por ter um ensino de qualidade e reconhecimento, a UESB possui cursos de pós-graduação, como especializações, mestrados e doutorados; hoje sou mestranda de uma desses programas, no mestrado acadêmico em Relações Étnicas e Contemporaneidade da UESB, associado ao Órgão em Educação e Relações Étnicas (ODEERÉ) do *campus* de Jequié.

O curso de Licenciatura em Teatro nem sempre possuiu essa nomenclatura e o currículo também era diferente. No ano de 2010 foi fundado na UESB *campus* Jequié o curso de Licenciatura em Artes – com habilitação em Dança ou em Teatro. Com uma proposta estrutural na qual nos dois anos iniciais era um currículo unificado e apenas nos dois anos finais oferecia-se disciplinas específicas para a habilitação em cada área.

Entrei em contato com o atual coordenador do colegiado de Teatro, o professor Dr. Francisco André Lima para obter algumas informações sobre esses dados iniciais da história do curso. Ele me informou que a estrutura do curso à época:

na Licenciatura em Artes, os estudantes de ambos os cursos tinham dois anos de disciplinas em comum. A partir do quarto semestre, cursavam-se disciplinas específicas vinculadas à habilitação. Isso se modificou profundamente no currículo de 2012, embora ainda haja um tronco comum de disciplinas no primeiro ano (Transcrição da conversa com o prof. dr. Francisco André Lima, em 2024).

A nomenclatura do curso de Licenciatura em Teatro foi alterada no ano de 2012, assim como alguns componentes curriculares que também vem se atualizando conforme o passar dos anos e as necessidades previstas para um melhor desempenho tanto na trajetória acadêmica quanto profissional das e dos discentes. O coordenador do colegiado de Teatro, explicou o porquê do fim do curso de Licenciatura em Artes e abertura dos cursos de Licenciatura em Teatro e Licenciatura em Dança:

⁹ Dados disponíveis no site da Universidade: <https://www.uesb.br/apresentacao/>

Quanto aos motivos que levaram ao encerramento do curso de Artes e criação dos cursos de Licenciatura em Teatro e Licenciatura em Dança, diz respeito à inadequação do currículo anterior ao panorama político da Arte-educação, que demandava a formação específica nas linguagens artísticas, desvinculando o caráter polivalente da formação de professores. Isso foi provocado pela Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010 e a lei. Lei nº 12.287, de 13 de julho de 2010, que altera a Lei nº 9.394/96 no tocante ao ensino da arte. Ou seja, o curso no formato anterior reforçava um caráter polivalente que não condizia com o momento de reafirmação da área das artes e suas especificidades.

Essa informação também foi apontada pelo prof. dr. Francisco André Lima em nossa conversa.

Até o presente momento, soma-se um total de 12 anos e 11 turmas (devido a pandemia, duas turmas se unificaram) em seu percurso histórico¹⁰. Com a alteração da nomenclatura, altera-se também o currículo. A proposta estrutural e curricular determinou que durante os dois primeiros semestres, discentes de Teatro e de Dança cursassem as mesmas disciplinas curriculares. As e os discentes são possibilitados a vivenciar práticas artístico-pedagógicas das duas linguagens artísticas. Após esse período, cada turma segue a grade curricular de seu referido curso.

A implantação do curso na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Jequié se deu através da luta de professores que enxergaram a potencialidade das artes e a necessidade da presença de um curso das linguagens artísticas na referida universidade.

O curso objetiva a formação de profissionais em Teatro, qualificados para o exercício da prática docente na área, com condições de desempenhar atribuições relativas à área de atuação. Desenvolvendo no percurso da graduação; consciência sociopolítica, visão crítica, compreensão das possibilidades e diálogos possíveis através das artes. Busca-se preparar os discentes para concursos públicos, nos quais apresentem Licenciatura em Teatro como um requisito.

A perspectiva do curso é formar um profissional que compreenda e atenda as características que compõem ser um artista-docente-pesquisador. Embasado na compreensão de uma educação que contenha técnica e prática indispensável adequando a interdisciplinaridade dos diversos fenômenos e contextos sociais; sendo capazes de interferir nos diversos processos sociais aos quais estarão inseridos, dispondo-se de conhecimentos técnicos na busca de soluções para as demandas e conflitos sociais, mantendo-se aberto para as novas possibilidades e atualidades que lhe cerca e consciente dos problemas e conflitos que

¹⁰ Dados disponíveis no site da Universidade <http://catalogo.uesb.br/cursos>

fazem parte de seu tempo e seu espaço. Assim como é enfatizado no *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro*:

O Curso de Licenciatura em Teatro tem uma concepção de educação vinculada ao estudo do corpo cênico nas diversas formas da realidade em que se revela a aplicação da arte teatral segundo demandas poéticas. Numa perspectiva interdisciplinar, incentiva o saber pensar, o aprender a aprender e tem como finalidade a formação do profissional de teatro na perspectiva da tríade artista/educador/pesquisador integrado ao seu contexto social (s.d. p. 10).

Segundo dados oficiais da instituição disponíveis no *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro*, a Licenciatura em Teatro objetiva¹¹ formar professores de teatro para atuar no ensino formal (Educação Básica ao Ensino Médio) em projetos sociais, organizações não governamentais e outras instituições de cunho artístico e/ou educativo. Objetiva também instrumentalizar o professor para atuar com crianças, jovens e adultos, que é importantíssimo ter uma formação que contemple toda a educação básica. Possibilita a formação básica para consequente especialização nas diversas abordagens estéticas teórico-críticas de abrangência da área de teatro; auxilia na integração dos aspectos investigativo e analítico dos contextos educacionais, bem como os princípios teóricos que fundamentam a prática educativa dessa linguagem artística.

Um dos princípios do curso de Licenciatura em Teatro é proporcionar aos cursistas a prática artístico-criativa em Teatro e Dança para o futuro com base na premissa do artista/educador/pesquisador, que inicialmente acontece de forma integrada aos discentes de Dança (tronco comum do primeiro ano letivo) e nas diversas disciplinas específicas do curso de Teatro. Os candidatos ao curso são submetidos a provas genéricas e de caráter eliminatório, as provas são realizadas conjuntamente com todos os candidatos ao Concurso Vestibular. O processo de ingresso no curso se dá da seguinte maneira: vestibular – 10 vagas; SISU (Sistema de Seleção Unificada) – 10 vagas e cotas – 03 vagas.

2.2 AS LICENCIANDAS NEGRAS E OS PERCURSOS DA PESQUISA

O curso de Licenciatura em Teatro me possibilitou ver as artes com um novo olhar, observando outros caminhos possíveis para o meu fazer artístico. Quando comecei a pensar as sujeitas da minha pesquisa, alguns critérios foram estipulados – estar devidamente matriculada

¹¹Dados disponíveis no site da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia:
<http://catalogo.uesb.br/storage/documentos/teatro-lic-jq/projeto.pdf>

no curso de Teatro, ser autodeclarada negra, ser maior de 18 anos, residir na cidade de Jequié-BA. Esses critérios foram pensados, para que, as meninas que viessem participar, estivessem de fato relacionadas com a proposta e objetivo da pesquisa. Apesar do curso de Licenciatura em Teatro oferecer aproximadamente 20 vagas por turma, nem sempre esse número é preenchido. Assim, compreendo que a quantidade de discentes que atenderia aos critérios elaborados não extrapolaria o número limite do curso. Inicialmente, havia pensado em oito participantes, devido ao pequeno número de discentes atuantes no curso; porém, devido às dificuldades encontradas no percurso da pesquisa, selecionei quatro licenciandas de acordo com os critérios acima mencionados.

Confesso que, inicialmente, devido à quantidade de licenciandas, me senti insegura e com medo de não conseguir encontrar dados para responder à seguinte pergunta da pesquisa: Quais são as estratégias de enfrentamento elaboradas pelas mulheres negras licenciandas do curso de Teatro em relação às práticas machistas, racistas e LGBTfóbicas no *campus* da UESB-Jequié? Mas, no primeiro encontro que tive com elas busquei dialogar e explicar qual era a minha proposta de pesquisa, assim fui me acalmando e pude perceber e compreender que naquele momento a quantidade não tinha muito significado, pois as trocas e as falas trazidas por cada uma, me fizeram perceber que eram elas e não precisava de um número maior de licenciandas. As sujeitas da pesquisa estavam ali, presentes, interessadas em fazer parte e ser parte desse trajeto.

No capítulo anterior, trouxe uma pequena apresentação narrada pelas sujeitas participantes sobre elas. Resumirei aqui rapidamente para que possamos lembrar quem são elas, mas desta vez, trago em minhas palavras e através de minha percepção sobre um pouquinho de cada uma.

Vi Fernanda pelos corredores da UESB, nos palcos, no colegiado de Teatro, nas reuniões de departamento. Literalmente sempre em movimento. Entre esses encontros, sempre um cumprimento tímido ou corrido. Ela me fazia lembrar de mim mesma durante a graduação, estava sempre fazendo algo. Me movimentando. Deve ser por isso, que vejo Fernanda como o ápice da cena. Sabe quando chega no clímax da peça, e a gente tem aquela surpresa, reviravolta e tudo começa a se encaixar de maneira surpreendente? Pois é! Assim eu enxergo e percebo Fernanda. É a menina do cabelo azul? Sim! É ela mesma! Presença forte e marcante. Com um sorriso largo e afetuoso. Ela é fortaleza mesmo quando ela se sente pequena, é como água corrente de rio, que não fica empocada, ela ultrapassa todos os obstáculos, passa por entre as pedras, e mesmo assim continua correnteza. Sabendo que tem muitas coisas ainda por vir, mas se encontra em si mesma e continua seu fluxo constante.

A primeira vez que vi Jéssica, ela estava em cena. Não conhecia as turmas mais recentes do Curso de Licenciatura em Teatro. Ela atuava com tanta vontade, que fiquei com os meus olhos fixos naquela personagem. Depois disso, a vi na casa de uma amiga em comum. Lá estava Jéssica em sua mais genuína alegria, oferecendo sorrisos para nós desconhecidas. Pude perceber que Jéssica é poesia. É leveza. É arte. É ato. Ela vê beleza e bondade em todos os espaços. Aquela que brinca com o tempo, brinca de amarelinha e pula corda. Gosta de fazer caras e bocas, gestos e afetos, faz da natureza sua grande amiga. Tem medo dos corações fragilizados e dos olhos que fogem de olhares. Ela sabe que a vida pode e tem suas dificuldades, mas não desiste da felicidade na simplicidade. Encontrou no ato de escrever, sua voz, seu grito, seu ritmo, sua resistência, sua existência, seu eu no mais completo estado do ser.

Não tem como não notar Umberd! Conheci Umberd logo nos primeiros semestres de ingresso na UESB. Atuando, dançando, questionando, mas ali, presente! Apesar de sua presença sentida, ela ao mesmo tempo é calma. Mas, sabe a brasa. Está ali, queimando quietinhas, mas se instigada pode causar um incêndio? É ela! Umberd o próprio nome já demonstra que ela é única. Seu jeito de ser é singular, mesmo na pluralidade que carrega de suas mais velhas, ela vive num mundinho só dela. E esse mundinho lhe fortalece. Ver nos nossos cabelos a nossa coroa. Sente que tem força e potência em cada trança, em cada cacho, em cada fio crespo. Ela é uma mulher arretada como o fogo. Chama a atenção só com a sua presença. Encanta, inebria, mas também sabe quando inflamar. Podem até pensar que ela é inofensiva, mas se chegar perto demais queima e deixa marcas.

Não se enganem com Viick. Ela é gigante. Se entrega, atua, canta, dança, até cupido ela já foi! Sabe chegar e conquistar. Nem sei ao certo como conheci Viick. Só sei que na maioria das vezes, lhe via nos palcos. Entregue ao que estava fazendo. Viick é ventania. Vai se “achegando” aos poucos, de sopro em sopro, brisa em brisa, quando você menos pensa, ela já abalou tudo. Já fez morada. Ela balança, agita, faz chacoalhar, entorta e não quebra. Ela é pequena em estatura, mas gigante em força, resistência e persistência. Nos ensina com seu jeito divertido de ser e de ver a vida. Adquiriu experiências através das experiências, nem sempre tão boas e nem sempre tão tristes, mas que sempre lhe deixou algum ensinamento.

Depois de trazer um pouco sobre elas, tenho até vergonha por ter sentido medo lá no início da pesquisa por causa de quantidade. Quando pensava nas sujeitas de minha pesquisa, sempre vinham elas em minha mente. Não pude conter a alegria quando elas se dispuseram a embarcar comigo nessa trajetória.

E assim caminhamos juntas arteando entre oficinas, entrevistas, encontros, risos, lágrimas, narrativas, práticas, voz, vivência, aquilombamento e moviment(a)ção. Como vocês verão nas palavras que seguem.

2.3 AS OFICINAS- CORPO, VOZ, MOVIMENT(A)ÇÃO

Criatividade. Se jogarmos essa palavra no google, na página Dicionário Online de Português, obteremos como resultado:

substantivo feminino; Qualidade da pessoa criativa, de quem tem capacidade, inteligência e talento para criar, inventar ou fazer inovações na área em que atua; originalidade; essa capacidade de inventar, de criar, de compor a partir da imaginação; [Linguística] Capacidade inata que o falante possui para desenvolver e entender uma quantidade excessiva de enunciados, mesmo os que nunca havia ouvido ou falado antes.

Início este tópico trazendo essa definição para a palavra criatividade, pois nas discussões presentes nas próximas páginas, acredito que a criatividade permeou a escrita, a página, o planejamento das oficinas, assim como esteve presente na vida de diversas mulheres negras, na tentativa de se manterem vivas e de pé diante de um sistema que a todo tempo desenvolve mecanismo para lhes/nos derrubar. Além, de que para o teatro, há a necessidade da criatividade nas produções, sejam elas, textuais, corporais, cênicas e nas práticas.

Dito isso, a técnica da oficina foi pensada na perspectiva do fazer teatral, exige criatividade tanto para dialogar o tema da oficina com as práticas, quanto para manter as participantes em constante entrega. O fazer artístico é sensível, mas também é político. Com e através das artes nos expressamos, falamos e somos ouvidas. Dizendo o indizível e expressando o que já está em nosso íntimo, “pois é através da poesia que damos nome àquelas ideias que – antes do poema – não têm nome nem forma, que estão para nascer, mas já são sentidas” (Lorde, 2019, p. 45).

As práticas possibilitam um olhar íntimo para nós mesmas, nos fazendo refletir sobre quem somos, o que queremos, sobre nossa busca por liberdade de falar e de existir e sobre nossas identidades. Lorde (2019, p. 144) diz que “ao reivindicar a nossa literatura, a poesia tem sido a principal voz dos pobres, da classe trabalhadora e das mulheres de cor”. Pode-se fazer da arte um meio para potencializar nossas lutas, reivindicar espaços, reconhecimento, dar-ser-eoar vozes, expurgar nossa militância e sensibilizar para a afirmação de processos identitários de mulheres negras. Lorde e sua sagacidade em jogar com as palavras e uma escrita poética,

em seu texto *A poesia não é um luxo*, texto no qual a arte de escrever/criar poesia, dialoga com as minhas concepções do fazer artístico teatral, aponta que:

Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós a poeta - sussurra em nossos sonhos: "Sinto, logo posso ser livre". A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade (Lorde, 2019, p. 48).

As possibilidades de fazer um teatro pensado em ir além daquilo que foi imposto pela sociedade e que os olhos estão acostumados a ver, é uma forma de construir narrativas outras e reflexões sobre as imagens que foram construídas sobre nossos corpos, principalmente de pessoas negras. Pensar e produzir um fazer teatral voltado para evidenciar nossas vivências, diferenças, identidades e subjetividades, que enfatiza nossos corpos como dignos de respeito e a vida, atravessando tudo de negativo que foi associado a nós, é um processo de cura. Concordo com o pensamento de Martins, quando nos diz que:

[...]o teatro se apresenta não como espelho que reflete o que já existe e é imposto, mas como imagem refletida para além do que se vê, que convida o olhar a atravessar as aparências e constituir novos tipos de sujeitos. O teatro aqui é a possibilidade de tecer não contranarrativas, mas, antes, novas narrativas e perspectivá-las historicamente para lançar, entre outras coisas, os corpos negros em perene processo de cura (Martins, 2021, p. 18).

Na minha vivência no teatro, participei de várias oficinas e ministrei algumas também. Nessa trajetória, fui compreendendo a importância de um bom planejamento e de uma boa execução das oficinas. Nessas salas de experimentos, que se faz no aqui e agora, onde a entrega é fator essencial para que resultados sejam observados, as possibilidades se ampliam, esquecendo-se das inseguranças e se deixando envolver pelo processo, pelos direcionamentos, pelo fazer e aprender jogando.

Quando estava pensando sobre os métodos que seriam aplicados durante a pesquisa, a oficina sempre esteve presente. A oficina na prática teatral é um espaço no qual a criação, o diálogo, a expressividade, a pesquisa, descobertas e até transformações são possíveis. Esse método é amplo, podendo ser utilizado de diversas maneiras com diferentes propósitos, com corpos e corpos distintos e com os mais variados objetivos.

Aqui, planejei e desenvolvi oficinas teórico-práticas, ou seja, dentro do mesmo encontro, realizávamos atividades práticas e teóricas. As práticas eram pensadas tanto para a criação de cenas como para a corporificação das vivências das sujeitas e dos conhecimentos que estavam sendo gerados e compartilhados no decorrer das oficinas. A parte teórica, na

maioria das vezes, era trazida por meio de linguagem artística, poemas, poesias, músicas, vídeos, mas também tinham leitura e discussão de artigos, trechos de livros de intelectuais negras, na tentativa de possibilitar troca e ampliação de conhecimento por parte de todas.

Desenvolver oficinas pensadas para mulheres negras, artistas, licenciandas que estão numa vivência quase cotidiana de aulas práticas, torna-se um desafio. É preciso pensar em encontros convidativos, ativos, dinâmicos, artísticos, nada cansativo e que não sejam uma extensão das aulas que estavam presentes. As oficinas também como um espaço de mulheres, um ambiente-território seguro no qual se estabeleça uma rede de afetos, segurança, fortalecimento mútuo, criatividade e processos de investigação. Sobre esse espaço oficina, Barbara Santos (2019), enfatiza que é:

Um espaço exclusivo que facilite o olhar múltiplo, no qual uma pode ser espelho da outra, não por ser igual ou estar em igualdade de condições sociais, mas por vivenciar experiências opressivas semelhantes, baseadas nas mesmas estruturas. Um espaço que instaure a possibilidade de mudar a visão sobre padrões estabelecidos. Um espaço para desindividualizar o problema e socializar os processos. Um espaço para questionar a imposição de uma forma (fôrma & fôrma) de ser (Santos, 2019, p. 48-49).

Nos encontros e partilhas que permeiam a minha existência com outras mulheres negras, percebi que é potencializador estar em um espaço no qual temos a liberdade para sermos quem somos, falarmos de nossas experiências positivas e negativas, e enfatizar que não somos iguais por sermos mulheres negras. É preciso compreender que cada corpa tem suas particularidades, não existe a obrigatoriedades de possuímos a mesma jornada, mas sim, que podemos nos solidarizar por vivenciarmos situações opressivas semelhantes. Somos seres singulares, que merecem ser vistas e entendidas com as nossas individualidades. Conhecimentos múltiplos e diversos e nessa diversidade o processo de criação se dá de maneira distinta.

As experiências e memórias que cada corpa carrega podem influenciar direta e indiretamente na criação, nas composições artísticas de cada pessoa, aqui, de cada sujeita. O corpo fala. Os gestos são corporificações de sentimentos, são memórias transformadas em ação, movimento de estar sendo, vivendo-atuando-sentindo

Inicialmente, desenvolvi cinco oficinas teórico-práticas, com 2 horas de duração cada uma, mas durante a execução, sempre excedia um pouco nas práticas e nas discussões. Pensei em cada oficina para abordar uma temática específica que tivesse conexão com os objetivos da pesquisa e sempre planejada unindo teoria e prática. Logo abaixo discorrerei sobre alguns desdobramentos de cada oficina.

O planejamento das oficinas se deu a partir da necessidade que percebia no encontro anterior. Enfatizo que, eu já havia pensado alguns temas que fariam parte desse método, mas optei por não criar uma ordem de execução e permitir que as necessidades observadas nos encontros fossem caminhos para se pensar qual seria o tema seguinte. Aponto aqui também que não foi possível desenvolver um cronograma para as oficinas, pois era difícil conciliar as datas entre todas. Ao final de cada encontro, solicitava que enviassem a próxima disponibilidade, para que assim, eu pudesse ver qual o melhor dia e horário para o próximo encontro. Sempre pensando em um momento que fosse possível para uma maior quantidade das sujeitas. Devido a rotina de espetáculos, disciplinas, estágios e demandas pessoais, era muito complicado conseguir reunir todas no mesmo encontro.

Para o planejamento das oficinas, utilizei como aporte teórico Bárbara Santos e os seus métodos e práticas desenvolvidas no Teatro das Oprimidas, no qual a autora nos apresenta alguns exercícios pensados especificamente para serem trabalhados com mulheres e focados também nas diversas opressões que as atravessam. Bárbara Santos (2019) nomeia suas oficinas de laboratório, pois é um espaço “para garantir o espaço experimental” e os seus exercícios como um ambiente seguro, que respeita as individualidades de cada mulher e a importância da presença delas para se pensar o coletivo. Compartilhando do mesmo pensamento da autora, é assim que compreendo e desenvolvo as minhas oficinas, acreditando que será um ambiente seguro, respeitoso, afetuoso, que reconhece o poder e a importância de cada sujeita.

Não utilizei os exercícios do mesmo jeito que são descritos por Bárbara Santos, mas os utilizo como uma base, observando as possibilidades de alterações a partir do objetivo e tema de cada encontro.

A vivência no teatro me faz compreender como uma corpa ritual, que se prepara para ser habitado por outra(o), entrar em cena e depois se despir dessa(e) voltando assim, para o ser quem sou. Para mim, esse ritual se inicia desde o momento em que entramos na sala de ensaio, escolhemos o texto, elencamos as personagens, pensamos cenário, sonoplastia, figurino, todas as etapas que compõem o fazer teatral. Dito isso, para iniciarmos as oficinas pensei em um ritual para a compreensão de que a partir daquele instante, estaríamos imersas no nosso encontro.

Sempre com uma música instrumental ao fundo, pouca luz, perguntava às meninas do que elas queriam se lavar naquele momento. Poderia ser algo relacionado a situações, sentimentos, memórias, dores, coisas que estavam com elas, mas as incomodavam e queriam se limpar/livrar disso. Então com uma jarra com água ia lavando as mãos de uma por uma,

enquanto elas iam falando as sujeiras das quais queriam eliminar de suas corpos. Em seguida, secava-lhes as mãos com uma toalha.

Após se limparem do que as incomodava, com uma vela nas mãos, solicitava que as meninas pensassem em algo que elas desejavam para si, do que queriam ser carregadas, se encher de... Poderia ser mais íntimo, mais possíveis, mais comum ou mais difícil de acontecer. Mas, desejos que dialogassem com aquele momento em que elas estavam. Pensei na vela, pois a chama, a força do fogo é algo que sempre me instiga e me proporciona uma imersão em pensar nas diversas possibilidades de energias, de vida, de transformação e de herança ancestral. O fogo transgrede, assim como as corpos pretas.

Finalizando o ritual, as práticas se iniciavam. Procurei trazer em todos os encontros poesias, poemas, músicas e vídeos de mulheres pretas para dialogar com a oficina.

2.3.1- Oficina I – CONHE(SER)

Solidez
 Sou além do que sinto
 Sinto além do que vejo
 E bem próximo do meu medo, vejo a ginga certa
 Sou mulher-alvenaria
 Sustento o que projeto
 E me edifico em condição ascidental
 Sou mulher negra
 De corpo e espírito
 Refaço minha história todos os dias
 Tecendo sonhos
 Rolando os dados
 Lançando dardos
 Jogando os búzios
 E reconectando o feminino que há mim
 (Solidez - Tereza Sá)

O primeiro encontro com todas as sujeitas da pesquisa, intitulei de CONHE(SER), pois ele fora planejado com o intuito de nos conhecermos um pouco mais, de maneira mais íntima e afetuosa. Trago (SER) entre parênteses, para enfatizar que não é apenas uma troca superficial, mas saber quem elas são, o que as fazem ser elas, como chegaram a quem são hoje. Nos conhecermos para além do físico, mas a história, as particularidades, a essência de cada uma.

Esse encontro aconteceu no dia 19/04/2024 (sexta-feira) durante a noite com a duração de 2 horas, na UESB e estavam presentes Fernanda, Jéssica e Umberd.

Em encontros com mulheres negras que foram atravessadas por opressões interseccionais, é importante pensar como elas se veem. Cresci ouvindo de minhas mais velhas, que nosso nome é algo que temos de mais importante, que dentro de nossa construção social, o

nosso nome é algo de muito valor para nós. Compreendo assim, que o que elas estavam tentando me dizer/ensinar é que o nosso nome faz parte de nossa identidade, é referência. E pra nós, mulheres pretas, é quase uma lei zelar, proteger, mas também enfatizar e demarcar o nosso nome. Quem somos. Como um ponto de chegada e afirmação. Dentro de minha oficina, falar o nome nesse encontro, tocou em algo sensível e forte dentro de mim.

Nós falamos nossos nomes em diferentes lugares de diferentes maneiras e com objetivos diversos, seja para se apresentar, para afirmar, para concordar e/ou discordar. É algo tão comum a nós, que muitas vezes nem percebemos como falamos, entoamos, proferimos o nosso nome. Naquele momento da oficina, acredito que por ter sido a primeira, é possível que ainda existisse um pouco de timidez e isso fez com que as licenciandas falassem seus nomes de maneira insegura, baixa ou com a voz trêmula. Senti que elas poderiam fazer mais e enfatizar seus nomes, ir além de como elas estavam fazendo. Por isso, pedi que repetissem, repetissem, repetissem com ênfase, tonalidade e intenções diferentes, para que percebessem como não se apresentarem mais e como se apresentariam a partir dali. Trago aqui, porque foi através da discussão que chegamos nessa percepção, principalmente as sujeitas. Abaixo, um trecho da fala de Fernanda sobre o referido exercício:

A repetição dos nomes, eu achei incrível. Está para além de meu nome. É quem sou. Eu nunca tinha para pra pensar o quanto a gente tem medo de falar, assim no dia a dia. No palco, a gente é uma personagem, é mais fácil, risos. Mas, no cara a cara, a gente se inibe. Acho que por tudo que a gente vive e ver, sente! Tive medo, agora não vou ter mais! Essa é FERNADA! (Fernanda, 2024).

A narrativa de Fernanda me faz acreditar ainda mais, no poder que a arte possui. Essa mobilização, movimento, descoberta, o novo no aqui e agora. Dentro de uma oficina teatral, percebe-se a transformação e o empoderamento de mulheres negras. Uma afirmação identitária, um novo posicionamento para si e para o mundo. É o impor-se sem medo de ser que é.

Um momento importante desse encontro, também, foi quando solicitei que as meninas trouxessem para o corpo como elas acreditam que as pessoas as veem. Pensei nessa prática, pois sabemos que sobre nós, mulheres negras, existem estereótipos que foram associados à nossa corpa. Queria assim perceber, como as meninas acreditavam nas imagens criadas pelas outras pessoas sobre elas. Jéssica trouxe uma imagem que representava uma menina meiga, paciente, complacente com tudo e todos/as/es. Pedi que desfizesse a ação e refizesse. Depois que ela memorizou a ação, solicitei que ela então corporificasse como ela se vê. Como e quem é Jéssica para ela. As ações trazidas por Jessica sobre si foram completamente diferentes da

primeira. Uma menina insegura, cheia de demandas que ao mesmo tempo se dedica a tudo que faz. Sabe que tem voz, mas é mais calada.

Quando lhe perguntei sobre ser uma menina calada, ela me disse:

Não é que eu seja calada. Eu sou muito observadora. Gosto de observar, conhecer o espaço, as pessoas. Mas, eu sou mais introspectiva mesmo. Acho que veio de minha criação. Fui uma criança tranquila. Apesar de não parecer, sou tímida também. O teatro tem me ajudado a falar mais, mas, ainda assim, me sinto mais calada que as demais pessoas (Jéssica, 2024).

A narrativa de Jéssica me faz pensar e repensar os processos de silenciamentos que atingem a vida das mulheres negras. Muitas vezes nem percebemos os resquícios dessas opressões em quem somos hoje, mas, se formos mais afundo, nos deparamos com muitas questões que influenciam nas nossas atitudes e construção de identidade.

No mesmo exercício com Fernanda, as ações sobre a concepção dos outros foram voltadas para uma menina feliz, sorridente, de bem com a vida. Nas ações sobre si, ela me trouxe uma menina cheias de incertezas, sobrecarregada e que carrega consigo uma enorme autocobrança.

Eu sempre me cobrei muito. Não sei, acho que assim as pessoas vão gostar de mim, me ver como uma pessoa útil, que pode ajudar. Eu sempre tô com muitas coisas pra fazer. Falo pra mim mesma que não vou fazer mais isso comigo, mas, não consigo dizer não. Sempre tô cheia de responsabilidades. Tenho a sensação que se eu não fizer, ninguém faz (Fernanda, 2024).

Dentro dos estereótipos que permeia as mulheres negras, tem-se aquela que é proativa, faz tudo, sempre está trabalhando, “mostrando serviço”. A mulher negra sempre como uma corpa para o trabalho. A fala e as ações de Fernanda me fizeram refletir sobre a nossa busca incessante em mostrar que somos pessoas “úteis”, pelo medo de sermos vistas como desnecessárias, invisíveis, inúteis e preteridas¹². Não queremos ser excluídas, e por vezes a estratégia para se manter dentro dos grupos e/ou espaços é tomando para si, trabalhos e mais trabalhos; como sobrecarga física e psicológica. Estou falando aqui, em relação aos retornos de Fernanda. Mas, entendo também a realidade de muitas mulheres negras que não têm oportunidades e nem escolhas, vivendo assim, para trabalhar de forma desumana, na tentativa de se manterem vivas e muitas vezes mantendo suas famílias também.

No decorrer da oficina, pude perceber as meninas se sentindo cada vez mais à vontade para serem elas e para criarem a partir de quem são. As fragilidades e os medos foram aos

¹² Relacionada a exclusão, invisibilidade, recusada e rejeitada principalmente por sua pele preta.

poucos se esvaindo e a entrega sendo presenciada. Esses espaços pensados por e para nós mulheres negras precisam ser livres e seguros. A arte aqui pensada e praticada dentro da oficina é permeada por essa perspectiva, escuta sensível, olhar atento, afetividade, para que assim o processo criativo e a própria criação se reflitam nos palcos e na vida cotidiana, até porque, para nós mulheres negras, dentro das nossas práticas e vivências a arte nunca será um luxo.

2.3.2 Oficina II – Meus passos vêm de longe

Os meus passos vêm de longe...
 Mas ainda sinto a força aqui dentro
 Vejo os mesmos pés descalços, cansados sem saber bem de onde
 Sei que sua caminhada foi ressignificada com o tempo.
 Ainda tentam apagar sua memória,
 Silenciar sua história,
 Tirar sua glória
 Embranquecer sua trajetória
 Mas, jamais pararão sua luta emancipatória.
 Em meu sangue corre sua essência
 Em minha voz ecoa a sua potência
 Em teu legado minha influência
 Em minha pele sua resistência
 Em tuas palavras e crenças a minha ciência
 Em meu ser, tua existência
 Na terra sinto a força do ser
 Nas pedras, degraus para vencer
 Na água toda a solúvel certeza do viver
 Nas ervas, folhas e banhos o teu saber.
 No ar, sinto o seu sopro a me dizer
 Que no fogo, encontro o nosso poder
 Não queimem as bruxas,
 Nem queimem as putas
 Não queimem as pretas
 Mas que clamem, amem, clamem
 E por nossos nomes nos chamem
 Pois com a nossa ancestralidade sambem, dançem, cantem,
 Mas, acima de tudo, se Almem!
(Ancestralidade - Laís Lana Peixoto)

Essa oficina foi pensada a partir do entendimento da importância das relações, dos ensinamentos e das trocas entre nós mulheres negras. Assim, fazia parte de meu planejamento uma oficina que abordasse a relação das sujeitas com outras mulheres negras ao longo de suas vidas.

Durante a nossa vida, muitas vezes lembramos de fatos e acontecimentos que vivenciamos. Lembramos de momentos felizes, tristes, encontros, desencontros, abraços, partidas, as primeiras experiências, histórias que foram contadas por nossas avós, as frases engraçadas de nossas tias, os conselhos que nem sempre entendíamos, proferidos por nossas mães, as rebeldias, as aventuras compartilhadas com as nossas primas, as relações confidenciais

com as amigas e assim seguimos a nossa caminhada coletiva. Na vida de mulheres negras, existem outras mulheres negras que influenciaram diretamente em quem somos. Seja com as palavras, seja com o toque, seja com ausência devido à luta constante para não deixar faltar comida na mesa, seja só com o olhar, mas sempre outras mulheres negras conectadas por um elo, uma força, uma presença.

Esse encontro aconteceu no dia 26/04/2024 (sexta-feira), à noite, com a duração de 2 horas, na UESB e estavam presentes Fernanda, Jéssica, Umberd e Viick, mas Viick não estava se sentindo bem. Ela optou em ficar, mas a participação dela nesse dia se deu mais como ouvinte.

Corpas pretas que vivem numa interseção com quem são e com aquelas que foram na construção do que virão a ser. Essa é uma consciência de que somas corpos das temporalidades, vivenciando dentro de um tempo espiralar, que olha para o passado, vive o presente e entende que ainda está por vir a ser. São entendimentos de uma vivência no tempo espiralar. Esse é um “tempo não partido e não comensurado pelo modelo ocidental da evolução linear e progressiva. Um tempo que não elide a cronologia, mas que a subverte. Um tempo curvo, reversível, transversal, longo” (Martins, 2021, p. 42). As relações com as nossas, principalmente com as mais velhas, é permeada por esse tempo espiralar. Leda Maria Martins, pensando nessa temporalidade espiralar nos afirma que:

A pessoa é a materialidade do que prevalece na temporalidade agora, habitada de passado, de presente e de um provável futuro, um em ser e um sistema no qual incide a ontologia ancestral. Essa complexidade ontológica, na qual o tempo gira para a frente e para trás, constituindo o presente (Martins, 2021, p. 63).

Assim, essa consciência coletiva, que é parte da construção da identidade de muitas mulheres negras, permeia entre movimentos fluidos e espiralados numa trajetória temporalidade ancestral. Que busca conhecimentos e experiências do tempo de ontem, para compreender o tempo de agora e do hoje, para fazer fluir e perceber as fluências dos movimentos do tempo de amanhã.

Sem a compreensão e as experiências de uma temporalidade que pisa o chão da ancestralidade não seria possível vivenciar o tempo espiralar. Experimentar o tempo do início e recomeços, movimentos que se percebem nos corpos. “Seus corpos-tela, formas que regem suas oralituras, seus meios e modos de verificação, como força de permanência e de Presença da ancestralidade, grávida de cinesias, ondulações, assimetrias, circunlocações” (Martins, p. 207). Mulheres negras que se percebem, se constroem e se identificam nas fluências dos movimentos da temporalidade espiralar.

Mesmo na individualidade que cada corpa carrega, entendemos também que existe sobre nossa existência, uma construção de uma consciência coletiva que vem principalmente daquelas que fazem parte de nossas ancestras. “A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que me tudo incide” (Martins, 2021, p. 204). Assim, pensado nessas relações imbricadas com que são no momento presente, que pensei o desenvolvimento dessa oficina.

Em umas das práticas desse encontro, propus as sujeitas escolhessem três mulheres de suas famílias. Após escolhidas, deixei que pensassem um pouco sobre cada uma, que elas fizessem uma busca na memória sobre essas mulheres. Em seguida, lhes pedi que pensassem no que mais lhe afetavam sobre essas mulheres – o que tinha nelas que lhes tocava de alguma maneira – e que pensassem em alguns gestos que era muito característico dessas mulheres e trouxessem para o corpo, experimentassem os gestos delas. E por fim, solicitei que pensassem o que delas havia em cada uma das sujeitas. Tudo isso foi trazido para o corpo. Gestos, ações, memórias, afetos, tudo corporificado.

Durante alguns minutos as sujeitas experimentavam, refaziam, repetiam, até sentirem que tinham encontrado a corporificação que mais condizia com as mulheres escolhidas. Percebi no corpo e a ação das sujeitas, variações de cuidado, proteção e carinho. Tinha também sempre um lugar de exemplo, espelho, espelhar-se.

No final do encontro, sempre dialogávamos sobre as atividades propostas, o que sentiram, as observações e críticas das sujeitas e algumas das minhas reverberações sobre os resultados da oficina. Nesse dia, perguntei as sujeitas se gostariam de falar sobre as mulheres escolhidas para o exercício e para minha surpresa todas falaram abertamente sobre quem eram. Umberd escolheu a avó, a mãe e uma tia. Jéssica escolheu a avó, a irmã e a mãe. Fernanda escolheu a mãe, a irmã e uma tia. Não por acaso, as escolhas foram bem parecidas.

Sobre sua escolha Jéssica nos contou:

Primeiro minha vó, porque eu a perdi há pouco tempo e eu gostaria de ter vivido mais com ela. Ela me ensinou muita coisa e eu sei que tinha muita coisa pra aprender ainda. Eu adorava ouvir as histórias dela. Sentar no chão e fica atenta a cada palavra. Acho que por isso comecei escrever poesias e cordéis. Escolhi minha irmã porque a gente é muito próxima e ela abriu mão de estar na faculdade por exemplo, pra eu poder está. E minha mãe por tudo que ela representa em minha vida. Os exemplos, cuidado. Mesmo discordando de algumas opiniões dela (risos) (Jéssica, 2024).

A fala de Jéssica principalmente sobre sua avó reflete sobre as diversas formas de ensinar e de conhecimentos. Os ensinamentos deixados por ela estavam para além do que Jéssica poderia aprender na universidade, ela aprendeu na vivência, na partilha, nas histórias

contadas e recontadas pela avó. Isso faz parte da vida de muitas pessoas negras. Sentar-se em volta das mais velhas e ouvir os seus saberes através das histórias. Nosso conhecimento para muitos, ainda é subjetivo. Não fazem ideia do quanto aprendemos numa roda de netas e netos com a avó sentadinha no meio contando de maneira enfática seus conhecimentos e saberes.

Umberd nos relatou que:

Escolhi essas mulheres porque todas elas me ensinaram e ensinam muito todos os dias, cada uma a seu modo (risos). São mulheres que trabalharam como lavadeiras para poderem comer. Ir pra rio com bacia de roupa na cabeça pra não passarem fome. Mas, que lutaram e buscaram mudar de vida. Assim, elas me ensinaram a não desistir dos meus objetivos, me incentivam, cuidam mesmo que com pouco toque físico, mas, que nas palavras e no jeito mais grosseiro, porque foi assim que foram criadas, demonstram amor. Eu sou muito feliz por tê-las. E sempre quando tô lá, minha vó faz coisa, meche no meu cabelo. E minha tia Rô é doidona, é a alegria. E minha mãe me aceita como sou (Umberd, 2024).

A narrativa de Umberd me deixou bastante reflexiva sobre as formas de afetividade que são partilhadas por mulheres negras. Muitas foram obrigadas a trabalhar desde muito cedo, amadurecer precocemente, e não se atentaram a troca de afetos. Com isso, a forma como cuidam das filhas e dos filhos, por muitas vezes, impedem que haja pouco contato físico entre ambas, a afetividade pode ser lida, nesse caso, como atos de cuidado, expressões de sentimento, como o olhar atento e a tentativa de possibilitar para os seus/as filhos/as uma atenção maior de carinho. O toque sobre o cabelo de Umberd, o cabelo crespo e em corte *black power*, me lembrou o poema de Evaristo sobre sua avó:

A voz da minha bisavó
Ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
(Evaristo, 2008, p. 10).

Esse toque simples reflete a forma de demonstrar amor e dizendo que ela “sempre será uma menina para ela”. Assim como demonstra admiração pela coragem da neta em assumir o seu cabelo natural, salientando as suas raízes. Coisa, que para ela, há anos, era impossível, numa sociedade racista e machista, na qual ela sofreria ainda mais opressão se assumisse a naturalidade do seu cabelo.

Hoje, podemos assumir os nossos cabelos de diversos estilos, pois os movimentos *black powers* que surgiram no século passado no contexto norte-americano e no Brasil, nos possibilitaram ter orgulho dos nossos crespos, deixar nosso cabelo o mais natural possível. Mas, é incontável a quantidade de meninas e mulheres negras que foram bombardeadas pelo padrão ideal da branquitude e se renderam às químicas alisantes, cortes, ferros quentes, entre outros métodos na busca de um cabelo que fosse “aceitável” pela sociedade. Então, o toque da avó de Umberd em seu cabelo conta a sua própria história, é um olhar para o que ela não pode fazer, uma liberdade que ela não tinha, mas se vê refletida na coragem da neta. Esse toque singelo que toca duas pessoas que coabitam em uma temporalidade de experiências que se interseccionam, em vivências imbricadas no que se viveu vivendo e o que poderá viver.

Fernanda por sua vez, optou em enfatizar a escolha por sua irmã:

Bom gente, minha irmã é uma pessoa incrível. Ela é muito foda. Eu admiro muito ela, sabe. Assim, a gente cresceu com um monte de menino, porque eu sou a mais nova e só somos duas mulheres com cinco irmãos. E assim, nossa mãe sempre trabalhando, somos da roça, nossas referências eram nossos irmãos. Só que minha mãe não gostava que a gente brincasse igual a eles e brigava muito com minha irmã, cobrava muito dela, que fizesse as coisas e talz. E minha irmã sempre paciente, não falava nada. E hoje eu vejo o quanto ela é foda por tudo que aguentou e aguenta. O quanto ela me apoia em tudo, me incentiva, cuida de mim. Eu tento fazer o mesmo por ela. Dou conselhos, falo que ela tem que aprender a se expressar, brigo com minha mãe por ela. Ela é uma irmã, uma pessoa realmente muito foda. E tudo que eu busco, que eu quero conquistar tem muito dela e é por ela (Fernanda, 2024).

É muito importante e bonito de ouvir e ver uma irmandade tão genuína entre mulheres negras. Fernanda nos demonstra o quanto é significativo e quanto podemos evoluir se nos olharmos mais com cuidado, afeto ao invés de alimentarmos a rivalidade feminina fruto do patriarcado. Dentro da relação com sua irmã, que é mais velha que ela, percebe-se essa aliança que existe em muitas relações entre mulheres negras. Elas se protegem, se apoiam, se veem uma na outra, se amam. Existe uma gratidão por parte de Fernanda para com sua irmã, que hoje ela busca fazer tudo o que a irmã já fez por ela e quer fazer mais ainda. Construir um futuro pensado para as duas. Não esquecendo de sua base, de seu alicerce, de sua confidente. Olhando para aquelas que nos incentivaram e influenciaram em nossa vivência, em quem somos aqui e agora.

Esse encontro atentou-me para a compressão de que essas relações, essas redes de apoio entre as nossas irmãs – para além de sangue – nos fortalecem para a luta, para a arte, para a criação, para a nossa identidade, para sermos quem somos, para não nos calarmos mais diante das opressões que nos assolam nos diferentes ambientes. Os aprendizados adquiridos com as nossas mais velhas e com aquelas que fazem parte de nossa caminhada são o fôlego de ar fresco

que precisamos para usar a nossa arte com espaço político. Como movimento de transformação, como espaço de/para novas possibilidades. Talvez a arte não cure, mas pode ser o acalento que precisamos para continuar nossa jornada rumo a mudança.

2.3.3 - Oficina III – Feminismo Negro

Meu choro não é nada além de carnaval
 É lágrima de samba na ponta dos pés
 A multidão avança como um vendaval
 Me joga na avenida que não sei qual é
 Pirata e Super Homem cantam o calor
 Um peixe amarelo beija a minha mão
 As asas de um anjo soltas pelo chão
 Na chuva de confetes, deixo a minha dor
 Na avenida, deixei lá
 A pele preta e a minha voz
 Na avenida, deixei lá
 A minha fala, minha opinião
 A minha casa, minha solidão
 Joguei do alto do terceiro andar
 Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
 Na avenida dura até o fim
 Mulher do fim do mundo
 Eu sou e vou até o fim cantar
 (*Mulher do fim do mundo* – Elza Soares)

Após a oficina que foi citada acima e possibilitou esse olhar para as nossas que estão próximas a nós e que fizeram parte de nossa história, vivência e construção de conhecimentos, optei por trazer a oficina sobre feminismo negro em seguida. Penso que as discussões, práticas e reflexões que ocorreram anteriormente foram pertinentes para escolha dessa temática como a seguinte.

Esse encontro aconteceu no dia 08/05/2024 (quinta-feira), à noite, com a duração de 2 horas, na UESB e estavam presentes Fernanda, Jéssica e Viick.

Compreender as nossas raízes, reconhecer a importância daquelas que nos ensinam todos os dias sobre o que significa ser uma corpa preta na sociedade, as agendas políticas que nos são inerentes, as trocas de saberes entre tantos outros aprendizados nos fazem perceber que a política do pensamento feminista negro é cada vez mais necessário dentro de nossa vida e de nossa prática. Enfatizando assim, que a política do pensamento feminista negro é feita de/por mulheres negras, para mulheres negras. Um movimento aquilombado no qual buscando a justiça social, busca-se também emancipação, melhorias, identidade e pertencimento para nós mulheres negras. “O que me leva a pensar a partir do lugar do feminismo negro é a possibilidade de tecer uma articulação entre o pertencimento enquanto mulher e negra. Nas mais variadas

arenas de lutas, um modo feminista de ler, interpretar e se posicionar no mundo” (Bispo, 2023, p. 90). Pensar, praticar e ser no mundo dentro/atraves de uma perspectiva feminista negra.

Numa pesquisa que possui como sujeitas, mulheres negras com suas subjetividades e saberes advindos das mais diversas experiências, compreendo a importância de dialogarmos sobre o feminismo negro e sua luta histórica de combate e embate ao que se refere a subordinação e invisibilização de mulheres negras, uma ação teórica e política com foco nas mulheres negras. “Não é casual, portanto, o feminismo negro ser fundamentalmente um dos significativos lugares de fala das mulheres negras” (*Ibidem*). Assim, pensando que esse é um feminismo de ação e prática, dentro da oficina, busquei realizar algumas atividades práticas que enfatizassem ainda mais a proposta de discussão, compreensão e até as reverberações sobre o mesmo na vida das sujeitas.

Esse encontro, já iniciou de maneira diferente. No nosso ritual de início e inserção na oficina as sujeitas trouxeram palavras fortes que dialogavam diretamente com o tema do dia.

Para essa oficina, pensei em práticas que fossem desenvolvidas a partir de palavras. Fomos silenciadas por muito tempo, agora vamos usar nossa voz nos mais diferentes espaços, nas mais diversas formas de troca de saberes. Um dos exercícios intitulei de Anastácia. Esse nome foi pensado a partir da imagem de Anastácia, mulher negra, escravizada que obteve sua boca presa e sua voz silenciada com uma mordaca de ferro, que lhe arrancou a dignidade e a existência. Uma homenagem à Anastácia que não pode falar enquanto viva, mas, hoje somos muitas vozes que falamos por/para/com ela.

Nesse exercício solicitei as sujeitas que fechassem os olhos e me dissessem o que para elas significava SER MULHER. SER NEGRA. SER MULHER NEGRA. Em seguida que corporificassem suas respostas. Depois lhes perguntei se gostariam de modificar a corporificação. Acrescentando ou retirando algo.

Viick sem demoras me respondeu que:

Olha Lana, é bem difícil responder assim. E tendo em vista tudo o que a gente ouve, vive, ver. Fico me perguntando se existem palavra para definir o significado. Mas, eu resumiria da seguinte maneira: SER MULHER significa força. SER NEGRA significa Luta e SER MULHER NEGRA significa Resistência (Viick, 2024).

As respostas de Viick me levam ao encontro das palavras de Sueli Carneiro (2019, p. 314) “Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando?” A construção do imaginário sobre os corpos das mulheres negras paira sobre um ser forte, que luta e resiste.

Sim, é verdade. Temos a história e as nossas mais velhas e como provas vivas disso. Mas, até quando essas palavras serão pensadas para expressar o que significa a nossa existência na sociedade? E se cansarmos de lutar, de resistir, o que acontece com a nossa existência? O que acontece com a gente? Entendo o intuito de Viick de enaltecer quem somos, as nossas ancestras e tudo o que a luta delas representa para nós. Não estou invalidando o peso e o significado de nossa história, mas questionando o que seria/será de nós, corpas negras se não resistíssemos. Se não ocuparmos esse lugar de sempre lutar e ter que ser forte diante de uma sociedade que nos invisibiliza.

Jéssica respondeu o seguinte:

Só uma palavra? Nossa! Deixa eu pensar aqui. Vou tentar partir de como eu vejo hoje. Porque, as minhas concepções mudaram e sei que um dia não pensei nessas palavras para definir. Muito pelo contrário. Acreditava muito no que cresci ouvindo. Mas hoje, eu escolho assim: Mulher, seria a palavra pertencente; Negra, identidade e Mulher Negra, desafio. É um grande desafio ser mulher negra. Só a gente sabe o que passa. Em vários sentidos (Jéssica, 2024).

As palavras sinceras de Jéssica refletem nossa própria desconstrução sobre as imagens estereotipadas que criaram sobre nós. Crescemos acreditando que mulher tinha que ser submissa ao homem, que ser negra era sinônimo de rejeição, servidão e que ser mulher negra era algo negativo. Eram palavras proferidas e atitudes presenciadas. A invisibilidade de menina negra na escola, a rejeição pelos primeiros afetos e amores, a obrigação dos afazeres domésticos. É compreensível a fala de Jéssica: “Vou tentar partir de como eu vejo hoje. Porque as minhas concepções mudaram e sei que um dia não pensei nessas palavras para definir. Muito pelo contrário. Acreditava muito no que cresci ouvindo.” Muitas de nós mulheres negras passamos por um processo de descoberta de nossa identidade já na fase adulta. E essa descoberta nem sempre é um processo fácil. Hoje, Jéssica a partir de suas vivências, suas trocas e a des/re/construção de seus saberes, olha para si de uma maneira mais cuidadosa e afetuosa. Com orgulho de sua identidade, de seu pertencimento, de suas raízes, mesmo compreendendo os desafios de ser quem é.

É desafiador se afirmar enquanto mulher negra numa sociedade que tem seus pilares estruturados nos moldes patriarcais e racistas, onde as corpas pretas são atravessadas por um sistema arquitetado de forma maquiavélica, sempre buscando diferentes formas de oprimir, para nos lembrar que não nos querem vivas. É desafiador ser uma corpa que vive nas resistências, nas lutas, nas incertezas do que virá depois, sendo associadas a negatividade e descritas a partir do olhar e das palavras daqueles que se acham os detentores do saber. É desafiador se olhar no

espelho e não compreender a imagem refletida em relação com a imagem controlada, descrita e enunciada por terceiros. É desafiador ver os cuidados direcionados às mulheres brancas, os elogios, os desejos, a liberdade, as oportunidades, enquanto para nós tudo é mais difícil, têm sempre um porém, uma “boa aparência” que eles insistem em dizer que não possuímos. É desafiador lutar contra tudo isso e construir uma imagem positiva de si e das suas iguais.

Os desafios são incontáveis, mas somos muitas que buscamos e buscamos, juntas, mudar essa realidade e justiça social. Que possamos caminhar por estradas mais tranquilas, rumo à vida digna sem ter que sermos sinônimo de luta. Jéssica vem buscando acreditar nas experiências vividas e compartilhadas, para a descoberta e compreensão de si. Construindo e contando sua própria história embasada por aquelas que lhe cerca e lhe potencializa individual e coletivamente, reverberando no vive, no que pensa e no que expressa.

Entre tantas reflexões ocasionadas nesse encontro, o livro de Bianca Santana *Quando me Descobri Negra*, ficou latente em minha mente. No livro a autora apresenta alguns relatos de mulheres contando como se descobriam negras. O momento em que perceberam que eram mulheres negras. O primeiro relato do livro é o da própria autora “Tenho trinta anos, mas sou negra há apenas dez. Antes eu era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol” (Santana, 2015, p. 13). Quando solicitei às sujeitas que me dissessem uma palavra para definir Mulher Negra, senti que as palavras dialogavam diretamente com as descobertas de cada uma. Cada mulher negra passa por um processo diferente que lhe leva ao encontro de sua identidade. Alguns mais dolorosos e outros menos. Apesar de compreender que o encontro era voltado ao feminismo negro e não necessariamente sobre o que seria a identidade, percebo que um está entrelaçado ao outro. Se eu não compreender minha identidade, minha pele, minhas vivências, as minhas raízes, a política do pensamento feminista negro não terá relevância em minha vida.

2.3.4 - Oficina IV – Eu, Elas, N’Elas

Se você soubesse o poder que tem
 Não abaixava a cabeça pra ninguém.
 Mas eu até entendo, pois todos tentam nos DIMINUIR TODOS
 Querem nos VER CAIR
 Somos criadas pra ficar em SILENCIO E nos fazem acreditar
 Que se não acharmos um Homem pra CASAR
 JAMAIS Vamos conseguir nos sustentar.
 Nos colocam LIMITAÇÕES
 Na maioria das vezes NEM UGAM pra nossas opiniões
 E MUITO MENOS pra nossas criações
 Olham a gente como um SER INFERIOR
 O SEXO FRÁGIL
 Mas eu queria ver HOMENS levarem a vida de uma maneira tão ágil
 Como nós levamos

E ainda com um belo sorriso no rosto
 Isso tem que acabar
 Não aguentamos mais esse mundo a todo momento querendo nos SILENCIAR
 Mas como reagir?
 Quando até o sistema "CAPETALUSTA" ganha com o nosso DECAIR?
 Nem a ESCOLA consegue perdoar
 Sempre tem alguém lá pra nos SILENCIAR E isso tem que mudar
 Ninguém mais vai nos CALAR Temos um mundo pra transformar E não podemos
 mais ESPERAR Agora é hora de REVOLUCIONAR
 Sabe por quê? PORQUE TA TUDO ERRADO! São anos de histórias guardadas,
 achando que todas as mulheres são nossas RIVAIS
 Fala ai como vocês se sentem agora que estamos juntas com as nossas iguais?
 Vamos destruir esse sistema que nos APRISIONA
 Vamos usar a poesia pra abalar as estruturas do PATRIARCADO E, mina
 RETRAÍDA, Só se for no passado.
 MACHISTAS, vocês terão que se curvar
 Porque já vamos começar
 Se preparem, que agora as minas vão revolucionar!
 (Mulher! - Tawane Theodoro)

Quando comecei pensar qual seria a oficina seguinte pós-encontro e diante das reverberações que ocorreram, senti a necessidade de trabalhar a relação das meninas com elas mesmas, com o grupo e com as diferentes mulheres que faziam parte do cotidiano delas. Esse encontro aconteceu no dia 22/05/2024 (quarta-feira), pela manhã, com duração de 2 horas, na UESB e estavam presentes Jéssica e Umberd. Nesse dia, infelizmente, algumas práticas não puderam ser aplicadas, pois só duas meninas compareceram. Esse encontro acabou sendo menor que os outros e se desenvolveu de maneira mais teórica que prática.

O nosso ritual de início de encontro se deu de maneira diferente. Jéssica ajudou Umberd a se lavar e Umberd ajudou Jéssica a se lavar. Jéssica entregou a vela acesa a Umberd e ela entregou a vela acesa a Jéssica. Solicitei que as duas se sentassem uma de frente para a outra, se olhassem nos olhos, dessem as mãos e oferecessem um sorriso sincero. Em seguida, lhes pedi que fizessem elogios para outra. Palavras como “bonita, dedicada, especial, guerreira, carinhosa, iluminada, única, amiga” foram proferidas e trocadas por elas. Falei que se elas quisessem, poderiam se abraçar. E assim, fizeram.

Pedi então, que caminhassem pela sala. E fossem variando o ritmo da caminhada, mais lento, mais rápido, intermediário e que fossem brincando na caminhada, descobrindo novas formas de caminhar. Na ponta dos pés, com os calcanhares, pés para fora, pés para dentro, se esticando, se enrolando, rolando, pulando e que aos poucos fossem voltando ao seu jeito de andar. Essas brincadeiras ao mesmo tempo em que buscavam memórias de infância possibilitava concentração e presença. Antes de finalizar a caminhada, pedi que as meninas falassem nomes de mulheres que são importantes na vida delas. Depois pedi que falassem nomes de mulheres que são referências para elas, independente do âmbito social. Em seguida,

que falassem apenas nomes de mulheres negras importantes na vida delas. E o mesmo pensando em referências.

Observei que quando as meninas falavam das mulheres negras importantes na vida delas, a lista era enorme. Várias mulheres na família, faculdade, amizades. Mas, quando pensadas nas referências precisou-se pensar um pouco mais. Nas artes as referências foram maiores pensando na música e no meio midiático. Não aconteceu o mesmo quando se pensou no teatro, poucas referências. Falaram algumas intelectuais negras que conheciam através de outras mulheres, mas não leram muito.

Ao final do encontro, na nossa roda de conversa, perguntei as meninas se elas haviam sentido dificuldades em pensar nos nomes de mulheres negras referências.

Jéssica me respondeu que:

Hoje a gente tem diversas mulheres negras na música. Isso facilitou um pouco, porque a gente consome muita música, pelo menos eu gosto muito (risos). Aí eu me lembrei delas. Mas, quando eu fui pensar no teatro eu não conheço praticamente ninguém, além daqui do curso (Teatro). E isso me deixa triste. Queria conhecer mais mulheres negras do teatro (Jéssica, 2024).

Umberd completou:

A gente tem uma carência muito grande em conhecer mais pessoas do teatro, aqui no interior. Eu acho que que tá em Salvador, em outras capitais conhece bem mais. A gente tem mais contato com a gente aqui mesmo. E o nosso curso também não aborda muito as mulheres negras no teatro. A gente conhece quando viaja. As vezes quando vem algum espetáculo se apresentar aqui. Mas, só me lembro de Grace Passô (Umberd, 2024).

Quando perguntei sobre intelectuais negras referências, foi unânime bell hooks, Djamila Ribeiro, Ângela Davis e Carla Akotirene.

Mana, as únicas que eu tenho mais acesso assim, Djamila Ribeiro e que eu já li mais. Carla Akotirene também, sigo no Instagram e já li. Como eu tô com uma pesquisa sobre cabelo e estética negra, tô lendo um livro de bell hooks. Mas, não tinha tanto contato antes. Existem outras que ouço mais a galera falar, leio uma coisinha, mas não sou uma estudiosa, sabe? (Umberd, 2024).

Jéssica respondeu o seguinte:

Agora, tô tendo mais contato com as intelectuais negras, e isso se dá muito através de colegas do curso, que vem trabalhando com essa questão da identidade negra, enaltecendo e talz. Aí eu tenho buscado ler um pouco mais. Eu já li algumas coisas de Djamila Ribeiro e Ângela Davis. As outras ouvi mais do que conheço. Ah, e agora conheci Audre Lorde que você (Lana) apresentou pra gente (Risos) (Jéssica, 2024).

Trouxe esse compilado de falas das meninas, pois percebo que elas dialogam entre si e apontam para alguns lugares em comum. O que foi trazido pelas meninas é um reflexo do que a sociedade faz com as corpas pretas. Apaga, invisibiliza e trata o nosso conhecimento como menos relevante sendo questionado e repensado se realmente pode ser considerado conhecimento. Nós construímos e desenvolvemos conhecimentos na prática. Nosso corpo é conhecimento. Grada Kilomba nos aponta que:

Devido ao racismo, pessoas negras experienciam uma realidade diferente das brancas e, portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de maneira diferente. Os temas, paradigmas e metodologias utilizados para explicar tais realidades podem diferir dos temas, paradigmas e metodologias das(os) dominantes. Essa "diferença", no entanto, é distorcida do que conta como conhecimento válido. Aqui, inevitavelmente tenho de perguntar, como eu, uma mulher negra, posso produzir conhecimento em uma arena que constrói, de modo sistemático, os discursos de intelectuais negras/os como menos válidos (Kilomba, 2019, p. 54).

Não podemos mais perpetuar o apagamento e o não reconhecimento dos conhecimentos produzidos por nós e pelas nossas. Precisamos dialogar mais, buscar e consumir mais trabalhos de mulheres negras nas artes da cena. Ainda é muito pouco o que chega para nós. Sabemos que o apagamento da mulher negra ainda é muito latente, mas é nosso dever conhecer e enfatizar o trabalho de nossas irmãs, elucidando a importância das produções artísticas dessas mulheres.

A perversidade do sistema deslegitima as nossas produções. E a academia possibilita essa perpetuação. Em um momento anterior nesta escrita, referir-se ao momento em que ainda estava licenciando no curso de Teatro e não tive aulas que me apresentassem mulheres negras no/do Teatro. Através das falas das meninas, percebo que as lacunas ainda são presentes no referido curso. Apesar de já ter escutado de professores do curso atualmente, que houve uma reformulação na grade curricular, o que a mim, foi apresentado pelas meninas, aponta que ainda existe uma fragilidade ao que se refere a presença de conteúdos que apresentem as(os) discentes referências femininas negras no Teatro. Compreendo também, que as artes ainda são vistas como menos importante dentro do espaço acadêmico, o que pode dificultar que artistas negras possam vir até a UESB dialogar com as turmas de Teatro. Sei que há o movimento de uma professora na tentativa de criar essas conexões. Mas academia ainda é um lugar no qual existem hierarquias, um espaço branco que enumera o que é relevante e o que não. Kilomba (2019) sobre o centro acadêmico, nos lembra que:

o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas(os) brancas(os) têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a(o) "Outras(os)" inferior,

colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito branco (Kilomba, 2019, p. 50).

Pensar sobre aquelas que são referências para nós, nos leva a lugares que possibilitam reflexões. Queremos e precisamos de ambientes que realmente pensem em nos possibilitar espaços de fala, de trocas, de presença ativa. As produções das intelectuais e artistas femininas negras precisam ser mais propagadas e acessadas. E nós mulheres negras precisamos estar nesse movimento, sermos ventos que sopram e levam para os mais variados locais as vozes, as falas daquelas que temos acesso. Somos corpos que merecem ter nossos conhecimentos validados, seja escrito, seja oralmente, seja através do corpo nas artes.

2.3.5 - Oficina V – Dos arrepios que me reconheço

Minha irmã e eu
fomos criadas para odiar
educadamente
os silêncios uma da outra
costuravam nossas línguas
como labaredas
nós cumprimentávamos uma a outra
com respeito
que significava
a uma distância cuidadosa
enquanto sonhávamos em deitar
na ternura da paixão
para beber de uma mulher
que tem cheiro de amor
(Nunca roube o fogo de uma mulher – Audre Lorde)

Esse encontro aconteceu no dia 28/05/2024 (terça-feira), à noite, com duração de 2 horas, na UESB e estavam presentes Fernanda, Jéssica e Viick.

Lendo o texto *Usos do erótico: o erótico como poder* da autora Audre Lorde me fez refletir que pensar uma oficina para falar sobre sexualidade com mulheres negras, está para além de um momento teórico sobre as mais variadas sexualidades existentes, e sim, para pensar as nossas corpos como conscientes da fonte de poder que possui. “Nosso conhecimento erótico nos empodera” (Lorde, 2019, p. 71). Esse erótico está para além do imaginado e do perpetuado, aquele relacionado às sensações confusas das mulheres que foram ocasionadas pelos homens. Mas, um erótico como uma dimensão da nossa energia, sensibilidade, autoconhecimento e força. Um poder que pode ser utilizado em favor de um consciente empoderamento feminino.

Existem muitos tipos de poder, reconhecidos ou ignorados, utilizados ou não. O erótico é um recurso intrínseco a cada uma de nós, localizado em um plano

profundamente feminino e espiritual, e que tem firmes raízes no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados (Lorde, 2019, p. 67).

Sabemos que tudo que é inerente às mulheres, principalmente as negras, é visto como menos importante ou enfatizado dentro de uma esfera negativa. O entendimento do poder do erótico provoca nos homens um temor. Não querem que tenhamos consciência dos nossos mais profundos conhecimentos. Assim, nós mulheres negras fomos ensinadas e crescemos acreditando que os nossos desejos, prazeres e a presença do erótico em nós estava associada a algo negativo e que não deveríamos explorar, pois seríamos ainda mais culpadas por essa existência pertencente a nós.

Fomos ensinadas a suspeitar desse recurso, demonizado, maltratado e desvalorizado na cultura ocidental. Por um lado, o erotismo superficial tem sido estimulado como um sinal da inferioridade feminina; por outro, as mulheres têm sido submetidas ao sofrimento por se sentirem ao mesmo tempo indignas de respeito e culpadas pela existência desse erotismo (Lorde, 2019, p. 67).

Pensando em possibilitar que as meninas olhassem para si mesmas, como mulheres que carregam consigo esse poder advindo do erótico, pensei em práticas nas quais as meninas pudessem focar em si mesmas, nas singularidades e nas fontes de poder delas mesmas. Em uma das práticas desse encontro levei alguns espelhos para a sala e falei para as meninas escolher um, pegá-lo e que olhassem fixamente para a imagem refletida nele, ou seja, elas. Observassem cada detalhe da imagem refletida, do que estavam vendo. Observassem novos pontos que antes não tinham se atentado para ele, procurassem algo novo, algo que estava diferente, ao mesmo tempo em que se contemplassem com seu próprio reflexo.

Após esse momento de autocontemplação, solicitei que passeassem o espelho pelo próprio corpo, pois o espelho não tinha um tamanho suficiente para enquadrar o corpo inteiro. Nesse passeio, pedi-lhes que repetissem o que haviam feito anteriormente e observassem o corpo, os detalhes, o que tinha de novo, diferente, descobertas e certezas do que conheciam de si.

Durante a execução pedi que as meninas se elogiassem, se abraçassem, falassem o que nunca havia falados para si mesmas. Voltassem à atenção para si, para o que gostariam de ouvir, as verdades positivas sobre quem são, sobre seus corpos, seus detalhes imperceptíveis aos outros, mas que só elas sabem que são, que possuem. “O erótico oferece uma fonte de energia revigorante e provocativa para as mulheres que não temem sua revelação nem sucumbem à crença de que as sensações são o bastante” (Lorde, 2019, p. 68). Uma prática em busca de cuidar

de si, olhar para si, enaltecendo as belezas e as singularidades que constituem o ser cada uma delas. Tomando consciência do poder que possuem.

Observei que quando as meninas estavam se elogiando, trouxeram para a prática as suas sexualidades. Enxergar a sexualidade que transgride aquilo que é imposto como dito normal tem se tornando motivo de orgulho e não mais de vergonha ou medo, como foi ocasionado durante muito tempo em várias de nós, nos associando a erros, vistos e lidos como corpos desviantes diante do desejado e aceitado pela sociedade.

Afinal, esse corpo dito como desviante, animal, aberração da sociedade e não humano rompe com o enrijecimento e o asfixiamento que perfilham a colonização do gênero. Somos corpos que borram as análises das ciências sociológicas, antropológicas e psicanalíticas, forjadas na história da colonização (Fatumma, 2023, p. 96).

Viick nos disse sobre sua sexualidade, como apontada por ela ainda não definida:

Sou aquela que mesmo na indecisão de uma sexualidade, amo amar outras mulheres. É revolucionário. É bonito. E eu gosto disso em mim. Me orgulho e sou feliz sendo quem sou (Viick, 2024).

Fernanda nos disse palavras como:

Sou foda. Dedicada. Esforçada. Uma mulher bissexual. Que mesmo tendo uma família que não entende muito bem, e isso me desencoraja a lhes contar sobre mim, gosto de ser assim. E não mudaria isso em mim. Gosto de estar com mulheres. É diferente. O toque, é muito bom (Fernanda, 2024).

A narrativa das sujeitas participantes me direciona a escritora Dedê Fatumma e sua narrativa sobre o seu processo de aceitação da sua sexualidade. A autora afirma que “assinei um contrato com o Tempo, de pertencer a mim e crescer genuinamente amando as mulheres.” (Fatumma, 2023, p. 32). Assumir seus desejos, que são vistos sob lentes negativas de uma sociedade heteronormativa, é estar consciente do poder do uso do erótico. Compreender o que lhe basta e o que não, o que quer e como quer, o que lhe faz gozar e o que não. Aceitando o que deseja e rejeitando o que é imposto. Aceitando e entende até onde vai a presença dos homens em sua vida. Como dito por bell hooks “Mulheres que se identificam com mulheres, sejam elas heterossexuais, bissexuais ou lésbicas, raramente fazem da aprovação do homem uma prioridade na vida. É por isso que ameaçamos o patriarcado” (hooks, 2023, p. 142). A aceitação das meninas sobre suas sexualidades demonstra o quanto são corpos empoderadas e esse poder, ameaça a sociedade heteropatriarcal. Isso é uma desconstrução que só é possível graças às lutas

feministas que brigaram para enfatizar o que nós mulheres queríamos e o que pensávamos também sobre nossos corpos.

Com a compreensão de que mulheres jamais seriam libertadas se não desenvolvêssemos autoestima saudável e amor-próprio, pensadoras feministas foram direto no xis da questão - examinando criticamente como nos sentimos e o que pensamos sobre nosso corpo e oferecendo estratégias construtivas para mudança (hooks, 2023, p. 57).

O que procurei nesse encontro foi possibilitar que as licenciandas pudessem se ver enquanto sujeitas empoderadas, conscientes de seus corpos, do erótico, do que desejam, do que merecem e dos amores que lhes são possíveis. Pensar nas sexualidades, principalmente sendo mulheres negras, é enfatizar também a importância da consciência de si, daquilo que está para além das sensações, mas aquilo que é experienciado-sentido em intensidade completa no fazer.

2.4 DO QUE FOI DITO, VISTO E ESCUTADO

A execução das oficinas foi uma etapa importante no processo de pesquisa, pois pude observar de uma maneira mais próxima e prática como as meninas lidam e articulam os temas propostos nas oficinas tanto na vida pessoal como em suas práticas artísticas, cada uma a seu modo e dialogando de maneiras diferentes.

Suas histórias pessoais fazem parte de uma construção a partir de um coletivo de mulheres pretas presentes sem suas vidas. Pude observar que as mulheres que fazem parte da família de cada uma são figuras importantes e de grande relevância na construção e percepção sobre si. Os processos de encontro com a identidade de cada uma foram acalentados por essas mulheres. Cada uma afagando a partir das suas próprias cicatrizes. Os gestos, ações, palavras, afetos compartilhados no âmbito familiar são trazidos e demonstrados nas palavras e nas criações artísticas delas.

As corporificações e as palavras das meninas revelam um diálogo muito íntimo com as verdades que elas acreditam e vivenciaram. Quando as palavras que para elas, podem ser usadas para definir “Mulher Negra” é desafio e resistência, percebemos que a trajetória de vida das sujeitas e/ou das mulheres que fazem parte da vivência delas, são permeadas por dificuldades em se manter de pé em uma sociedade patriarcal e racista. Assim, não é difícil acreditar que o que nos define sejam palavras como essas. E gestos que simbolizam a luta constante que está estigmatizada nas corpos pretas.

Essas imbricações são importantes até mesmo para as meninas perceberem as opressões que atravessaram as mulheres que fazem parte de seus círculos familiares e sociais. Direcionando-as para perceber a arte como um espaço no qual pode-se pensar e criar caminhos para o combate as opressões, enfatizando principalmente aquelas que são direcionadas as mulheres negras. A arte como caminhos possíveis para construções outras e transformações. Um espaço para se erguer a voz e levar para os palcos corpos que estão cansadas de serem oprimidas, de serem estereotipadas, de serem invisibilizadas e nunca escutadas. Mas, enfatizando também, que somos corpos fontes de poder, carregadas de conhecimentos, com experiências que são motivos de orgulho, seres que burlam o sistema e existem mesmo quando querem nos aniquilar ou ditar o que devemos fazer, mulheres que não enxergam os lugares impostos como as únicas possibilidades e vão à luta na construção de espaços digno para nós. Vociferando os desafios, mas também os amores e as conquistas.

Essas oficinas pensadas também como um espaço no qual as nossas relações fossem transformadas e nos aproximasse mais, desenvolvendo assim, a confiança das meninas em relação a mim enquanto pesquisadora, pois dentro dessa trajetória de pesquisa, temas que relembrem processos dolorosos e opressivos seriam abordados. E sabemos que não é fácil trazer à tona essas situações, mesmo entendendo que feridas já foram cicatrizadas. “Transformar essas histórias em palavras é um processo doloroso, que obriga a revisitar o ataque, o conflito, o trauma. Ao mesmo tempo, é um processo de cura, de superação, de reconhecimento da sobrevivência e da evolução” (Santos, 2019, p. 118). Reconhecer, falar e utilizar a dor como inspiração na criação artística, é possibilidade de ecoar as vozes das meninas e refletir outras nas corpos delas.

3.NARRAR, ESCREVER, ATUAR: ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Narrar. Contar para o outro sobre si. Descrever fatos, acontecimentos, vivências. Transformar as memórias em palavras, parágrafos, textos. Experiências expostas sem medo, mas com um pouco de vergonha. Partes de um eu que guardei só para mim. Um fio longo que muitas vezes foi deixado enrolado, emaranhado, distanciado. Risos que são sempre bem-vindos. Lágrimas que já pesaram muito, mas hoje não se deixam pesar. Lágrimas embebidas na fonte das lembranças – boas e ruins. Nós que se desatam e novos laços vão formando, mas não asfixiam mais, agora fazem parte de/do ser beleza. Prosa que vai se transformando em poesia e/ou poesia que se transforma em prosa. Pode ser lembrança de banho chuva, do gostinho de café quente, do cheirinho da casa de “vó”, das brincadeiras de infância, do primeiro beijo, de andar de mãos dadas pela primeira vez, da primeira vez que pisou no palco, da primeira peça teatral, do primeiro incentivo, das várias primeiras experiências, daquele abraço que só de lembrar, aperta. Assim como a saudade daquilo que já não volta mais. Do que não pode ser traduzido em palavras, mas os gestos também contam. Gestos que não conseguem esconder o que doeu, onde doeu e como doeu. De como sobreviveu. O quanto lutou, buscou, incessantemente não parou. Narrar o desejo de voltar atrás e viver outras vidas. Se ver com os mesmos olhos, mas com uma percepção diferente, mais cuidadosa, amável, amigável. Perceber a própria identidade. Aceitar. Corpos que se encontram, se reconhecem, compartilham, vibram, revivem, mas que podem também se distanciar, estranhar, não lembrar ou escolher não lembrar. Às vezes quando NARRA, a lembrança dói. Traz à tona dores, momentos ruins, fragilidades, medos, sofrimento e angústia daquilo que não quer ser reaberto. Revivido. Por mais que necessite ser gritado. Foi inaudível por muito tempo. Invalidado. Palavras escondidas. Mantidas em segredo. Confidenciais. Palavras que não foram ditas, mas lembradas. Palavras resistentes, existentes, contentes, por serem contadas e ouvidas. Narrar o primeiro grito de resistência. Aceitar a pele e a existência. Narrar a identidade construída. Narrar e encontrar a si, se visitar, se enaltecer e lembrar com carinho. Demarcar e enfatizar quem é. Pertencimento. Origem. Raízes. Descobrir-se. Rememorar as histórias experienciadas em contextos e situações diversas. Narrar para além de contar. As narrativas das sujeitas enfatizam sua humanidade. Potencializam suas existências. Mostram para o mundo que elas/nós estamos aqui. São autoras e as atrizes das narrativas apresentadas no palco da vida real. Na realidade da vivência de ser mulher negra. Corpa preta bissexual ou lésbica. Artista. Artivista. Que narra do palco para a vida e da vida para o palco.

3.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

As reflexões, contornos e desdobramentos da pesquisa foram se constituindo a partir dos relatos de vidas das quatro licenciandas negras selecionadas do Curso de Licenciatura em Teatro da UESB – Jequié. Como já mencionado anteriormente, Fernanda, Jéssica, Umberd e Viick foram as coautoras e participantes fundamentais para o desenvolvimento e os possíveis resultados deste trabalho.

Neste capítulo, serão aprofundadas as narrativas de duas participantes. A escolha das sujeitas se deu por meio da observação contínua durante a pesquisa de campo. Fernanda e Jéssica foram escolhidas para esta pesquisa desde o nosso primeiro contato. Sempre em movimento nos corredores da UESB, presente nos palcos. Mulheres negras que tinham suas presenças sentidas nos espaços. Elas sempre me vinham à mente quando pensava nas sujeitas da pesquisa. Se disponibilizaram imediatamente a fazer parte da pesquisa, apesar de terem muitas atividades e demandas acadêmicas e familiares. A escolha por elas, mesmo após o contato com as demais sujeitas, foi acontecendo gradualmente. Enfatizo que, não havia uma disputa de quem era melhor, apenas tive que ser criteriosa e fazer uma escolha devido ao tempo de pesquisa. Dessa forma, a partir do que pude ir observando nessa caminhada, Fernanda e Jéssica atendiam aos critérios para participar da entrevista individual.

No delinear da pesquisa elas conseguiram contribuir em todos os métodos utilizados. Analisando os retornos que eram trazidos por elas, tanto nos momentos de diálogos quanto nas práticas, as sujeitas eram as vozes e a corpa desta pesquisa. Percebi que eram mulheres em movimento, que aos poucos foram mostrando a construção de suas identidades nas suas complexidades e em seus processos mais subjetivos e artísticos. As vivências das sujeitas, o desejo em contribuir e a presença sempre eram sentidas. Dentro das oficinas, sempre atentas e participativas, como dizemos no teatro “aqui e agora”, dispostas e dentro do jogo. Mulheres dispostas, entregues que respondiam, mas também perguntavam. Sabiam da importância do presente, assim como do passado na construção de quem são agora. Pés firmes no chão, carregando desejos e sonhos que lhes conferem determinação para trilhar caminhos e desbravar novas possibilidades nunca imaginadas.

Não distante, com a mesma participação enérgica estavam entregues também nas conversas. Nos momentos de diálogos dentro das oficinas, tinham sempre o que dizer. Algo necessário que precisava ser exposto. Sujeitas carregadas de suas raízes. Dos exemplos e ensinamentos de suas mães, traziam muitas vezes a vida pessoal, memórias, lembranças, narrativas de si para relacionar com o contexto da oficina. No início ainda um pouco tímidas,

mas logo a timidez não existia mais e conseguiam falar abertamente sobre si. Das experiências mais comuns às mais íntimas. Aquelas em que elas mesmas falavam “acho que nunca falei isso pra ninguém”. Mas ali, se sentiam confortáveis para falar abertamente, pois percebiam que estávamos construindo um lugar seguro para nós mesmas e existia um reconhecimento de que éramos iguais. Esse reconhecer-se em outras, por outras em si e sobre si, é reflexo das experiências vividas distantes, mas que se assemelham nas complexidades dos contextos e nas marcas deixadas. Assim como eu também ia me reconhecendo nelas.

[...] meu corpo, tal qual o reflexo de um espelho, recuperava memórias do que vivenciei de muitos daqueles relatos, de modo que nesses encontros fui pesquisadora de outras, ao mesmo tempo que fui pesquisadora de mim, do passado que se levanta em ondas majestosas quando mulheres, assim como as águas, se juntam (Gonzaga, 2019, p. 23).

Nesse processo de ir se reconhecendo entre nós mesmas, a confiança também foi sendo construída. Se enxergar numa outra corpa, perceber que ela também carrega cicatrizes, possui experiências dolorosas, sabedorias e conhecimentos herdados de muitas mulheres que fizeram/fazem parte da sua vida. Se reconhecer também nos risos, nas emoções, na sobrevivência, no amor. Esse olho no olho que reflete a própria imagem e possibilita uma conexão de irmandade. Nessa conexão surgem conselhos, desabafos, afetos, trocas, novas experiências. Vivências que se compartilham, olhares para si que vão se transformando e passam a ser mais cuidadosos e afetuosos. Mulheres negras se enaltecendo e autodefinindo, enfatizando a importância de abraçar quem se é, buscando “aconselhar mulheres negras a abraçarem sua assertividade, a valorizarem sua ousadia, e a continuarem a usar essas qualidades para sobreviverem e transcenderem os ambientes hostis que circunscrevem as vidas de tantas mulheres negras” (Collins, 2016, p. 104).

Mulheres negras compreendendo a importância e a potência em se autodefinir. Mulheres negras se vendo refletidas e se fazendo refletir em outras mulheres negras. Mulheres negras confiando em mulheres negras. Após uma confiança conquistada, partimos então para as entrevistas individuais. As entrevistas aconteceram no dia 13/12/2024 com Fernanda, duração de 2 horas e 48 minutos e no dia 15/12/2024 com Jéssica, teve a duração de 2 horas e 32 minutos. Me mantive fiel às falas das sujeitas. Optei por dividir a entrevista por blocos. Cada bloco aparecerá aqui como subtítulos deste capítulo. Utilizei um roteiro semiestruturado para a realização das entrevistas.

3.1.1 Blocos I e II: teatro, arte e ativismo

Antes de iniciar os desdobramentos desse subtítulo, ressalto que optei em unir os dois blocos para trazer as reverberações obtidas através desses, pois o Bloco II, como será possível perceber em anexos, possui apenas uma questão que, a partir das respostas das sujeitas dialoga diretamente com as questões trazidas no primeiro bloco. Assim, foi possível traçar reflexões que se entrecruzam e seguem uma linha de pensamento que não interfere no desdobramento das reflexões, mas os enfatiza.

Optar pela Licenciatura em Teatro é um ato de amor pela arte. Digo isso, pois infelizmente aqui no interior, a arte ainda é desvalorizada e vista como algo que sempre será um *hobbie*, uma fuga, uma prática que não se relaciona com a área profissional. As pessoas convidam artistas para se apresentarem em eventos e acreditam que podem remunerá-los com lanches. Falo isso por experiência própria. É doloroso passar anos se capacitando e profissionalizando, expandindo os conhecimentos teórico-práticos e ser vítima desse pensamento que desqualifica quem sou e minha profissão. Dentro da própria UESB, discentes de outros cursos se dirigem aos discentes do curso de Licenciatura em Teatro e Licenciatura em Dança como se fossem desocupados, baderneiros, pessoas que não têm material para estudar, “a galera que só sabe fazer bagunça na universidade”, enfim, sempre falas carregadas de preconceito e ignorância.

A partir do meu contato com alguns artistas, que já passaram ou estão no Curso de Licenciatura em Teatro, ao falar sobre o apoio para cursar o referido curso, se faz comum ouvir os discursos de não entendimento dos familiares sobre a escolha, perguntas sobre estabilidade financeira e se realmente isso poderia ser considerada uma profissão. Enfatizo que muitas dessas questões acontecem devido à falta de valorização e incentivo para o fazer artístico. Em muitas cidades pequenas, como a minha por exemplo (Jiquiriçá), não existe um olhar para as artes, não há projetos para que se tornem visíveis as artes e os artistas, que apresentem para a comunidade e familiares o seu fazer artístico. Assim, muitas pessoas iniciam seu contato com a arte nas igrejas e/ou nas escolas. E isso não é um problema. O que estou apontando aqui, é que muitos questionamentos e olhares julgadores para a arte e suas artistas surgem, também, a partir de uma desvalorização dos lugares aos quais deveriam enfatizar a importância do contato com as artes. Enxergar as artes em toda sua totalidade. Como algo político. Algo que pode possibilitar transform(ação).

Nas narrativas das sujeitas podemos perceber as imbricações desde muito cedo das artes nas vidas delas. E a escola tem um papel fundamental desse encontro com o “eu” artista das sujeitas.

No Fundamental II eu começo a ter relação com a arte através dessas peças, as aulas de artes eram ministradas por um professor de Matemática então basicamente era desenho e eu nunca fui boa com desenho. Mas na oitava série, atual nono ano, veio uma professora recém-formada em Pedagogia e em cada unidade ela trabalhava uma linguagem artística. E foi incrível! Fizemos poesias, paródias e improvisações e escrevemos peças. Lembro que grupo era formado apenas por meninas e eu fiquei responsável pela dramaturgia. Escrevi um texto de um romance entre duas mulheres e o grupo aceitou encenar. A professora evangélica não gostou da temática, mas elogiou a maneira que foi escrito e encenado (lembrando disso agora eu sei o porquê saíram boatos que eu estava namorando com minha melhor amiga). No Ensino Médio foi a época em que eu mais escrevi, e sempre dava um jeito de recitar poesias em algum trabalho, levar figurinos para outros, eu sentia que estava interpretando um personagem ao apresentar os trabalhos (Fernanda, 2024).

A narrativa de Fernanda é um encontro com ela mesma. Possibilita recordações de momentos que ela já não lembrava e traz à tona respostas de perguntas que ela se fazia, mas não “encontrava” as respostas. Sendo também, uma narrativa que aponta algumas problemáticas.

O espaço escolar ao mesmo tempo que possibilita esses encontros com o que gostamos, também pode ser um espaço que limita. Apesar de existir há anos uma Lei¹³ que torna obrigatória o ensino de Artes nas escolas, não existe um olhar de respeito para tal. Muitas escolas ainda utilizam as aulas de Artes para complementar a carga horária de professoras e professores de outras áreas, que acreditam que aula de Artes se resume em desenhar e pintar sem compreender a complexidade de verdadeiras aulas de desenhos e de pintura. Esse olhar medíocre para as Artes, resulta em aulas ministradas de qualquer jeito, que não enfatizam o ensino de Linguagens Artísticas, que não priorizam o desenvolvimento, vivência e a prática artísticas do alunado. Os primeiros contatos de Fernanda com aulas de Artes foram negativos e poderiam ter influenciado a importância, o lugar e o valor das Artes em sua vida.

Compreendo também que existem professores que, mesmo não tendo formação na área das Artes, buscam conteúdos e materiais para possibilitar um conhecimento prévio das linguagens artísticas. É o que podemos perceber por meio da narrativa de Fernanda. Sua professora da oitava série (atual nono ano), era formada em Pedagogia, mas se esforçava para

¹³ A Lei 13.278/2016 foi sancionada pela presidente da época Dilma Roussef. Alterando a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394/1996). Incluindo as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro no currículo escolar dos diversos níveis de educação básica. A referida Lei prevê a obrigatoriedade do ensino de Artes.

ministrar aulas de Artes, com conteúdos que fazem/faziam parte do currículo da disciplina. Porém, a professora evangélica não compreendia a importância de se trabalhar temas que fazem parte do cotidiano das alunas e alunos. Isso poderia criar um espaço seguro no qual elas e eles poderiam utilizar as artes para enfatizarem e demonstrarem quem são, suas questões, suas vivências, não como terapia, mas como uma partilha, uma troca que auxiliaria na percepção das diferenças e semelhanças não como negativas, mas positivas, assim, desenvolvendo e auxiliando na construção de seres humanos críticos.

Escrever um texto dramático no qual aborda o amor entre duas mulheres, pensando no contexto ao qual ela estava inserida, é de uma coragem indescritível. Mesmo não enxergando problemas em abordar o tema, Fernanda percebeu que outras pessoas não enxergavam com o mesmo olhar de naturalidade. Apesar da professora elogiar a escrita e a encenação, a temática do texto não tivera sido bem “aceita” para ela. Sendo ela uma mulher evangélica, só via negatividade em ter suas alunas escrevendo, encenando e abordando o amor entre duas mulheres dentro de sua aula. Por que o tema trazido incomodou tanto a professora? Por que os boatos que surgiram após apresentação era de que Fernanda namorava com sua amiga?

Os relatos de Fernanda vão desenhando cada vez mais o quanto a escola desempenhou um papel importante nas suas relações que foram sendo estabelecidas entre o alunado, as disciplinas e o quadro de professores. Aos poucos Fernanda foi encontrando nas Artes, o seu lugar, o seu encontro particular e singular consigo mesma. Um motivo para se alegrar.

Eu tive um professor de história que pedia pra gente apresentar umas peças. Talvez sem saber, ele foi a pessoa que me incentivou a fazer teatro. Sem ele meu contato com o teatro não seria possível e eu não iria conhecer a sensação incrível que era estar no pátio da escola sendo uma personagem. Lembro que na quinta série eu apresentei pela primeira vez e tive muitos elogios. Parecia que eu estava no lugar certo, que eu era boa em algo e isso foi muito significativo pois no ano anterior eu sofria muito *bullying* na escola, e isso começou a dar lugar a um sentimento bom pela escola e lá ser o meu lugar favorito (Fernanda, 2024).

Os *bullies* abordados na narrativa de Fernanda, era racismo na verdade. Mas no período em que cursava o Ensino Fundamental, ainda era tratado como *bullying*. Essa percepção da violência que lhe era acometida só pode ser entendida na fase adulta de sua vida.

Mesmo dentro de um vergonhoso contexto opressor, Fernanda viu um alicerce ao qual poderia se apoiar. Um chão para pisar sem medo de cair. Um fio de esperança em dias e situações melhores. Na época uma menina que sofria sem nem saber o porquê, entretanto, resistia todos os dias, enfrentava seus “pequenos” algozes, levantava a cabeça e seguia. Escrevendo, recitando, atuando, sendo ela e sendo outras. Fernanda ia se encontrando cada vez

mais com seu eu artista. Como nos diz Leda Maria Martins (2023, p. 204) “no teatro podemos burlar a censura, sem constrangimento, assumindo, em um intervalo de tempo real e imaginário, esse outro (ou outros) que a repressão cotidiana enclausura em nossa mente”.

Através dos dois relatos de Fernanda, pode-se perceber que ela tivera uma experiência atravessada por altos e baixos no que diz respeito aos primeiros contatos com as artes em sua vida. Não desistiu e mesmo sem saber ao certo, ela já fazia Teatro. Continuou sua prática incerta do que seria, mas o importante era fazer. Ne Ensino Médio produziu ainda mais. Queria praticar mais. Se viu imersa no fazer artístico. Se encontrou escrevendo, ajudando com figurinos, se sentia outra pessoa quando estava apresentando, recitava poesias. Uma artista.

Uma artista que ouviu o chamado das artes desde cedo, mesmo nas incertezas e desencontros não hesitou e a imersão só foi se tornando cada vez mais significativa e profunda. De texto em texto, poesia em poesia, figurino em figurino, apresentação em apresentação, até o momento desta escrita, Fernanda é Licencianda em Teatro e vem fazendo uma trajetória artística, potente e bonita.

Jéssica nos traz em sua narrativa um ponto de semelhança com Fernanda; o despertar para as artes dentro da escola, mesmo que em contextos diferentes. Vejamos a narrativa de Jéssica:

Na escola, eu participei dos projetos estruturantes na modalidade TAL¹⁴. Esses projetos têm etapas. Eu passei na primeira etapa da minha escola, apenas com a escrita. Quando fui para Vitória da Conquista, para a apresentação da NTE, tive contato com o teatro por meio de oficinas, para apresentarmos os textos. Gostei bastante, especialmente da minha apresentação, pois durante ela, pude entender o contexto do texto, criar uma dramaturgia, trazendo-o à vida com posições cênicas. Isso tornou o texto em algo pessoal, ligado à minha história, ancestralidade, vivências familiares e histórias de meus avós (Jéssica, 2024).

A sensibilidade no relato de Jéssica, nos aponta um olhar para a importância dos projetos artísticos dentro das escolas. É urgente que as escolas percebam a arte como aliada e não como “tapa buraco” na escala de docentes. Alunas e alunos têm a oportunidade de brincar com as artes e irem aos poucos descobrindo suas aptidões e competências, assim como possibilitar contatos com artistas de diferentes linguagens.

A experiência de Jéssica na escola ultrapassa seus muros, levando-a a uma competição artística em outra cidade. Com o material que ela mesma produziu; um texto pessoal, particular e íntimo. Ela escrevia para si, nem imaginava que poderia alcançar outras pessoas com as suas

¹⁴ O TAL é o Projeto de Tempos de Arte Literária, que é um projeto cultural, educativo e artístico-literário e é realizado com turmas do Ensino Fundamental II e até o 3º ano do Ensino Médio. Ele faz parte de um projeto desenvolvido pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, chamado de Projetos Estruturantes.

produções. Ela escreveu e pôde ter a oportunidade de encenar e melhorar sua apresentação, sob as orientações de outros artistas que estavam ali para lhe ajudar. Seu primeiro material artístico que estava sendo apresentado para outros olhos. Suas primeiras oficinas de teatro que lhe acertaram precisamente e mostraram um novo jeito de ser e fazer as coisas. Um novo jeito de se conectar consigo mesma.

Fora desse contexto de competição, perguntei a Jéssica se ela se recordava de como eram as aulas de Artes e se havia um incentivo para elas. A resposta de Jéssica foi a seguinte:

Não havia incentivo a arte. As professoras de artes não eram formadas na área, nem aparentavam possuir afinidades artísticas. As aulas eram apenas artes visuais, ainda assim, eu que gostava de desenhar não aprendi muita coisa, tampouco desenvolvi a partir da escola. Isso eu considero uma grande contradição (Jéssica, 2024).

Ouvir/ler a narrativa de Jéssica é de causar tristeza e indignação. Assim como trazido por Fernanda, Jéssica experienciou altos e baixos em sua relação com as artes dentro da escola. A falta de professoras e professores preocupados em oferecer um ensino de Artes que pudesse ser aproveitado, que possibilitassem o aprendizado e aproveitamento de práticas artísticas, optavam pelo caminho mais cômodo, solicitar desenhos para as alunas e alunos. E Jéssica está certa! Isso é sim uma contradição. Se as pessoas responsáveis por ensinar não estavam ensinando, como iriam aprender? A quem iria recorrer para ter uma aula de Artes de verdade e produtiva?

Apesar dos fatores negativos desses contatos iniciais de Jéssica e Fernanda com as Artes, elas continuaram seu fazer artístico a seu modo. Como já estavam fazendo. Foram ficando mais confiantes através dos anos e da prática dentro da escola. Nos trabalhos das disciplinas viam a oportunidade de escrever um texto dramático, um cordel, uma encenação e assim a relação com as artes só iam aumentando.

Eu sempre gostei muito de escrever poesias, era a forma que eu tinha para me expressar e entender o que eu sentia. Toda a minha adolescência foi moldada por isso. Mas na escola eu amava participar das peças, nunca tinha ido ao teatro. Eu tive aulas de Teatro só no colégio, mas um professor de História chamado Edmilson sempre escrevia peças no São João e na semana da pátria (uma semana no 7 de setembro), onde havia uma temática sobre a história do Brasil e nós fazíamos diversas atividades artísticas e eu sempre estava nas peças. Interpretei homem, noiva, mãe etc. Eu era muito tímida, mas naquele momento eu não era, pois não era eu e sim a personagem (Fernanda, 2024).

Enxergar na arte a possibilidade de entender quem se é. De olhar para si e compreender as complexidades que fazem parte de nossa identidade. Perceber que a timidez some no momento em que os pisam no palco. Ser tomada pela personagem e nem lembrar que existem

problemas lá fora. A magia do fazer teatral e a potência da transform(ação). É o que podemos perceber na narrativa de Fernanda.

Jéssica, por sua vez, nos narra que mesmo sem o incentivo da escola, ela tinha outra oportunidade de mostrar suas produções artísticas.

Minha escola não incentivava a arte, mas na minha cidade já ocorriam saraus. Eu sempre gostei de escrever. Então, sempre escrevia textos e os apresentava de forma dramatizada, utilizando cordel e composição cênica (Jéssica, 2024).

Diante do que foi exposto, o teatro esteve presente na vida das sujeitas mesmo quando elas ainda não compreendiam o que era fazer teatro, porém sentiam-se motivadas por esse fazer a produzir cada vez mais. Elas falavam de si, viam nas próprias experiências materiais suficientes para escrever e atuar. A presença delas, suas histórias, suas famílias, os aprendizados adquiridos ao longo dos anos, suas questões, suas decepções, suas descobertas sobre si mesmas e suas dores foram transformadas em arte. Escrita e/ou encenada. Elas estavam ali, dispostas para sua arte, para o seu fazer. Para serem arte. “Teatro é signo em representação, artifício, convenção que se realiza não apenas em um tempo presente, mas, sobretudo, em *presença de* (Martins, 2023, p. 99). É preciso estar presente, ser presença. Entrar no jogo. As sujeitas entraram no jogo que inicialmente estava cheio de obstáculos, mas foram superando cada um deles. Aos poucos iam fazendo novas descobertas, aprendendo coisas novas, deixando para trás o que não cabia mais e indo em busca do que lhes possibilitava a sensação de completude e felicidade.

Com a descoberta de sua relação com as artes, o Ensino Médio foi finalizado e era chegada a hora de escolher qual curso queriam/iriam optar na universidade. Compreendendo a realidade que lhes cercava, a escolha pela futura profissão não era uma tarefa fácil. Precisavam pensar em todo seu contexto e nos possíveis resultados de suas escolhas. É o que relata Jéssica:

Ao finalizar o Ensino Médio, desejei cursar Teatro, mas não foi possível, pois minha cidade não tinha faculdades e a cidade mais próxima não oferecia o curso de Teatro. Além disso, não tinha condições financeiras para me mudar. Assim, cursei minha primeira graduação em outra área. Durante a faculdade, participei de grupos de teatro em Vitória da Conquista, mas nunca cheguei a apresentar um espetáculo devido à demanda acadêmica. Finalizei a graduação, iniciei o Mestrado durante a pandemia e, posteriormente, surgiu um edital para portadores de diploma. Verifiquei que havia vagas em Teatro, me inscrevi sem muitas expectativas, mas as coisas se encaminharam (Jéssica, 2024).

Escolher graduar-se em Teatro é um grande desafio. Como dito no início desse subitem, existem algumas dificuldades ligadas diretamente à forma como as pessoas veem essa área de atuação. Apesar disso, a caminhada de Jéssica já havia sido iniciada e ela não conseguia mais

se desvincular dessa parte dela. Infelizmente, não aconteceu no momento desejado, mas isso não a impediria de continuar no lugar em que ela se sentia bem. Fazendo teatro.

A narrativa de Jéssica é um reflexo da realidade de muitas mulheres negras. Desejar ingressar em um curso específico, mas devido à falta de condições financeiras optam por outro, que de alguma forma seja possível cursar. Fatores como distância e questão financeira são cruciais na realização do sonho de ingressar naquele desejado curso. No caso de Jéssica, os dois motivos foram relevantes, obrigando-a assim, a se inscrever e cursar outra área de conhecimento que não era desejada.

Apesar de existirem programas de auxílio-permanência nas universidades públicas, que ajudam de verdade a permanência e a continuidade das e dos discentes de baixa renda nas universidades, essa informação muitas vezes não chega para todas as pessoas. Precisa-se compreender que as realidades não são iguais para todas, todos e todes. Ainda existe uma parcela de nossa sociedade que tem baixa ou nenhum acesso às informações diversas. Isso dificulta o ingresso às instituições, fazendo com que muitas pessoas desistam e recorram as universidades particulares, desenvolvendo uma jornada exaustiva para dar conta das demandas acadêmicas, pessoais e profissionais. Assim, podem trabalhar durante o dia, para pagar as mensalidades e estudarem à noite. Saliento que isso não acontece apenas nas universidades particulares, nas públicas também há um número significativo de discentes com uma jornada exaustiva, para poder possibilitar um futuro melhor para sua família e para si.

Jéssica sinaliza que continuou fazendo Teatro mesmo não estando no curso. Conseguiu participar de um grupo de teatro na cidade que estava morando. Ela não parou, se manteve ativa, presente e produzindo arte. O teatro e a arte pulsavam em Jéssica e não a fizeram desistir do seu sonho de ser Licenciada em Teatro, sentia que esse sonho seria possível em algum momento. Mesmo mestranda, agarrou a oportunidade de realizar seu sonho. Não perdeu tempo quando soube de uma possibilidade de ser ver cursando Teatro. Encarou e foi. Dessa vez seria possível. Ia iniciar sua jornada acadêmica artística. Vejamos:

Me formei no Ensino Médio em 2018 e eu tinha muitas dúvidas sobre o que eu queria fazer. No Fundamental II eu sempre falei que queria fazer Teatro, mas nunca fui incentivada pelos professores e colegas. Parecia algo errado para o meu futuro, meus pais só estudaram até a quarta série, sempre me apoiavam, mas não entendiam muito sobre o assunto, além de que não gostavam da ideia de eu mudar de cidade. Diante de todas as dúvidas acabo fazendo um ano de Pedagogia no formato EAD com bolsa PROUNI. Não era o que eu queria, mas era um tempo na minha cidade pra pensar. Nesse meio tempo resolvo jogar minha nota pra Teatro, mas era também só um teste pois tinha muito medo. Em 2020 eu passo. Mas, devido a pandemia só inicio o curso em 2021 no formato online. Isso me deu tempo para me organizar financeiramente para mudança que seria em 2022 devido ao formato presencial. Logo nos primeiros dias de aula, mesmo no remoto, me apaixonei pelo curso e realmente quero isso pra

minha vida. Mas ainda com medo do mercado de trabalho. Os 2 primeiros anos a ideia de uma segunda graduação estava em minha cabeça, mas em 2023 comecei a entrar em todos os projetos possíveis e isso me tranquilizou em relação ao mercado de trabalho e me sustentar durante a graduação (Fernanda, 2024).

Diante do tempo que tive contato com Fernanda, pude perceber que ela é uma pessoa que vai se revelando em camadas, etapas, processos. Ela não confia de maneira imediata. Precisa ir se sentindo segura para poder se abrir completamente. Em nossos encontros esse processo se deu de maneira mais rápida. Acredito que por sermos um grupo pequeno, já nos conhecíamos da UESB e as oficinas possibilitavam que fossem se sentindo cada vez mais confortáveis e seguras entre nós. Falo isso, pois no momento em que Fernanda estava me relatando um pouco sobre sua vida, ela iniciou de maneira mais curta e direta, entretanto, logo em seguida, sentiu-se à vontade para falar abertamente sobre a escolha por fazer Teatro. Apesar de saber o que queria, ela compreendeu que existiam algumas problemáticas que necessitavam de sua atenção. A narrativa de Fernanda traz algumas questões importantes a serem pensadas: a falta de incentivo por parte de seu círculo afetivo e o medo do retorno financeiro/mercado de trabalho.

“Não é fácil viver de arte neste país”. Essa é fala que faz/fez parte da vida de muitos artistas. Ela carrega o peso da não compreensão da importância da arte e do incentivo para tal. A desvalorização é muito pungente e faz com que artistas duvidem que realmente vale a pena investir tempo, dinheiro e dedicação para algo tão incerto.

Apesar do desejo em se graduar em Teatro, Fernanda não via nas pessoas que lhe cercavam a mesma empolgação que ela possuía quando pensava em ser uma estudante de Teatro. Não entendiam, tinham medo, receio ou simplesmente não viam motivos para que Fernanda seguisse adiante com esse desejo. Aprendemos que é comum que as pessoas nos amam desejem sempre o nosso melhor. Para essas pessoas do círculo de Fernanda, fazer Teatro não seria o melhor para seu futuro. Quem vive de arte no interior? Cadê a valorização? São perguntas que até nós artistas fazemos.

Na narrativa de Fernanda, ela expõe de maneira assertiva que seu contato com as Artes, especialmente com o Teatro lhe afetou de maneira significativa, que ela queria ir além, saber mais, praticar mais, experienciar mais. Porém, devido à falta de valorização das Artes, as incertezas de Fernanda eram válidas, o mercado de trabalho, principalmente no interior, é algo que precisava ser pensado no momento que se faz às escolhas acadêmicas/profissionais.

Pés descalços na terra. Banho de chuva. Nadar nos rios. Colher frutas diretamente do pé. Passar horas debaixo de uma árvore. Sentir o cheiro da fumaça do fogão a lenha. Ouvir as histórias que eram contadas pela mãe e pelo pai. Brigar com os irmãos. Encontrar apoio na

irmã. E assim Fernanda foi crescendo, vinda de uma família que tirava o sustento na lavoura. Casa cheia. Essas imagens e lembranças que fazem parte da Fernanda de hoje, também fazem parte das lembranças de sua mãe e de seu pai. Fernanda é a caçula, não seria tarefa fácil sair do “ninho”. Assim, sua mãe e seu pai externaram logo a preocupação e o medo de lhe verem saindo de casa e seguir rumo a um ambiente até então desconhecido para eles.

Encontrando medo por parte de seus responsáveis e medo em si, Fernanda então optou por esperar um pouco, organizar as ideias, experimentar algo novo e descobrir se de fato era isso que queria para sua vida. Arriscou-se numa área um pouco diferente, a Pedagogia, mesmo com o desejo de fazer Teatro, logo percebeu que estava no lugar errado. Então, reacendeu seu desejo, foi atrás e lutou por uma vaga no curso de Licenciatura em Teatro. Agora era o momento certo de enfrentar tudo e acreditar que o seu desejo iria se realizar.

Mais madura, consciente do que queria, dos desafios que iria encontrar e enfrentar, esperou o resultado de sua inscrição. E deu certo. A vaga era sua. Ela agora estava vivenciando o início da realização do que tanto desejara. O sim de Fernanda para o chamado da arte foi tão intenso, que mesmo no momento da Pandemia da COVID-19, as aulas estavam acontecendo de maneira remota (on-line), ainda assim, ela conseguiu ver beleza e se encantar com os seus primeiros passos no curso.

Dentro do curso de Teatro, através das práticas, das aulas, das próprias relações construídas, das sensibilidades e emoções provocadas e ocasionadas em suas experiências teórico-práticas, Fernanda e Jéssica passaram e se enxergar mais, escrever mais sobre si, suas raízes, suas identidades, se reconhecerem e passaram a compreender ainda mais as potencialidades que a arte possui. Segundo Jéssica:

A partir do Teatro eu me sinto presente e viva. Com certeza o Teatro contribuiu para a minha visão de mundo e para a minha identidade. A partir do Teatro eu tive contato com a diversidade na forma de ser de cada colega, seja no modo de vida, seja ponto de vista. Nesse campo (Teatro), aguça a nossa visão de mundo. Também posso me ver como o ser múltiplo que sou, me encontro em minha pluralidade de ser e não mais me questiono. Compreendo e aceito, melhorando o que precisa e entendendo as partes de um todo que me fazem ser eu (alegre, triste, única, múltipla) (Jéssica, 2024).

“A partir do Teatro eu me sinto presente e viva”. Frase forte, impactante, sensível. Jéssica se encontrou no teatro de maneiras antes inimagináveis. Passou a compreender a própria existência, refletir sobre a multiplicidade que lhe torna “Jéssica” e os atravessamentos que compõem sua identidade. O que era pensado e visto muitas vezes de forma negativa, sobre o mundo, sobre os outros e sobre si, passaram a ser repensadas e aos poucos entendendo as complexidades que ali existiam. Não cabem mais questionamentos em lugares desnecessários.

Muda-se o que precisa ser melhorado. O olhar para si, passa a ser mais humano. Mulheres negras não foram ensinadas a se amar, se cuidar, proteger. Propagaram a história única de que nós mulheres negras precisamos cuidar sempre do outro, estar disponíveis para os outros, ser prestativas com os outros, esquecendo-nos de nossas necessidades, desejos, sonhos. Nos anulando para estarmos disponíveis para as necessidades alheias. Mas e nós? Não somos dignas de nosso próprio amor, afeto e dedicação? Chimamanda Ngozi Adichie nos atenta para o perigo da história única.

Todas essas histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne única história (Adichie, 2019, p. 26).

Que não nos atentemos mais para as histórias únicas e propaguemos as várias histórias que nos compõe. Que possamos escrever e contar as nossas verdadeiras histórias, sejam nos palcos ou na vida.

Pode-se perceber no relato de Jéssica é que ideia aqui não é de que o teatro cure ou mude todas as pessoas, mas sim a compreensão de que através de suas práticas e da corpa presente, possa ser atravessada por possibilidades outras de ver o mundo e a si própria. Compreendendo assim o “teatro como gesto político, ético e estético” (Martins, 2023, p. 37). E esse atentar-se para as novas possibilidades também direciona Jéssica para perceber, aceitar e respeitar as individualidades. A vivência com as pluralidades de seus colegas e suas realidades, mostrou-lhe que não cabe enxergar as diferenças como algo negativo, mas que fazem parte das histórias de cada um. Diferenças que caracterizam as singularidades.

O conhecimento e a aceitação de sua identidade podem auxiliar na abordagem e compreensão sobre as diferenças, entendendo-as não como algo negativo, separatista e possibilidade de oprimir, mas, sim como algo para fortalecer as lutas e enfatizar a existência de corpos, pessoas, conhecimentos e crenças diferentes. E são essas diferenças que compõem a identidade.

Trago aqui a minha interpretação sobre identidade como algo transitório, nunca acabada. Está em constante processo de construção. É individual e ao mesmo tempo coletiva - quando vivenciada pela ação das pessoas que partilham coisas em comum. E não cabe em caixas designativas, ela flui. Transita entre ser e pertencer. O que é visto e o que é dito. Anzaldúa, com toda sua sagacidade poética descreve a identidade como:

Identidade não é um monte de cubículozinhos abarrotados respectivamente com intelecto, raça, sexo, classe, vocação, gênero. Identidade flui entre e sobre os aspectos de uma pessoa. Identidade é um - um processo. Contida dentro do rio está sua entidade, e ela precisa fluir, mudar para continuar um rio - se parasse seria um corpo de água contido, como um lago ou um tanque. As mudanças no rio são ternas (mudanças no ambiente - leito do rio, clima, da animal) e internas (águas adentro). O conteúdo de um rio flui por entre suas margens. Mudanças na identidade, da mesma forma, são externas (como outras/os percebem alguém e como alguém percebe outras/os e o mundo) e internas (como alguém percebe a si mesma/o, autoimagem). Pessoas em diferentes regiões nomeiam as partes do rio/pessoa que veem (Anzaldúa, 2021, p. 133-134).

Não somos identidades formadas unicamente de dualidades. As diferenças que carregamos são plurais. O sistema brancocêntrico patriarcal rotula e demarca as identidades em um sistema binarista com o intuito de marginalizar e controlar as autodefinições. Essa mesma estrutura colonial nos limita, por medo de concepções que eles mesmos criaram. Nos veem como ameaça.

As histórias acontecem e devem ser contadas com bases em nossas reais vivências. Aos poucos Jéssica foi se percebendo e se encontrando através de suas experiências no Teatro. Hoje ela afirma que tem uma identidade. Aceita e respeita as singularidades presentes nas diferenças de seus colegas. O teatro não cura, mas movimenta e possibilita transform(a)ção.

De forma diferente, mas que se aproxima um pouco do que foi trazido por Jéssica, Fernanda começa a se perceber como uma pessoa pode ser várias através de suas personagens. Como um brincar de ser outra pessoa, ainda assim, nessas outras ela também se encontra, se percebe, e vai se descobrindo.

Lá no início da adolescência, quando interpreto meu primeiro personagem, já sinto esse impacto. Foi a primeira vez que eu senti que eu poderia ser quem eu quisesse, inclusive estar ali. E isso vai estar presente durante essa etapa da vida. Essa época me ajudou a entender sobre as possibilidades e a expor ideias mesmo que apenas no papel, que eu não me sentia segura pra compartilhar em casa. Mas quando entro no curso e realmente começo fazer as práticas, estudar conceitos é o momento de maior impacto, pois pela primeira vez me senti em casa, me senti pertencente a algum lugar. Senti que eu poderia verdadeiramente expressar minha identidade que reprimi por tanto tempo e não ser julgada por isso. Porque no jogo não há espaço para julgamentos, mas sim para pessoas dispostas a jogar, brincar, improvisar e refletir (Fernanda, 2024).

No início, quando nem compreendia de fato o que era ser atriz, Fernanda já ia ao encontro de si mesma. Através das personagens interpretadas, refletia sobre as possibilidades de não ser uma só, acaba, estanque. Ela sabia da multiplicidade de ser. Se via como uma corpa brincante nas artes da cena e na vida real. Um ser estar em cena que se movimenta, se empresta enquanto voz e presença para estar no palco. Pois é através dessa personagem que ocupa um lugar no palco, que o espectador é atraído. Sua atenção é acionada e tem um direcionamento. Os olhares se voltam para aquela corpa que não é mais a atriz. Ela está imersa nas características

e convicções de quem está habitando temporariamente em sua corpa. Leda Maria Martins através de sua genialidade poética ao falar sobre a personagem, enfatiza que:

A personagem dramática é o elemento catalisador de toda produção de sentido no drama, na medida em que para ele convergem os variados signos constitutivos da performance. Para o espectador, a personagem materializa o sujeito que simula, pois preenche a ausência do referente e o vazio que toda representação disfarça, com o corpo e a voz que o ator lhe empresta. A personagem, através do ator, ocupa o palco e se torna espelho que atrai o olhar do espectador, como um mirante que fixa e prende esse olhar, sendo praticamente inviável imaginar-se uma encenação que se realize, plenamente, sem essa imagem hilética, material (Martins, 2023, p. 202).

Assim, pode-se pensar na personagem como esse ser que agora é materializado e consegue unir os signos que tornam possíveis que ação aconteça ao mesmo tempo que consegue atrair o olhar do espectador. Existe uma necessidade mútua de existência. A personagem precisa da atriz para que lhe dê vida. O espectador precisa da materialização da personagem para se ver refletido e por um instante sentindo o vazio ser preenchido. “Como o signo que movimenta toda a ação da peça e para o qual convergem os variados elementos da representação, a personagem condensa, cognitivamente, os atributos que estimulam a percepção sensível do espectador” (*Ibidem*, p. 203).

Atriz, personagem, ação, cena, texto, drama, figurino, cenário, música, voz, palco. Fernanda nos traz “o impacto de estar ali”, no palco. Estar no palco tem um significado importante na vida de Fernanda. Ela é tomada por emoções que lhe surpreende. No momento em que ela está me narrando, seus olhos brilham, seu sorriso se alarga. Ela se emociona e fica eufórica só em pensar em como se sente subindo ao palco. Quando os pés tocam o palco, independente se de madeira, cimento ou barro, a emoção é a mesma. O famoso *frio na barriga* acontece para valer. Suar frio, mãos trêmulas e respiração acelerada. A magia de ser outra se faz real ali. Naquele espaço. No palco.

Esse palco trazido aqui é pensado na base na qual se pisa. Onde os pés se sustentam e transitam dentro de um espaço determinado. A base em que personagens se equilibram e a cena acontece. Esse palco difere da concepção de palco como estrutura arquitetônica, modelo de palco (Palco Italiano e Palco Elisabetano). Ao longo dos anos, os palcos enquanto estrutura foram mudando. E a ideia de palco como base também mudou, a rua passou a ser considerada um espaço para a arte ser apresentada.

O primeiro palco de Fernanda foi o pátio da escola. Os primeiros encontros com as personagens as quais ela emprestaria seu corpo e dedicaria seu tempo para descobrir quem são elas de verdade. O que existe de mim nelas e o que delas existe em mim? Fernanda descobriu

fazendo. A descoberta foi impactante e ela continuou buscando conhecer mais, emprestar mais, criar mais, atuar mais e pisar mais em outros palcos. De madeira, de cimento, de barro ou até mesmo no asfalto das ruas.

A narrativa de Fernanda é poética. Nas palavras enunciadas e no corpo que expressa, ela fala do teatro, mas o que se pronuncia é arte viva pulsante dentro dela e as descobertas de uma mulher determinada e que sabia o que queria. Ela, uma corpa do teatro, que vivencia e atravessa o real e o criado para poder ser outra, podendo assim se perceber como um ser múltiplo. Não só pelas suas personagens, mas pela essência que aos poucos ela foi encontrando e descobrindo sobre si. Nessas descobertas se depara com o orgulho da pessoa que vem se tornando e não mais com o medo em se aceitar.

A menina que sofreu racismo mascarado de *bullying* na escola. Que corria entre as árvores e pisava na lama, que não sabia fazer amizades, que foi atravessada pelas artes através de alguns professores, que tinha o chão da escola como palco e via nos trabalhos escolares a oportunidade para escrever, atuar e ser outras. Fernanda foi crescendo e se adentrando cada vez mais no fazer teatral. Seu desejo era continuar sendo artista. Mesmo quando ninguém via algo de positivo nisso, ela acreditava que era o melhor para si. Se viu obrigada a mudar sua trajetória por um momento. A desvalorização, o medo, e a incerteza lhe acertaram violentamente, mas só adiou o inevitável. Em sua mente, seu objetivo seria alcançado em algum momento. E aconteceria com ou sem o apoio das pessoas que lhe amavam. Na incerteza tinha certeza do caminho artístico que lhe era reservado. O chamado para as artes continuava ecoando mais alto, mais forte e cada dia mais próximo.

Escrever um texto dramático, dirigir uma peça, desenvolver os diálogos, pensar no tema a ser abordado e a maneira como será abordado fazem parte da construção cênica. Muitas vezes o que vai para o papel se delineando em texto dramático são vivências, memórias, emoções, questionamentos, revoltas, amores, dores e várias outras possibilidades. Fernanda muitas vezes, encontrou a voz que ela tanto precisava. Encontrou coragem para expressar como se sentia, quando ela não tinha forças para falar em casa, quando não se sentia segura para dialogar com os seus. Fuga? Encontro? Necessidade? Voz? Talvez todos esses questionamentos seriam as respostas para a escrita de Fernanda.

Para muitos falar é algo muito simples, “natural” que nunca lhe foi roubado a oportunidade de poder falar. Essa permissão para falar foi negada às mulheres negras. Não me espanta Fernanda não se sentir segura para falar. Nos ensinaram que não nos cabia falar. Perpetuaram a história de que mulheres negras não possuem conhecimentos, por isso não teriam o que nem porque falar. Assim, muitas de nós aprenderam que só nos cabia o silêncio. Falar

com os nossos pensamentos. Ou escrever. Escrever por exemplo, como Carolina Maria de Jesus em seu *Quarto de Despejo*, em situações precárias. Mesmo sem oportunidade de falar ela escreveu. “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia meu diário” (Jesus, 2014, p. 195). Usou a única arma que ela tinha em punho, sua caneta, naquela época seu tinteiro. Quando não podemos falar, usamos a nossa criatividade, muitas vezes a escrita é a nossa voz. Não precisamos do outro para validar a nossa fala, mas o ato de falar é uma troca. Alguém fala e alguém escuta.

Escrever para Fernanda é um derramar-se. Torna-se o momento no qual ela pode expor o que pensa, sente e vive sem medo de sofrer retaliações e julgamentos. Ela escreve. “Enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (Kilomba, 2019, p. 28). Ela se expõe no papel. Se transforma em palavras que vão tomando formas diferentes de ser arte e poesia. Enquanto as palavras vão surgindo, Fernanda vai aos poucos confidenciando quem ela é, sua identidade, seu eu mais íntimo e oculto, uma parte dela que só ela conhece. E não conseguia pronunciar, apenas escrever. Por mais que depois fossem para o palco, as pessoas ainda não tinham a certeza sobre quem ela escrevia. A interpretação estava aberta.

Nessa encruza entre o escrever e o atuar, Fernanda vai os poucos se sentindo em casa. Encontrando um lugar seguro para ser quem ela vai se descobrindo. O teatro se tornou parte dela. Ela faz parte do teatro. Ela vivifica as experiências práticas e se desloca numa constante moviment(a)ção, pois é ali que ela se sente pertencente. Não está mais incerta, o medo ainda existe, mas vai diminuindo, sendo ocupada pelas emoções positivas que vão se tornando mais presentes. Ela foi tomada pelo jogo. Esse jogo que lhe possibilita estudar os conteúdos de seu curso, mas também estudar sobre si mesma. Deixando de reprimir a verdadeira Fernanda e se permitindo apenas ser. Intensamente. Com as suas singularidades, multiplicidade e deixando não mais se atentar aos estereótipos e rótulos impostos. Ela vai aprendendo a se autodefinir.

Ao pisar no palco, interpretar sua primeira personagem, Fernanda iniciou um processo pessoal, que lhe acompanharia em seus próximos passos; ela se viu refletida na arte. Encontrou uma fonte de força, coragem, incentivo e identificação. Poder ser outras, mesmo sendo uma foi um realizar-se para Fernanda. As possibilidades possíveis e inimagináveis de lugares que seriam alcançados através de suas personagens, de expor e finalmente poder falar verdades que ela mesma não conseguia e nem se via capaz de explicar. A arte para Fernanda é um alicerce que ela tem pisado e se firmado. E nessa trajetória, um dos encontros mais marcantes, talvez

tenha sido o consigo mesma. Aprender a se olhar com entendimento que tudo bem ser exatamente como ela é. Sua cor não é errada. Sua sexualidade não é um erro. Seu amor pela arte não é errado. Ela não precisava mais ensaiar ser uma pessoa que ela não era, ou reprimir seus desejos, questionar sua identidade. Fernanda se percebeu como uma pessoa completa. Impactada com as descobertas e encontros que a arte lhe possibilitou. Vivenciando suas verdades, sendo respeitada e respeitando as verdades daqueles que lhes cercam. Esse é o caminho que fortalece Fernanda e lhe impulsiona a querer ver as coisas serem resolvidas, pessoas sendo respeitadas, mesmo que ela tenha que correr atrás disso, buscar maneiras de fazer justiça. Não gosta de sentir impotente. Passou muito tempo sendo reprimida e se reprimindo, agora ela não se permite viver assim. Tem o desejo de falar. Não aceita as imposições. Não compreende as opressões. Não acredita no discurso do “não existe racismo e nem desigualdade em nossa sociedade”. Ela viveu na pele a verdadeira face da “pátria amada” e o quanto isso lhe afetou. Se olhar no espelho e não gostar da imagem refletida é doloroso. Não conseguir se elogiar, só encontrar defeitos é de uma crueldade que só quem vive/viveu sabe o quanto impacta. Foi preciso tempo e arte para começar a se desfazer das armadilhas opressoras as quais foi vítima desde nova.

Fernanda e Jéssica encontraram um lar no fazer teatral, em suas escritas, nas práticas, no curso. Enfrentaram desafios para poderem realizar um sonho de cursar Teatro. Seus caminhos foram atravessados por outras áreas, mas voltaram ao seu percurso original. Seguem até o momento desta escrita, colecionando momentos artísticos e conhecimentos que surgem de uma dramaturgia e partem para a vida real. Pude perceber que são apaixonadas pelo que fazem. Em cada palavra escrita, em cada personagem construída, em cada jogo presenciado e participado, em cada diálogo compartilhado, em cada texto produzido, em cada peça assistida, em cada cena apresentada, em cada disciplina concluída, em cada nova prática aprendida, em cada início de um novo processo de montagem de um espetáculo, em cada semestre finalizado, em cada tudo que estão vivendo, elas estão presentes e dispostas a absorver o máximo que puderem. Cada experiência tem sua importância para elas. O brilho nos olhos é perceptível nas duas quando falam sobre teatro. Agitação. Empolgação. Alegria. Sorriso largo. Mãos que gesticulam e se movimentam à medida em que vão falando e as vozes vão ficando cada vez fortes e confirmando a presença. Estão se realizando enquanto artistas. Estão se encontrando enquanto pessoas. Estão se movimentando e compreendendo a potência política, transgressora e de moviment(a)ção que só é sentida no fazer teatral.

Na presença que se faz no aqui e agora as sujeitas se viram refletidas em cada dia que vivenciam em seus fazeres teatrais. Espectadoras de si mesmas e atrizes que delinearão as

identidades de suas personagens que foram de encontro a uma identidade que estava em construção. Nos textos escritos e que escrevem o desnudar-se de si se torna parte de um ato agora cotidiano de coragem e existência. Demarcar que existem e que são dignas de falar, escrevem e sobem ao palco com uma voz pulsando na garganta. Palavras assertivas que parecem deslizar na língua e sair subitamente da boca, atravessando olhares e alcançando os ouvidos atentos dos espectadores, que em um instante inesperado sentem a pele arrepiar e se veem em quem vos fala naquele palco. Corpas que transitam entre o ser pessoa e a personagem que ali se faz presente. Uma corpa que habita outras corpas de mulheres negras que podem falar, cantar, gritar e enfatizam que estão ali e que vão ter que ouvi-las.

3.1.2 Bloco III- gênero e sexualidade

Eu fico excitada, eu fico muito excitada. Depois eu explico por que eu fico excitada. A boca dela caminha. Ela morde meu ombro. Depois morde um seio. Depois o outro. Ela lambe a minha barriga enquanto aperta meus seios com muita força. Ela mastiga os meus seios com as mãos. Depois ela arranha as minhas costas. Enquanto enfia a língua dentro do meu umbigo. Eu me contorço. Ela abre as minhas pernas. Ela respira bem próximo a minha vulva. Ela lambe a minha vulva. Ela pede pra eu gozar na boca dela. E eu gozo. E gozo tanto, mas tanto, gozo tanto. Que é como se eu morresse (Passô, 2019, p. 35-36).

O texto acima é um fragmento do texto dramático do espetáculo *PRETO*, escrito a três mãos: Grace Passô, Marcio Abreu e Nadja Naira.

No referido fragmento, pode-se perceber que uma mulher vai explicando o que uma outra mulher faz com ela, para que ela fique excitada. Ela vai narrando detalhe por detalhe, os passos e atitudes sexuais/afetivas daquela que está com ela, até o momento de seu clímax corporal.

Para muitas pessoas, levar isso para um livro ou para o palco seria “promiscuidade”, vergonhoso, desnecessário. Os discursos de ódio estão sempre na ponta da língua para serem proferidos. Para as pessoas que fazem parte da comunidade LGBT, principalmente as mulheres negras que amam outras mulheres, isso é um ato de coragem, resistência e visibilidade.

Apesar do contexto do texto se referir à mulher negra lésbica, opto em trazê-lo aqui, pois é a voz de uma mulher negra narrando o prazer de gozar com outra mulher. Isso é ir contra todos os padrões, atitudes, lugares e identidades que foram estabelecidos para nós mulheres negras. Corpas animalizadas, lidas sem intelecto, objetificadas, hipersexualizadas, indignas de prazer, essas são algumas definições que foram associadas a nós. Como se não fôssemos capazes de nos definir, de saber e escolher a quem amar. Mas o texto de Passô, enfatiza e

enaltece que somos corpos sexuais, que gozamos, que desejamos, que amamos e que amamos outras mulheres. Que somos dignas de afeto. E vão ter que aceitar, pois a nossa existência vai resistir e lutar por respeito e visibilidade.

Na descrição do livro, esse é um fragmento que se reporta a duas mulheres lésbicas. Acredito que ao abordar sobre o amor entre mulheres, as bissexuais fazem parte dessa discussão. Não estou aqui dizendo que a lesbiandade e bissexualidade são iguais. Entendo que amar outras mulheres faz parte das vivências e é um ponto em comum entre mulheres lésbicas e mulheres bissexuais.

As sujeitas da pesquisa, atravessadas pela interseccionalidade em ser mulheres negras bissexuais, se viram cada vez mais como corpos políticas. A etnia/raça e a sexualidade delas são marcadores sociais que lhes põem em lugares, que definidos pela sociedade não são no centro, mas sim na margem.

Quando perguntadas sobre como começaram a perceber sua sexualidade, responderam:

Em 2017, no segundo ano do Ensino Médio me apaixonei por uma colega de escola, e eu demorei para processar, entendi que era um sentimento parecido com que eu havia tido por outra menina antes, mas eu não sabia identificar, só que ali eu já sabia. Não aceitando comecei a pesquisar mais sobre só que isso não ajudou na aceitação, eu fiquei amedrontada de falar com ela ou meus pais descobrissem e pudessem me reprimir. Comecei a namorar um rapaz e o sentimento ficou por um tempo. Dois anos depois quando eu já havia terminado esse relacionamento, terminado o Ensino Médio e já aceitando minha sexualidade, fico com uma menina pela primeira vez e parecia ser a certeza que eu precisava. E isso é tão bizarro! Como se precisasse de um beijo ou algo a mais para validar a minha sexualidade, coisa que pessoas héteros não precisam (Fernanda, 2024).

Fernanda se vê apaixonada por uma garota pela primeira vez no Ensino Médio. De início, não sabia muito bem como “processar” e entender o que sentia. Era algo novo afirmar esse sentimento, pois por muito tempo ouvia as pessoas dizendo que era errado. Cresceu vendo as relações heterossexuais como exemplo do que era certo, como se fosse uma norma que deveria ser seguida. Fernanda afirma que estava apaixonada, sentia que não era um olhar diferente, uma aproximação mais intensa, ela afirma que era paixão. O sentimento aflorado em Fernanda, lhe era familiar, afinal já havia sentido algo muito parecido por uma outra menina.

A reação de Fernanda foi a não aceitação. Ir buscar mais informação sobre esse sentimento e desejo, também não lhe ajudara. Assim, inicia-se um conflito de medo, vergonha, insegurança. Como assumir e entender quem sou se as pessoas não aceitam que existem outras sexualidades? Fernanda não se sentia segura para confidenciar os seus sentimentos para a menina e nem para falar com seus familiares a situação que estava inserida. Existe um olhar de julgamento ao que se refere as sexualidades que não a heterossexual. Fernanda mesmo na

incerteza compreendia que esses olhares poderiam se voltar para ela. Assim, tentou reprimir o que sentia.

Começou a se relacionar com um rapaz, mas ainda sentia que permanecia o sentimento pela garota. Não invalidando a possibilidade de se relacionar com rapazes, até porque Fernanda vai se entendendo enquanto uma pessoa bissexual. O que trago aqui é a realidade vivenciada por algumas pessoas quando assumem a sexualidade que não a hetero. Reprimir o que sente e tentar seguir o que sociedade impõe como o certo. Assumir-se bissexual parece que é um deparar-se com um leque de preconceitos que vai se ampliando a medida em que a identidade vai sendo construída.

Fernanda compreendia que se sentia atraída por homens e por mulheres, característica desse conceito guarda-chuva que é a bissexualidade. Com o fim de seu relacionamento com um rapaz, Fernanda só beijou uma garota pela primeira vez. E naquele momento ela já estava mais consciente do que sentia, assim como já entendia a sua sexualidade. Foi nesse primeiro beijo que Fernanda viu tudo fazer sentido e sentia que não havia nada de errado com ela. Não era errado gostar de se relacionar com homens e com mulheres. Apesar da bifobia existente tanto por parte de pessoas hétero como por pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+.

Acerca da bissexualidade, pessoas bissexuais experienciam bifobia em espaços heterossexuais e também dentro do próprio movimento LGBTQIAP+, como aponta Cruz *et.al.*, (2022). A bifobia é marcada por complexidades identitárias que perpassa por um conflito inserido na zona entre a heterossexualidade e a homossexualidade (Silva; Sá, 2024, p. 04).

A ideia de que as pessoas são monossexuais, capazes de se atrair apenas por um gênero específico é preconceituosa, perigosa e nesse caso aqui, bifóbica. Existe uma não compreensão da bissexualidade como uma identidade formada, desenvolvida e centrada em suas relações sexuais/afetivas, sendo incompreendida e invisibilizadas. Segundo Silva e Sá (2024):

Bissexualidade, é um termo guarda-chuva usado comumente para descrever uma série de identidades, comportamentos e formas de atração não-monossexuais, como pansexuais e não-binários (Flanders, 2017). A bissexualidade, apesar de ter sido “central para a construção das categorias binárias de sexo e gênero” (Monaco, 2021, p. 94), não é reconhecida ou/e validada cientificamente e socialmente. Pessoas bissexuais sofrem constante apagamento acerca da sua identidade, sendo consideradas pessoas promíscuas, indecisas ou que estão vivendo uma fase que tem um prazo de validade e logo retornarão a sua verdadeira essência: heterossexual ou homossexual (Silva; Sá, 2024, p. 08).

Esse olhar preconceituoso para a bissexualidade, afetou Fernanda quando se viu apaixonada por uma mulher, lhe paralisando e amedrontando para contar as pessoas o que ela

vivenciava. Sentia que não era uma fase, pois já tinha percebido algo parecido antes. Hoje quando ela pensa nesse processo ao qual viveu, sente-se revoltada, pois percebe as diferenças de entendimentos e uma necessidade de ter que validar sua sexualidade. Como ela mesma diz “coisa que pessoas héteros não precisam”.

É agressivo e desafiador a maneira pela qual a bissexualidade ainda é vista em nossa sociedade. Propagou-se tanto que a bissexualidade é uma sexualidade “errada”, não aceita, que muitas vezes os primeiros sentimentos sexuais/afetivos são reprimidos por quem sente. O medo de errar, de ser reprimido por quem se ama, de ser a pessoa “estranha” da família ou do grupo de amigas e amigos, vai desencorajando e assim impossibilitando que os desejos sejam explorados. Jéssica em sua narrativa nos sinaliza que ao perceber seus primeiros desejos por meninas se achou “estranha”.

Com mais de 20 anos, não lembro ao certo se com 21 ou 22. Eu comecei a me atrair por meninas, mais que por meninos. Eu comecei a me sentir diferente de amigas hétero que se atraíam sempre por alguns meninos e comecei a me achar estranha, com defeito, porque percebi que eu não era como elas. Com o tempo e conversando com alguns amigos LGBTQIAPN+ eu entendi que não era apenas admiração, era atração, que foi aumentando até o momento de me reconhecer como bissexual. Eu fiquei surpresa em como era possível haver partes tão minha que eu ainda não conhecia e como antes disso eu consegui viver apenas pela metade (Jéssica, 2024).

Jéssica começou a se atentar pelo sentimento que estavam sendo aflorados entre seus 20 a 22 anos. Continuava gostando de meninos, mas também começava a se sentir atraída por meninas. Via sempre as amigas hétero gostando de algum menino, ou atraída por algum deles, mas ela não estava no mesmo processo que elas. E esse sentimento começou a lhe incomodar, pois fazia com que Jéssica se sentisse estranha por estar se atraindo por meninas e não vivenciar as mesmas experiências que as suas amigas naquele período. Ninguém quer se sentir “o patinho feio” no círculo de amizade e Jéssica estava começando a se sentir assim, sentia que não era como as amigas dela.

Se sentir diferente por causa da sexualidade não é cruel e não é culpa de quem sente, vive. É um vergonhoso e resistente resquício de uma heterossexualidade compulsória que ditou por muito tempo que ser homossexual, bissexual e tantas outras sexualidades não é “normal”, não é “certa”, não é aceita.

Assim como Fernanda, Jéssica precisou de um tempo para poder se ver e se aceitar enquanto uma pessoa bissexual. Jéssica passou a conversar com pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ para compreender seus desejos e o que estava acontecendo com ela. Essas conversas foram positivas para Jéssica, ela se sentiu segura naquelas pessoas e pôde de maneira

positiva ir percebendo que ela se sentia atraída por mulheres, não era algo passageiro, ou indeciso, ela gostava de meninas e também de meninos.

Para Jéssica o encontro com a sua bissexualidade foi revelador. Havia partes delas que era até então desconhecida por ela. Invisibilizando a sua essência. Vivemos tanto tempo ensinadas que só a heterossexualidade é algo possível, que esquecemos de nos observar, de nos conhecer, de ouvir e se permitir sentir nossos desejos. Presas na ilusão da monossexualidade. Amedrontadas pela repressão dentro e fora do seio familiar. Quando Jéssica passou a não se importar com as imposições sobre a sua sexualidade e abraçou quem ela é, encontrou a completude onde antes era metade.

Diante de toda narrativa trazida pelas sujeitas principalmente no que tange a relação delas com a sexualidade e as opressões que lhes atravessam e/ou que presenciaram, lhes perguntei sobre como se sentem em relação principalmente as opressões machistas, racistas e LGBTfóbicas.

Eu fico agoniada, a depender das pessoas que estão realizando a ação ou mesmo da ação eu tento falar algo que a faça refletir sobre a atitude, ou sobre as pronúncias. Por exemplo, no âmbito familiar quando alguém fala alguma coisa preconceituosa eu tento compartilhar conhecimento, a respeito do assunto. Tento compartilhar um pouco de conhecimento que eu tenho. Mas eu me sinto extremamente agoniada e chateada. A vontade é brigar. Quando é comigo a vontade é ir embora, sumir e não voltar no espaço, meio social, onde tenha ocorrido. Quando é com o outro a vontade é intervir, abraçar ou acolher de alguma forma a pessoa que sofre a opressão. Mas nem sempre é possível fazer o que se tem vontade. Pior ainda é quando vejo situações de opressão advindo de pessoas que tem conhecimento, que teve a oportunidade de estudar e de olhar a realidade por diferentes ângulos. A minha vontade também é mobilizar todo o contexto, trazer pessoas para somar força e lutar contra a opressão realizada. Às vezes eu escrevo sobre, pensando em se transformar em cena. É um jeito de demonstrar minha indignação (Jéssica, 2024).

Fico com desejo de denunciar, fazer protesto. Mas me machuca tanto que eu só consigo chorar. Eu sinto uma impotência tão grande, porque sei que isso está muito longe de acabar e que eu sozinha ou mesmo junto a um grupo dificilmente conseguiríamos fazer algo. Sabe? Pois quem está por trás dessas opressões são as grandes massas do sistema capitalista. É difícil saber que ativistas e artistas correm riscos diariamente pois, esse sistema tem muito poder nas mãos, então em muitas vezes o que nos resta é chorar e trazer pra perto os nossos, para formar nossa rede de apoio. Eu escrevo. Desenho. Faço umas performances. Utilizo a arte para mostrar que precisamos de respeito. Uso a arma que tenho (risos) (Fernanda, 2024).

As narrativas das sujeitas apontam singularidades, individualidades e proximidades entre elas. A revolta é perceptível e o sentimento de impotência também. O desejo de mudar, de agir, de não se sentir impotente, de gritar e demonstrar que as palavras e ações podem ser agressivas. Assim como o desejo de acolher, de cuidar e proteger. Fernanda e Jéssica também se percebiam vítimas quando as suas e os seus eram vítimas das opressões.

Jéssica demonstra em sua narrativa que tenta conversar e compartilhar um pouco de seu conhecimento sobre a situação na tentativa de que se reflita sobre a situação, principalmente no ambiente familiar. Sente-se na obrigação de, através do diálogo, possibilitar que as pessoas repensem suas atitudes. Mesmo chateada, agoniada e sentindo vontade de brigar.

Para Jéssica é doloroso perceber que as pessoas opressoras são aquelas que têm acesso à informação e sabem que o que estão fazendo é crime, violento, agressivo. Pessoas que tiveram e têm boas oportunidades na vida, que estudaram/estudam e têm o entendimento de que vivemos sob realidades diferentes, oportunidades diferentes e lugares diferentes. Jéssica sente-se impotente ao mesmo tempo em que é tomada por um desejo de brigar.

Quando ela é a vítima, se vê tomada pelo desejo de ir embora do espaço o qual a opressão ocorreu. Não se vê mais voltando lá nem fazendo parte de um ambiente que não a respeita enquanto ser humano e oprime. É difícil estar inserida numa sociedade que a todo tempo utiliza de nossas singularidades e diferenças para oprimir e negar a nossa humanidade. Jéssica é tomada por uma consciência que lhe reforça que as pessoas daquele espaço opressor não a veem em toda sua complexidade, não a enxerga em sua existência e a trata como inferior, objeto e desumana. As opressões lhe atravessam e lhe causam dor. Ela fragilizada pelo que ocorreu, não consegue se acolher da mesma forma que acolhe outras vítimas. Esse é um dos muitos reflexos da crueldade ocasionada pelas opressões em nossas corpas pretas. Nos roubam a possibilidade de nos olharmos com mais cuidado. Não queremos ser vítimas. A gente aprendeu que tem que ser forte, que não temos tempo para sentirmos dor. E isso é cruel.

Fernanda, diferentemente de Jéssica, tem um posicionamento de agir, sair. Protestar, denunciar, ver a situação ser resolvida, sem muita paciência para conversar. Mesmo estando muito machucada a ponto de chorar, Fernanda compreende que algo precisa ser feito, sem deixar impune situações e pessoas tão agressivas. Ela sabe que o sistema é opressor e que essa realidade está muito longe de acabar. Mas, compreende que não fazer nada, não ajuda, só reforça o que já está ruim e vai vitimando mais pessoas a cada minuto. A grande massa composta por pessoas racistas, sexistas, LGBTfóbicas, machistas que possui poder nas mãos, oprime, violenta, agride aqueles que eles consideram como “outros” sem se preocupar com consequências ou como isso vai afetar as vidas das pessoas que foram oprimidas. Fernanda enfatiza o quanto isso é revoltante. Ver a vida de ativista e ativistas sendo ceifadas por estarem na linha de frente na busca pelo combate as opressões, pelo direito a vida digna, pelo direito de ser quem é e amar quem quiser provoca em Fernanda um incômodo que é perceptível em sua fala, em sua voz trêmula e na agitação de seu corpo. Pausamos, ela toma um pouco de água.

Pergunto se está tudo bem continuarmos ou se deseja parar, ela diz que podemos dar continuidade.

A sensibilidade de Fernanda é comovente. E me faz refletir sobre o quanto sua vida foi atravessada por embates, dificuldades e vivências opressivas. Ter medo de sua sexualidade, ser alvo de racismo na escola entre outras situações deixaram marcas na vida de Fernanda. Ela foi silenciada por muito tempo, hoje ela não consegue e não se permite mais se calar. Faz o que pode para acolher e cuidar das pessoas que sofrem opressão.

Ser mulher negra e bissexual faz parte da identidade de Jéssica e Fernanda. A descoberta da identidade racial de cada uma se deu na adolescência. E a descoberta da identidade sexual, aconteceu um pouco mais tarde. Quando perguntadas sobre a percepção de sua cor/raça, Fernanda respondeu:

Eu sempre me vi como uma pessoa parda, mas não entendia a problemática desse termo, hoje entendo. Digo que sou negra parda ou negra de pele clara. Pois é importante destacar minha etnia mesmo não sendo retinta.

Sobre os relacionamentos na escola, era estranho ver como os professores enalteciam o mesmo grupo de colegas (brancos), e como todos os meninos eram apaixonados pela mesma menina (branca). Como as oportunidades eram dadas a essas pessoas (brancas). Era estranho ver como era diferente o tratamento devido a cor da pele. Como a autoestima de pessoas brancas entravam tão altas enquanto a das pessoas negras estava baixa e como isso interferia no rendimento desses estudantes (Fernanda, 2024).

Fernanda tem consciência sobre a cor de sua pele e os significados que possui em sua vida. Vivenciava e sentia que ser uma mulher negra não retinta lhe possibilitava certa “passabilidade” que não era possível a pessoas que possuíam a pele mais retinta. “É a quantidade de melanina na epiderme de um homem ou de uma mulher, na maior parte das vezes, o que ressalta de modo mais arguto qual será o local predeterminado na economia dos afetos[...]” (Devulski, 2021, p. 49). Mesmo sem compreender ao certo os motivos dessas relações, já senti a diferença de tratamento entre pessoas brancas para com pessoas negras. E essas relações alicerçadas no racismo acontecia entre aluna(o)/aluna(o), como entre professores(as)/alunas(os). As amizades e as oportunidades se estabeleciam a partir da cor da pele.

Na escola, Fernanda começou a perceber e sentir as primeiras violências ocasionadas pelo racismo. Fernanda se viu vítima dessa opressão e presenciou colegas sendo vítimas, dentro do ambiente escolar, espaço no qual deveria se pensar e praticar o antirracismo. Para a professora Bárbara Carine Pinheiro o antirracismo “é caracterizado pelo protesto, pelo enfrentamento, pela denúncia do racismo” (Pinheiro, 2023, p. 58). Cabia aos professores

procurarem meios para combater e repudiar as práticas racistas entre o alunado, buscando práticas antirracistas e não ser parte desses opressores racistas.

A narrativa de Fernanda traz também um outro ponto para a reflexão; a autoestima de pessoas negras, principalmente mulheres negras. Fernanda começou um processo de percepção sobre o quanto as relações de invisibilização e tratamentos seletivos ocasionavam em afetar diretamente na autoestima das pessoas. Suas e seus colegas brancas e brancos demonstravam sempre estar de bem consigo mesmas e mesmos, enquanto as pessoas negras começavam a demonstrar o oposto; baixa autoestima.

Parto do entendimento da autoestima ligada e relacionada ao sentimento que provoca satisfação e bem-estar consigo mesma, ao mesmo tempo que instiga o reconhecimento de ser uma pessoa que possui valor. Dessa forma e pensando no que foi apontado por Fernanda, cabe aqui refletir sobre a construção da autoestima de mulheres negras que tiveram suas vidas atravessadas pelo racismo, sendo constantemente colocadas em lugares de inferiorização, historicamente desvalorizadas e vistas como não humanas, objetos e relegadas à margem da sociedade. Para além de tantas dificuldades enfrentadas, ainda tem a autoestima de mulheres negras que foi constantemente desafiada por uma sociedade racista, machista, misógina e sexista.

Diversos espaços podem propiciar que pessoas desenvolvam sua autoestima ou baixa autoestima. Vista como uma relação social, a autoestima tem nas relações estabelecidas um alicerce para se desenvolverem, seja nas famílias, igrejas, escolas e outros ambientes de socialização. Temos como parte de nossa história, as cisões criadas e articuladas pelas engrenagens racistas, as quais afetaram e afetam violentamente a autoestima de mulheres negras.

Tendo sua autoestima atravessada pelos impactos do racismo, Fernanda sinaliza que o rendimento nos estudos também fora afetado. Afetações de uma vivência em espaços opressores podem ser percebidas em diversas esferas da vida das(os) oprimidas(os).

O racismo atravessa não só as construções sociais, como também a construção pessoal de muitas pessoas negras. Afetando diretamente na aceitação de suas identidades, de seu pertencimento, na relação com quem se é e de suas raízes. Em uma sociedade racista ser negra e negro é como uma “passagem autorizada” para inferioridade. Nilma Lino Gomes nos evidencia que:

No Brasil, o racismo, a discriminação e o preconceito racial que incidem sobre os negros ocorrem não somente em decorrência de um pertencimento étnico expresso na vida, nos costumes, nas tradições e na história desse grupo, mas pela conjugação desse

pertencimento com a presença de sinais diacríticos, inscritos no corpo. Esses sinais remetem a uma ancestralidade negra e africana que se deseja ocultar e/ou negra. Além disso, são vistos como marcas de inferioridade (Gomes, 2020, p. 40).

Fernanda afirma sua identidade étnica e enfatiza que ela é negra independente de sua pele clara. Compreende as complexidades que carrega na pele e seus respectivos significados, pois foi vítima do racismo desde muito nova. Então para ela, hoje poder falar de sua identidade é uma forma importante afirmar seu pertencimento e mostrar a sua existência. Hoje, afirmar sua identidade é desobediência social é uma forma de combater opressões.

O colorismo no Brasil é mais uma estratégia da branquitude para que pessoas negras se vejam subdivididas em categorias e sintam-se mais aceitas por esse grupo ou sejam mais invisibilizadas por ele a partir das diferentes tonalidades da pele, mais retintas ou menos retintas. Como apontado pela escritora e pesquisadora do colorismo, Alessandra Devulski (2021, p. 53) “o colorismo, portanto, é uma criação do branco, e não do negro, no que tange à sua instrumentalização para organizar os espaços públicos e disciplinar quem tem e quem não tem acesso ao capital cultural”. Fernanda viu sua vida atravessada por mais essa artimanha racista que além de estar marcada nos comportamentos e atitudes individuais, alicerça as estruturas sociais.

É justamente a consciência objetiva desse racismo sem disfarces e o conhecimento direto de suas práticas cruéis que despertam esse empenho, no sentido de resgate e afirmação da humanidade e competência de todo um grupo étnico considerado ‘inferior’ (Gonzalez, 2020, p. 132).

As diferenças étnicas que compõem a etnicidade, não deveriam categorizar os grupos em inferiores ou superiores. Sabe-se que os grupos são distintos, cada um contém seus conjuntos de características comuns entre si, que as difere das outras pessoas e de outros grupos. Essas características só são percebidas, através das suas relações, para assim estabelecer conceitos e comparações com outros. Por meio das percepções observadas por meio relacional, o contraste percebido através da relação com outro grupo e as reivindicações possibilita a determinação da etnicidade. A religião, a língua, a cultura e a forma organizacional são exemplos dessas diferenças percebidas nessas relações. A mobilização do grupo, reivindicação de direito, é que faz com que tenha ação política e seja diferente de outro grupo. Um grupo étnico só se define em relação a outro, e o conceito de etnicidade é relacional. Porém existe um olhar racista que “estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a ‘superioridade’ branca ocidental à ‘inferioridade’ negro-africana” (Gonzalez, 2020, p. 135). As sujeitas, mulheres negras foram vítimas desse olhar racista.

Jéssica sinaliza em sua narrativa o quanto sua adolescência foi marcada pela dificuldade em fazer e manter amizades devido aos ataques racistas de alguns colegas em relação a sua pessoa quando estava no Ensino Fundamental II, cujas relações desenvolvidas entre elas e eles não eram as mais amistosas. Apesar de ressaltar que sempre foi uma pessoa comunicativa, via suas relações atravessadas por opressões racistas, dentro da escola. Espaço que se tornou doloroso tanto para Fernanda quanto para Jéssica. A escola deveria ser “uma forte aliada no enfrentamento das opressões estruturais, fundamentalmente o racismo” (Pinheiro, 2023, p. 147). Mas, nas vivências das sujeitas e de várias outras pessoas, esse espaço foi um dos primeiros a revelar a verdadeira estrutura de nosso país.

Jéssica só começou a perceber mudanças em suas relações e amizades no último ano do Ensino Médio. Acredito que com a maturidade que ia sendo desenvolvida, as percepções sobre quais pessoas se pareciam com ela e poderiam não a oprimir foram sendo reveladas. Assim, aos poucos foi encontrando pessoas que poderiam ajudá-la na construção de sua autoestima e aceitação de si mesma.

Para muitas de nós mulheres negras essa rede de apoio, encontrar aliadas pode ser uma poderosa e inesgotável fonte de força para não sucumbirmos aos estereótipos, mazelas, lugares e imagens de controle que por muito tempo tem se perpetuado para nós, como tática de continuar nos invisibilizando, silenciando, negando a nossa humanidade e a consciência de nossos conhecimentos. Fomos ensinadas que o conhecimento é algo que não nos caberia. Forjaram o nosso olhar sobre nós mesmas para que nos víssemos sob uma ótica hierarquizada, que nos subjugam pela nossa pele negra.

3.1.2.1 Corpas negras: racismo e as sujeitas

Ao pensar em mulheres negras é preciso levar em consideração contextos e singularidades. Grande parte das mulheres negras viveram ou vivem em situação de opressão. Ser mulher e ser negra desafia a lógica da mulher universal e nos coloca em uma posição de oprimidas. Quando se é mulher negra lésbica ou bissexual, as engrenagens de opressão se intensificam. O racismo produz e propaga imagens estereotipadas sobre nossas corpas negras, violentando e nos reservando um lugar de subalternidade.

O antropólogo e professor brasileiro-congolês Kabengele Munanga e a pedagoga, pesquisadora e escritora mineira Nilma Lino Gomes (2016), nos apontam que:

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de

sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato de olho etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira (Munanga; Gomes, 2016, p. 179).

Partindo de uma crença binarista, separatista e individualista na qual existem pessoas ou raças superiores e inferiores, o racismo, essa ação aversiva como descrita por Munanga e Gomes (2016), opera de diversas formas pautadas na concepção de que sinais ligados às raças lidas como inferiores serão odiados, como: a cor da pele, texturas de cabelos, olhos, nariz, boca. Sinais que não se assemelham aos das raças lidas como superiores serão ridicularizados, inferiorizados e oprimidos.

As sujeitas da pesquisa, mulheres negras com suas identidades possuidoras de sinais de uma etnia/raça lida como inferior, se viram vítimas do racismo, afetando a construção da sua autoestima, das relações individuais e sociais, como demonstra Jéssica em suas narrativas:

Até o momento, eu considero a adolescência a pior fase da minha vida. Teve *bullying*, racismo. Meus relacionamentos com colegas não eram legais. Tive dificuldade em construir amizades. Sempre fui comunicativa, desde a infância, mas a mudança de escola ao estudar no Fundamental II, foi um desafio. A cada ano letivo as minhas amizades mudavam, até o Ensino Médio, que foi o período que eu consegui manter as amizades até o final. Nos primeiros anos do Fundamental II foram os mais difíceis, a maior parte da turma não gostava nem de mim, nem de outras colegas. Sobre como eu percebia meu corpo e minha cor/raça. Então, no Ensino Médio (acho que no 3º ano) eu desfilei em algum projeto do novembro negro e eu lembro que isso me fazia sentir bem com minha raça. Enquanto no Fundamental II, colegas pirraçavam o meu cabelo, no final do Ensino Médio, eu comecei a ouvir elogios quando ele estava natural. Acho que foi um momento que iniciou uma maior valorização dos cabelos naturais crespos e cacheados. Essas coisas foram importantes para mim. Também não gostava da minha boca, porque os colegas implicavam muito com ela por ser grande e não ter o desenho bem demarcado. Eu me reconhecia como negra, mas na época não associava algumas falas preconceituosas ao racismo (Jéssica, 2024).

O cabelo na percepção de Jéssica é um dos signos de pertencimento de sua identidade étnica. Isso foi constatado no seu relato sobre o racismo, resultando o sentimento de rejeição em relação ao seu corpo/cabelo, devido às falas ofensivas de seus colegas. Em nosso país, o cabelo é um traço fortemente alvejado pelo racismo. Inventaram apelidos agressivos para as texturas de nossos cabelos crespos. Quanto mais crespos, os “apelidos” são mais ofensivos. Enquanto os cabelos das pessoas brancas são vistos como “bons” os das pessoas negras são vistos como “ruins”. Nilma Lino Gomes nos acentua que “o cabelo do negro, visto como ‘ruim’, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como ‘ruim’ e do branco ‘bom’ expressa um conflito” (Gomes, 2020, p. 29). Conflito que acarreta o alisamento dos cabelos crespos, numa vida dependente de produtos químicos que adoecem, na busca por cosméticos que reforçam que nossos cabelos precisam de produtos

químicos e nunca serão “bons” o bastante. Marcas de cosméticos direcionadas a cabelos crespos e cacheados que utilizam propaganda do tipo “desmaia cabelo”, “morte súbita”, “milagre” reforçando ainda mais as opressões com os nossos cabelos, validando que pessoas que têm cabelos crespos, principalmente as mulheres precisam procurar meios para deixar os “pixains”, “carapinhas”, “bombril” mais aceitáveis, “domados” e próximo ao padrão branco que foi estipulado pela branquitude, que por muito tempo afirma que “cabelo ‘bom’ é cabelo de branco.”

Hoje, após muitos esforços e muita luta, antirracista, identitária e de beleza negra as percepções sobre os cabelos crespos vêm sendo modificadas, passando a ser parte de um processo identitário e de combate ao padrão brancocêntrico. “O cabelo como ícone identitário se destaca nesse processo de tensão, desde a recriação de penteados africanos, passando por uma estilização própria do negro do Novo Mundo, até os impactos do branqueamento” (Gomes, 2020, p. 29).

Nos trechos a seguir, da música *Olhos Coloridos*, conhecida na voz da cantora Sandra de Sá, podemos ver o riso como uma arma ao mesmo tempo em que serve como uma camuflagem do desejo pelo cabelo crespo. Um conflito interno por parte do opressor no qual ele ri para ofender já que não pode possuir aquele cabelo. Como também fica aberta para a interpretação de que, onde antes encontravam um signo para oprimir, agora está sendo visto para nos enaltecer, valorizar e afirmar a identidade. “Você ri da minha roupa. Você ri do meu cabelo. Você ri da minha pele. Você ri do meu sorriso (...) “Meu cabelo enrolado. Todos querem imitar. Eles estão baratinados. Também querem enrolar”.

Ressignificar e valorizar os cabelos crespos por vezes é conflituoso. Não é fácil enxergar beleza onde por muito tempo nos ensinaram que era feio, animalizado e mais um marcador para ser oprimida. Esse processo por vezes se torna conflituoso, pois ultrapassa a relação individual, atingido o grupo ao qual se está inserido. Essa relação de aceitação e enaltecimento não se dá apenas de maneira individual. O olhar e o julgamento, assim como a aprovação do outro também está imbricada neste processo. Somos seres sociáveis, e temos sim nossas individualidades, mas vivemos em sociedade e estamos inseridos em diferentes grupos e relações sociais. Assim, nem sempre o que pensamos, agimos, queremos ou desejamos será compatível ou aceito por aqueles que fazem parte dessas relações. E isso por muitas vezes afeta negativamente a aceitação de nossa corpa e de nosso cabelo. Para Gomes (2020):

O cabelo crespo, objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres, é também visto, nos espaços pesquisados, no sentido de uma revalorização, o que não deixa de apresentar contradições e tensões próprias do processo identitário. Essa

revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence (Gomes, 2020, p. 30).

O corpo fala, expressa, reage e age. Assim como nossos cabelos comunicam. Representam. “O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, como tal, comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma ele também pode ser pensado como um signo, uma vez que representa algo mais, algo distinto de si mesmo.” (*Ibidem*, p. 35). Cabelo, raiz, pontas, ondulações, transição, texturas, cores, movimento, longos, curtos, cortados, raspados. Processo de se ver, se perceber, se aceitar, se entender. Buscar evolução, moviment(a)ção, transformação. Identidade. Comunicação. Expressão. “o corpo é uma linguagem, e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas” (*Ibidem*, p. 250). Entre o que foi obrigado, associado de maneira pejorativa, covarde e opressora agora é ressignificado. As imagens se autodefinem e reescrevem as histórias desfazendo os estereótipos e enaltecendo a beleza negra enraizada desde os cabelos a cor da pele, o nariz e a boca. Conflitos entre o que disseram e o que se é, numa relação atravessada entre o eu, o outro e o grupo ao qual se pertence.

Pensando na corpa a qual pertence, Jéssica nos narra sobre o fato de não gostar de sua boca e o porquê disso. Ela por possuir uma boca considerada grande, sofria com os ataques racistas dos colegas. Os fenótipos negroides de Jéssica foram constantemente atacados em sua fase escolar. Jéssica foi alvo da perversidade racista. Pele alva. Cabelo Alvo. Boca alva. Corpa alva. O que ocasionou em Jéssica nesse período, a não aceitação de sua corpa, a não percepção da beleza que possuía, uma relação marcada pelo conflito de sua negritude.

No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem – e precisam – controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado (Kilomba, 2019, p. 34). Censurar também para impedir que a realidade seja revelada. O encontro com o verdadeiro eu opressor. A negação do opressor com sua verdadeira identidade e com a verdade é um dispositivo do racismo. Essa “negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial” (Kilomba, 2020, p. 34). Racismo é um mecanismo opressor que vai se articulando e seguindo os passos da modernidade, vai desenvolvendo novas estratégias para oprimir.

A boca, órgão pelo qual nossas vozes são enunciadas, palavras proferidas, gritos ecoados, assim como verdades são reveladas. Mas, quem pode falar? Quem enuncia? A língua, a fala é um ato político. Quem fala quer ser escutado. É através da boca que falamos e para nós pessoas negras, a boca é um movimento. Falar é um movimento. É ação. As vozes são tomadas. Silenciamentos interrompidos. Máscaras quebradas, arrancadas. Corpas negras que falam, são

corpas temidas. Mulher negra que se impõe, que sabe de seus conhecimentos e da importância de falar, não conseguem mais silenciá-la. Não falam mais por ela. Ela toma a sua voz. Ecoa. Não é objeto, mas sujeita. Sujeita que como nos diz Grada Kilomba (2020, p. 27). “não sou a ‘Outra’, mas sim eu mesma”.

Jéssica e Fernanda possuíam marcadores sociais que eram lidos pela sociedade racista como ruim, como alvo. Assim tiveram sua infância e adolescência marcadas por opressões que lhes atingiam diretamente na pele, no cabelo e na boca – sinais que marcam a sua etnia/raça. Nessa fase de suas vidas, elas não tinham forças para erguer a voz, mas já começavam a escrever sobre. Hoje, lembrando as suas narrativas elas compreendem a obrigatoriedade de falar. Expressar. Romper com o silenciamento que lhes causou feridas e a não aceitação de si. A fala, principalmente para nós mulheres negras donas de bocas grandes e carnudas, é um ato político.

Fernanda e Jéssica encontram nas artes uma oportunidade de lutar contra o racismo e as demais opressões que as afetam. Escrevem, desenham, atuam, levam para os palcos, veem ali, em seu fazer artístico aquele grito que ficou entalado quando elas não conseguiam/podiam falar. A força que naquele momento lhe faltou para lutar. O sentimento da revolta que não podia ser exposto naquele momento opressivo. A resistência para enfatizar que merecemos respeito. A existência de nossas corpos pretas humanas e não objetos. A criatividade para enfatizar que nessa visão binarista das coisas e das pessoas, eles são opressores e nós somos as vítimas. O significado de levantar a bandeira da bissexualidade sem mais reprimir-se ou com medo de ser vista como “estranha”. O enaltecer a beleza, a boca, a pele e o cabelo crespo que fazem parte da identidade de ser mulher negra. A arte que enfatiza a língua da corpa preta como política. A arte como ato político. Moviment(a)ção e transformação.

3.1.3 Bloco IV: estratégias de enfrentamento

Existe uma mobilização que acontece por meio e com as artes. Um espaço aberto a fala, o olho no olho, escuta atenta, um toque que acolhe, numa horizontalidade de diálogos e trocas. Nas artes, as sujeitas se viram possibilitadas a dialogar com outras pessoas, experiências opressivas que lhes afetaram. Essa mobilização é provocada pelas artes. Neste Bloco IV, a análise é sobre as relações e/ou participação das sujeitas em coletivos artísticos e/ou ativistas. Pergunto então para as sujeitas se elas participavam de algum coletivo artístico e/ou ativista e se poderiam falar um pouco sobre esse aspecto. Fernanda e Jéssica sinalizaram que fazem parte de alguns coletivos, mas não conseguiam discorrer muito sobre eles. Algumas ainda não iniciaram as atuações, outras estão em pausa, algumas são membras recentemente.

Faço parte do grupo Canteiro de Teatro, que busca pesquisar e se aprofundar sobre sermos latinos. Iniciei no grupo no final do ano passado (2023), logo as experiências ainda serão construídas. Faço parte do LUPA (Laboratório Universitário de Práticas em Atuação) é um grupo dentro da universidade e buscamos pautas políticas dentro das cenas que nos propomos. Fizemos uma peça chamada *Corações Vagabundos*, que é um melodrama e trouxemos pautas como machismo, racismo, etarismo, empoderamento feminino, LGBTfobias.

Grupos ativistas faço parte do UINAJ (Unidade Indígena Narrativas e Articulações de Jequié), é um grupo que busca fortalecimento e busca da identidade indígena. Eu acredito que todos nós temos descendência indígena e dentro do grupo nós nos ajudamos a buscar nossas ancestralidades, eu tenho ancestralidade de pessoas negras, pessoas indígenas e pessoas brancas e a parte indígena é a mais apagada dos registros de memória da família (Fernanda, 2024).

Jéssica por sua vez nos relatou:

Em minha cidade eu participo do coletivo “Porta Aberta e luz acesa: Memórias do reisado poçoense” e o coletivo “Mandacaru quando floresce”. O primeiro é um coletivo voltado a valorização do Terno de Reis, cultura popular; e o segundo é um coletivo de mulheres escritoras (Jéssica, 2024).

Podemos perceber que ambas fazem parte de coletivos artísticos que atuam a partir de pontos de partidas diferentes. Enquanto Fernanda está inserida em coletivos que pautam questões relacionadas a identidades e outras pautas políticas, Jéssica está inserida em um coletivo que busca manter viva, parte da história cultural de sua cidade. Esses coletivos artísticos que também são ativistas se movimentam buscando enfatizar a importância daqueles respectivos debates. Identidade, racismo, machismo, cultura, empoderamento feminino são pautas presentes nos coletivos aos quais estão inseridas.

Jéssica faz parte de um coletivo de mulheres escritoras, sem recorte de etnia/raça. Compreendo que não deixa de ser um coletivo ativista, se pensarmos em todo contexto histórico no qual mulheres não eram permitidas escrever, principalmente, mulheres negras. E Jéssica é uma mulher negra que faz parte desse coletivo. Ela enfatiza sua existência e posicionamento político sobre continuar e ser pertencente do coletivo “Mandacaru Quando Floresce”. Sua presença é política, principalmente se pensarmos que mulheres brancas fazem parte do coletivo. A presença de Jéssica é um lembrete que somos seres cognoscentes, capazes de escrever, produtoras de conhecimentos através de sua escrita. Sua escrita “emerge como um ato político” (Kilomba, 2019, p. 28).

Fernanda sinaliza sua participação em um coletivo ativista que enfatiza a importância do fortalecimento dos povos indígenas, assim como a busca e aceitação dessa identidade. A narrativa de Fernanda é bastante forte “eu tenho ancestralidade de pessoas negras, pessoas

indígenas e pessoas brancas e a parte indígena é a mais apagada dos registros de memória da família” (Fernanda, 2024). Ela compreende que a sua identidade é composta por outras identidades, mas uma parte delas está mais invisibilizada, assim como a pauta indígena esteve por muito tempo. Apesar de hoje se falar mais sobre a situação dos povos indígenas em nosso país, ainda é muito pouco visibilizada. Fernanda compreende sua participação dentro do UINAJ (Unidade Indígena Narrativas e Articulações de Jequié), além da importância política social que esse coletivo carrega, também tem a importância de ir conhecendo sua própria história identitária, uma parte que não fora discutida nas suas esferas relacionais.

Fernanda e Jéssica fazem parte de coletivos que se relacionam com as suas convicções e identidades. Veem nesses coletivos suas crenças e as próprias vivências se tornando pautas e suas ideias sendo discutidas como parte de um todo, o que lhes incentivam a dar continuidade nesses espaços, apesar do pouco tempo de participação nos mesmos.

Jéssica me informou que estava participando de ambos os coletivos há, aproximadamente, um ano e meio e que se identificava com as perspectivas desses. Fernanda tem uma jornada muito próxima a de Jéssica. Em cada coletivo ela participou entre um ano e meio e sinalizou que sua participação se inicia através de convites.

Grupo Canteiros iniciei no fim de 2024 a convite de Lincoln e Luan Romir que pretendem reativar o grupo.

Lupa faz parte do PETI Teatro, projeto orientado por Francisco André ao qual eu sou bolsista. Iniciei com a intenção de me aprofundar nas três áreas de formação (Artista-docente-pesquisadora) ao qual o grupo trabalha de forma intensa, entrei no início de 2023.

UINAJ faço parte desde sua criação, em 2023 a convite de Ana Paula, indígena Tupinambá, desde então nos aprofundamos nas questões indígenas, participamos e promovemos eventos sobre (Fernanda, 2024).

Fernanda recebeu o convite e aceitou se inserir em coletivos artísticos e/ou ativistas que se relacionam com as suas convicções políticas, assim como Jéssica.

Diante dos relatos das sujeitas, lhes perguntei se esses coletivos eram importantes para elas.

Muito, cada um deles teve uma importância na minha formação, tanto acadêmica quanto pessoal. Não tenho dúvidas que em muitos dias aprendi mais com vivências dentro do grupo que em sala de aula, que essas experiências me fazem uma profissional e uma pessoa melhor, não melhor que o outro, mas melhor que eu mesma antes de fazer parte desses coletivos. Eu sinto que também posso ajudar e tenho o que contribuir. Tem um autor Jorge Larrosa que fala sobre a experiência. O experimentar. Para ele, e para mim, a experiência se dá através da vivência, e para que ela aconteça de fato precisamos estar dispostos a vivenciar aquilo, e quando entro nesses grupos é porque sou curiosa, o ato de experimentar me mantém viva (Fernanda, 2024).

Jéssica:

Sim. É muito importante para mim. Embora no momento eu disponha de pouco tempo para colaborar com o coletivo. Mas, eu aprendo muito a cada encontro, conversa, com as ideias de cada um. É um processo de aprendizagem mesmo, sabe? Aprendo muito mesmo com as pessoas. Sinto que me ajudam a evoluir e entender que eu também sou uma parte importante. E isso é muito bom. De alguma forma a gente contribui nessa busca (Jéssica, 2024).

Jéssica e Fernanda enfatizam a importância que os coletivos têm em suas vidas e o quanto aprendem fazendo parte deles. Experienciando um ambiente baseado em uma perspectiva da horizontalidade, elas se veem como parte importante desse fazer. São necessárias naquele ambiente e fazem a diferença estando neles. Como trazido por Fernanda, ser parte desses coletivos é um constante experienciar. Vivenciar.

É bonito de ver o quanto para elas os coletivos impactam positivamente em suas vidas também. Se veem refletidas nas ações e construções dos coletivos. Mesmo não conseguido falar muito sobre eles, sentem que de alguma forma contribuem para conscientizar e buscar melhorias para questões que as atravessam. Nas buscas por formas de enfrentamento, fazer parte de coletivos artísticos e ou/ativistas é uma das formas de contribuição e estratégias das sujeitas.

Fernanda já subiu aos palcos por meio do coletivo ao qual faz parte e sinalizou seu pensamento crítico-político, demarcando sua existência, suas crenças e as transformações que deseja ver acontecendo. Jéssica realiza-se em um coletivo que enfatiza essas e outras questões, através da escrita. Ambas agem politicamente em seus coletivos. Suas estratégias de enfrentamento as opressões são fortalecidas nesses coletivos.

Confesso, que esse foi um dos blocos que mais tive dificuldades em conseguir informações das sujeitas. Apesar de elas afirmarem participar dos coletivos, elas ainda não conseguiam discorrer muito sobre cada um. Compreendiam sua importância política, mas sinalizaram que não sabiam explicar muito sobre os espaços que atuavam. As sujeitas não participaram de nenhum coletivo que atuasse especificamente sobre mulheres negras e seus atravessamentos, nem de coletivos artísticos e/ou ativistas que atuassem sobre temáticas específicas às mulheres negras e às comunidades LGBTQIA+ dentro da UESB do *campus* de Jequié.

3.2 DAS PALAVRAS DITAS E GESTOS EXECUTADOS, OS ATRAVESSAMENTOS FIRMADOS

A entrevista em profundidade me possibilitou, enquanto pesquisadora, conhecer um pouco mais sobre as sujeitas. Apesar dos contatos anteriores, no momento das entrevistas elas se sentiram mais dispostas a falar sobre si e suas experiências.

A arte sempre fizera parte da vida das sujeitas, mesmo quando foi deixada para depois por diversas razões. Jéssica e Fernanda não tiveram o apoio inicial para dar continuidade a práticas artísticas quando finalizaram o Ensino Médio, com isso e outras dúvidas e demandas seguiram um caminho diferente, mas, o chamado da arte ainda era latente em cada uma delas. Aos poucos foram encontrando nas artes uma estratégia para conseguirem falar sobre suas identidades sem medo de serem oprimidas por isso. Mesmo que de maneira inconsciente já começavam a desenvolver estratégias para combater opressões interseccionais.

Sendo mulheres negras bissexuais se viram atravessadas por medos e sentimento de estranheza devido ao desejo que começava a florir. Desejo esse por meninas e por meninos. Viam o relacionar-se com os meninos sendo aceito, nunca questionado e validado pelas pessoas que as cercavam, enquanto isso, os primeiros sentimentos por meninas eram lidos como errados e inaceitáveis, exigindo uma “prova” para que pudesse ser validado e respeitado. Com o tempo, começaram a aceitar suas sexualidades e perceberam que o problema estava no outro e não nelas. Só queiram poder se relacionar com quem desejavam. Assim, no fazer teatral começaram a explorar cada vez mais suas identidades e aceitarem que são. Sentindo-se em casa e completas. Compreenderam suas complexidades e respeitaram as diferenças e individualidades das outras pessoas e de si mesmas. A arte como moviment(a)ção e transformação.

Participar de coletivos artístico e/ou ativista possibilitaram que as sujeitas se vissem numa jornada na qual sua presença é importante e elas são parte de um todo. Aprendem e ensinam numa troca horizontal de saberes e ideias. Construindo e desenvolvendo novas formas de pensar e buscar mudar a realidade a qual fazem parte. Com ideias políticas que vão contra o sistema opressor que vitimiza suas corpos pelas suas identidades e afetam suas e seus iguais. No embate, nos palcos, nas palavras veem nesse espaço uma possibilidade de enfatizar que existem e precisam ser respeitadas.

As sujeitas não falaram especificamente sobre como fizeram para enfrentar as opressões, entretanto, as suas ações artísticas, pessoais e dentro de coletivos demonstraram que buscam combater essas opressões, através de ações cotidianas e fazeres artísticos. Formas de ser e agir artistas que não foram enfatizadas nas narrativas, contudo nas vivências das sujeitas.

Entre personagens e atrizes brincam em atos e quadros de vida real e drama. Entradas e saídas do palco, compreendem que elas são as personagens principais de suas histórias. Merecem destaque com suas corpos negras bissexuais e artistas.

4. E NO FECHAR DAS CORTINAS...

O chão pisado. Os caminhos traçados. Os textos lembrados. As vozes ouvidas. Memórias que brincam no ir e vir para construir. Autoestimas retomadas. Cabelos, soltos, livres ao vento ou ao sol na cidade calorosa. Corpos negros presentes. Identidades afirmadas. Arte é ato político. Teatro é político. Corpos-travessias que se desnudam e configuram-se em ser quem são. No coletivo a imagem refletida. No fazer artístico as estratégias de enfrentamento.

Neste percurso no qual fui escolhida para trazer outras mulheres negras como protagonistas e coautoras desta pesquisa - Fernanda, Jéssica, Umberd e Viick, percebi que era necessário me apresentar para vocês numa tentativa de explicar como e onde tudo começou. Nesta escrita, procurei trazer as reflexões embasadas em uma metodologia na perspectiva do feminismo negro, lésbico e decolonial, de uma pesquisa-aquilombamento que se baseou nas vivências e narrativas de mulheres negras e nas possibilidades que enxergamos nas artes, principalmente o Teatro. Esse ato político que movimenta, ecoa e é transformação.

Pensar que esta escrita está sendo concluída ao mesmo tempo em que o sentimento de dever cumprido me alcança também se aproxima uma saudade de alguns momentos traçados. O encontro com as sujeitas da pesquisa foi um encontro comigo mesma e os encontros com elas foram completos de aprendizagem. Partir em busca de resposta para uma pergunta basilar: Quais são as estratégias de enfrentamento elaboradas pelas mulheres negras licenciandas do curso de Teatro em relação às práticas machistas, racistas e LGBTfóbicas no campus da UESB-Jequié? Por vezes fiquei me perguntando se acharia uma resposta. Fui tomada por uma preocupação agonizante que precisa de um retorno explícito e binário: sim ou não. Essas estratégias existiam ou não existiam? Aos poucos fui percebendo que assim como a arte abre um leque de possibilidades para interpretações, avistei nas entrelinhas outras possibilidades. Pude ir analisando que as sujeitas não me responderam numa binaridade suas estratégias, mas dentro de suas narrativas e nas práticas foram revelando que elas mesmas não percebiam que quando escreviam e criavam cenas e personagens, nas quais traziam questões pessoais, estavam desenvolvendo não estratégias de enfrentamento, mas sim performances para o enfrentamento dessas opressões que as atravessavam. Performances aqui entendidas como ações artísticas corporificadas para enfrentarem situações opressivas.

Performance é um conceito guarda-chuva que não possui uma definição concreta, ela vem sendo ressignificada ao longo dos anos e através de estudos teórico-práticos sobre esta arte. Para a performer e atriz Eleonora Fabião (2009, p. 64) a “performance desafia definições, pois ativa dinâmicas paradoxais que complicam estatutos tradicionais tanto do fazer quanto da

fruição artística: trata-se da fundação de uma *cena-não-cena*". Uma criação artística que corporifica questionamentos, posicionamentos e até sofrimentos que fazem parte do eu pessoal, transformado pelo viés da arte do/no corpo, para ser levado até o coletivo. Podemos então compreender a performance como uma arte subjetiva, de si, na qual a/o performer através de seu próprio corpo, diz, expõe, questiona aspectos de suas convicções e vivências com o outro. A performance está para além do embate de uma cena por fazer, ela propõe a "expansão da noção de dramaturgia, ou seja, da ideia do que seja ação e "artisticidade" da ação, corpo e "politicidade" do corpo" (Fabião, 2009. p. 63). Na performance o corpo é político e a ação é artisticidade na qual a/o performer ao mesmo tempo em que dialoga consigo mesma produz diálogos com o outro.

Para Leda Maria Martins (2021.p. 59) "o termo performance é inclusivo e abriga uma ampla gama de ações e de eventos que requerem a presença viva do sujeito para sua realização e ou fruição, funcionando como atos de transferência." É preciso do eu e do outro para que a performance aconteça. Uma comunicação na qual a/o performer pode revelar uma busca por si mesma, enfatizar processos e relações sociais, expor situações opressivas, trazer as relações com sua identidade. Existe sempre um aspecto do eu que será levado para o outro.

Compreendo então que as sujeitas não desenvolveram estratégias em seu significado mais definitivo. O que as sujeitas desenvolveram para o enfrentamento as opressões, são performances. As sujeitas não conseguem nomeá-las ou percebê-las, mas afirmam que escrevem e criam cenas, que abordam as opressões interseccionais que lhes atravessam. A minha hipótese de pesquisa; se essas estratégias existem, procuro identificar como estas são percebidas e nomeadas como instrumental teórico-prático pelas licenciandas negras do curso de Teatro da UESB, campus Jequié. Percebo, então, que as performances de enfrentamento existem, são teórico-práticas e estão ligadas ao fazer artístico das sujeitas. Através da artisticidade e politicidade do corpo, as sujeitas então, desenvolveram performances para o enfrentamento as opressões interseccionais.

Os métodos utilizados para a coleta de dados me possibilitaram observar as sujeitas em momentos diferentes e através de encontros teórico-práticos. Inicie com oficinas, depois uma entrevista coletiva e por fim uma entrevista-narrativa com apenas duas sujeitas. A escolha por realizar a entrevista individual com apenas duas sujeitas partiu do entendimento de que uma análise minuciosa de narrativas requer tempo, dedicação e leitura e releitura, e precisamos levar em consideração que o tempo do mestrado é curto. Após analisar as sujeitas nas etapas anteriores, pude perceber quais delas dialogariam e contribuiriam mais com os objetivos da pesquisa. Enfatizo que todas as sujeitas foram importantes para chegar até aqui. Cada uma a

seu modo contribuiu para que esta escrita se tornasse possível. Serei eternamente grata a cada uma delas.

Dos contornos metodológicos da pesquisa, optei por iniciar estrategicamente com as oficinas pois seriam uma forma de possibilitar mais proximidade e confiança com as sujeitas. Nessas oficinas que foram teórico-prática e planejadas como um lugar onde os conhecimentos era horizontalizados e as questões de cada uma também, as sujeitas podiam falar, se expressar, jogar, encenar sem medo de julgamentos. Era um espaço seguro para nós. As oficinas foram fundamentais para a continuidade da pesquisa e dos métodos a serem aplicados.

Posteriormente às oficinas, realizei a entrevista coletiva. As reflexões da mesma são apresentadas no primeiro capítulo. Nela busquei possibilitar que as sujeitas pudessem trocar vivências e falar mais abertamente sobre o tema abordado. As perguntas tinham um direcionamento e instigava as sujeitas a trazerem para o diálogo memórias, experiências, situações, segredos que fizeram/fazem parte da construção das mulheres que são hoje. Confesso que esperei mais retorno nessa entrevista. Acreditei que as sujeitas fariam mais, talvez por estarem todas juntas, ainda havia um pouco de receio. Essas são algumas das possibilidades ao se desenvolver pesquisa com seres humanos, nem sempre as coisas acontecem como planejado. Os retornos podem ser imprevisíveis. E nos cabe respeitar o momento de suas falas coletivas. Ciente de que ainda faltava uma etapa da pesquisa, respirei fundo e continuamos.

O último passo metodológico foi a entrevista-narrativa. O objetivo era conseguir dados para analisar as narrativas de duas sujeitas. Desenvolvi quatro blocos de perguntas com temas específicos, para auxiliar no desenvolvimento das entrevistas. Por se tratar de um momento que acontece individualmente, pude perceber que as sujeitas estavam mais abertas e menos inibidas. Conseguiriam responder as perguntas de maneira espontâneas e sem travamentos. Estavam disponíveis e seguras em cada resposta. Os métodos anteriores e os nossos diálogos nos colocaram numa posição de igualdade, eu não era pesquisadora ali, erámos mulheres negras que estavam trocando conhecimentos, experiências. Essa intimidade e esse olhar de igualdade, acredito que foi de fundamental importância para que a relação se desenvolvesse e as sujeitas ficassem mais à vontade para se expor.

Nos caminhos percorridos durante esta pesquisa e com os retornos das quatro sujeitas e de suas narrativas, afirmo, então, que os objetivos da pesquisa foram alcançados e a pergunta obteve respostas.

Essa trajetória foi permeada pela epistemologia do feminismo negro lésbico decolonial, que propõe e visa ações políticas, novas formas de ver o mundo, releituras sobre a estrutura de nossa sociedade, rupturas de padrões principalmente os binaristas que excluem, invisibilizam e

oprimem. Buscando possibilitar que outras vozes sejam evidenciadas principalmente em locais nos quais estiveram apagadas por muito tempo, enfatizando que as histórias precisam ser contadas e ensinadas por/para nós mesmas. Anzaldúa (2021) nos afirma que:

Nós estamos tentando descobrir termos e formas de ser no mundo para que não sejamos destruídas, para que não sejamos cooptadas ou assimiladas, para que nós possamos fazer sentido de nossas histórias e ensiná-las para nós mesmas e para aquelas que chegam depois de nós (Anzaldúa, 2021, p. 189-190).

Um feminismo que compreende que as corpos de mulheres negras são vítimas de opressões interseccionais, que silencia, oprime e invisibiliza a nossa existência. Ao mesmo tempo nos fortalece para que sejamos as vozes e as sujeitas de nossas histórias. Que não tenhamos medo nem vergonha de afirmar a nossa identidade.

Acredito que as identidades das sujeitas foram construídas pelas próprias vivências e os aprendizados que delas ficaram, das relações com os outros e com elas mesmas, dos movimentos que se cruzavam com a arte e pelas mulheres negras que estiveram presentes em suas vidas. Nessas trocas as sujeitas aprenderam mesmo quando nem sabiam que estavam aprendendo.

As sujeitas, mulheres negras licenciandas em Teatro, com sexualidades e vivências diversas se veem atravessadas pelas experiências e ensinamentos de outras mulheres negras que fazem/fizeram parte de suas vivências, nas artes, no teatro em suas famílias. As heranças que carregam as fortalecem na caminhada que tem como destino a aceitação de sua identidade e a compreensão de todo o significado em ser uma corpa negra que não está inserida numa norma heterossexual. Corpas que foram atravessadas por questionamentos, medos, inseguranças, repressão, mas também que encontraram forças na arte, no fazer teatral, no feminismo negro para não sucumbir as imposições e aos estereótipos que lhes foram atribuídos. Como enfatizado por Collins “se não existissem opressões interseccionais, o pensamento feminista negro e os conhecimentos de resistência e afins seriam desnecessários” (Collins, 2019, p. 63).

Mulheres negras que se autodefiniram e hoje gritam com orgulho suas identidades e sexualidades. Que conscientes de suas identidades e de seu fazer artístico, assim como da politização de suas corpos negras desenvolveram performances para o enfrentamento as opressões interseccionais que nos vitimizam nessa sociedade machista, racista e LGBTfóbica. Mulheres negras que aprendem, mas também ensinam muito com suas experiências, com a força que carregam, com a arte que praticam e com as vozes que ecoam.

Vejo-me aqui então, forçada a concluir, finalizar ou fechar as cortinas desta escrita. Ressalto que existem pontos que poderiam e poderão ser melhorados. Gostaria de ter tido mais tempo com as sujeitas, mas cada uma tinha suas demandas e isso dificultou que mais encontros pudessem ser possíveis. Apesar de compreender que mais encontros significaria mais dados a serem analisados, acredito que poderiam embasar mais a pesquisa. Percebo que as reflexões aqui trazidas são possibilidades para outros olhares possíveis para as artes, esse ato político que movimenta e é movimento. Nesse movimentar-se, os objetivos foram alcançados, algumas perguntas respondidas e outras que ainda serão. Os trajetos desta pesquisa caminharam/caminham rumo a novas possibilidades. Possibilidades outras de ser/ver/estar mulher negra em cena e na vida.

Não concluo, mas (in)concluo dizendo que este fechar das cortinas não acaba o espetáculo, assim como não finaliza esta pesquisa que deu apenas alguns passos. Existem mais que podem ser explorados. Novos caminhos a serem traçados. Novas práticas, novos encontros, novas estratégias e descobertas artísticas a serem experienciadas. Mais arte sendo feita por e para mulheres negras. Mais mulheres negras desenvolvendo novas estratégias e/ou performances de enfrentamento. Aqui, não esgotei as possibilidades, quero ir em busca de novos locais onde essa pesquisa tome novos contornos e esteja em cima de novos palcos.

Esta escrita acredito que seja uma das minhas estratégias de enfrentamento as opressões interseccionais. Trouxe para o centro protagonistas e autoras de suas próprias histórias. Mulheres negras que aqui, ecoaram suas vozes, escreveram e subiram ao palco com o texto na ponta da língua, emprestando sua corpa para as personagens ao mesmo tempo em que eram elas quem falavam. Um aquilombamento de mulheres negras artistas, ativistas, lésbicas, bissexuais, com sexualidades que não se definem, permeadas pela força de suas mais velhas e suas iguais. Por outras corpas negras que carregam conhecimentos de vida e lhes encorajam a se autodefinirem, a utilizarem sua arte como uma possibilidade de moviment(a)ção, Mulheres negras que no seu fazer artístico vem criando e desenvolvendo performances próprias de enfrentamento as opressões que são projetadas para uma pele alvo.

5. REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. *Feminismos Plurais*
- ANZALDÚA. Glória. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. A bolha editora. Rio de Janeiro, 2021.
- ANZALDÚA. Glória. **La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência**. Pensamento Feminista: conceitos fundamentais. Org. Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2019.
- BAIROS, Luiza. **Nossos Feminismos Revisitados**. Pensamento Feminista: perspectivas decoloniais. Org. Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2020.
- BAIROS, Luiza, e Sonia E. Alvarez. 2012. “**Feminismos e antirracismo: Entraves e interseções**”. Entrevista com Luiza Bairos, ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir)”. *Estudos Feministas* 20(3): 833–850.
- BENTO, Cid. **O pacto da branquitude**. 1º - ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022
- BISPO, Silvana Santos. **Feminismos em debate: reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador (1978-1997)**, - São Paulo: editora dialética 2023
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Pensamento Feminista: conceitos fundamentais. Org. Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2019.
- COELHO, Fernanda. (2019). Bisssexualidade. IN: Ferrão, D; Carvalho, L. H. d; Coacci, T. (orgs.). **Psicologia, gênero, e diversidade sexual: saberes em diálogo**. (Cap. 9, pp. 221 - 241). Belo Horizonte, MG: CRP04. <https://issuu.com/conselhoregionaldepsicologia-minasg/docs/lgbt> web acessado em 15/12/2024.
- COLLINS. Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. p. 99 -127
- COLLINS Patricia Hill, BILGE Sirma **Interseccionalidade**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento** / Patricia Hill Collins; tradução Jamille Pinheiro Dias. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019. Tradução de Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment.

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Org. Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: Alexandre, Marcos A. (org.) Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FABIÃO, Eleonora. Performance, Teatro e Ensino: Poéticas e políticas da interdisciplinaridade. In **Cartografia do ensino de Teatro** / Adilson Florentino, Narciso Telles (orgs.) – Uberlândia: EDUFU, 2009 ebook.

FATUMMA, Dedê. **Lesbiandade**. 1 ed. – São Paulo: Editora Jandaíra, 2023 (Feminismo Plurais/Djamila Ribeiro).

FIGUEIREDO, Ângela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. *Periódicus*, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015 - **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades** Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia - UFBA ISSN: 2358-0844- Endereço: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>.

FIGUEIREDO, Ângela. **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial**. *Tempo & argumento.*, Florianópolis, v.12, n. 23, e0102, jan./abr. 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3ª ed. ver. Amp. ; 1. – Belo Horizonte: Antêntica, 2020 (Coleção Cultura Negra e Identidades).

GONZAGA, Paula Rita Barcellar. **A GENTE É MUITO MAIOR, A GENTE É UM CORPO COLETIVO"**: Produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. Tese (doutorado) – 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Por um feminismo Afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**. Pensamento Feminista: perspectivas decoloniais. Org. Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2020.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. – 21ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10 ed. – São Paulo: Ática 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. 2012.

LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Org. Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2019.

LORDE, Audre. **A unicórnica preta**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020.

MARTINS, Soraya. **Dramaturgias contemporâneas negras**: um estudo sobre as várias possibilidades de pensar-ser-estar em cena / Soraya Martins Patrocínio. Belo Horizonte, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. 2ª ed., ver. – São Paulo: Perspectiva, 2023.

MARTINS, Lúcia Helena. **O ativismo da proximidade e a criação de procedimentos metodológicos a partir da escuta**: Da Vigília Lula Livre a outras comunidades de luta. Rascunhos Uberlândia V.10 n. 2 p.145-165 jul./ dez. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método w criatividade. 28ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 61 – 77.

MOREIRA, Núbia Regina. **O Feminismo negro brasileiro**: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. Campinas, SP : [s. n.], 2007.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 2. ed. – São Paulo: Global, 2016.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 28ª ed. Petrópolis, Vozes, 2013.

PASSEGI, M.C. in **Insubordinações epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**/ Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Rodrigo Matos-de-Souza, Jorge Luiz da Cunha (organizadores); Elizeu Clementino de Souza (direção) - Curitiba CRV, 2024. 234 p. (Coleção Insubordinações da Pesquisa (Auto) Biográfica, v. 1).

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO: COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE TEATRO Prof, Dr. Roberto Ives Abreu Schettini Prof, M.Sc. Adriana Silva Amorim Prof, M.Sc. Aroldo Santos Fernandes Júnior Prof, M.Sc. Carla Meira Pires de Carvalho Prof, M.Sc. Flaviana

Sampaio Xavier Colaboradores Prof, Dra. Lauana Vilaronga Prof, M.Sc. Maria de Souza
COORDENAÇÃO GERAL Prof, Dr. Roberto Ives Abreu Schettini.

SÁ, Tereza. **Borboletear**. 1ª Ed. Pereira Barreto/SP: A Arte da Palavra, 2023.

SANTANA, Marise de. Relações Étnicas: desafios para o Ensino, Pesquisa e Extensão no Campo Interdisciplinar. **ODEERE – Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**. ISSN: 2525-4715 – Ano 2019, Volume 4, número 8, Julho – Dezembro de 2019.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri Negra**. São Paulo; SESI-SP editora. 2015.

SANTOS, Bárbara. **TEATRO DAS OPRIMIDAS**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: casa Philos, 2019.

SANTOS, J.M.O.; ESTEVAM, R.A.; MARTINS, T.M. **Pesquisa (auto)biográfica**. Ensaios Pedagógicos (Sorocaba), vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.45-53.

SILVA, Duana Eduarda Elias da; SÁ, Elisângela. Mulheres negras bissexuais: o estigma social e seus atravessamentos na construção da identidade. **Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate** 20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná.

SOARES, C.M. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no XIX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 17, 1996. DOI: 10.977/aa.v0i17.20856. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20856>. Acesso em: 11 set. 2024.

THEODORO, Tawane. **Afrofênix: a fúria negra ressurge**. – São Paulo: Quirino Edições, 2019.

6. ANEXOS

I- ROTEIRO ENTREVISTA SEMI ESTRURADA – RODA DE CONVERSA

PROBLEMA DE PESQUISA:

Quais são as estratégias de enfrentamento, elaboradas pelas mulheres negras licenciandas do curso de Teatro, em relação às práticas machistas, racistas e LGBTfóbicas no campus na UESB-Jequié?

Primeiro Bloco → TRAJETÓRIA PESSOAL

- ✚ Nome, Idade, Semestralidade, Autodeclaração - Raça; Identidade de Gênero
- ✚ Poderia me contar um pouco sobre você? Se eu te perguntasse quem é você, o que me responderia?
- ✚ Como foi sua infância? E a sua adolescência?
- ✚ Como você se (auto) define? Sua identidade de gênero?

Segundo Bloco → ESCOLHA DA ARTE

- ✚ Ano de ingresso a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *campus* Jequié;
- ✚ Você participa de algum coletivo ou grupo (artístico, ativista, social)? Poderia falar um pouco sobre?
- ✚ A arte já estava presente em sua infância?

Terceiro Bloco → GÊNERO E SEXUALIDADE

- ✚ Quais as experiências que você, uma corpa preta carrega? As vivências de ser uma mulher.
- ✚ No seu círculo de amizades e até mesmo familiar, existem mulheres LGBTQIAPN+? Existe um diálogo sobre LGBTfobia principalmente em mulheres negras?

Quarto bloco → FEMINISMO NEGRO

- ✚ Tendo em vista, o seu percurso artístico, você já assistiu a espetáculos que abordassem pautas que permeiam a vida de mulheres negras ou ver a possibilidade de trazer para o seu fazer artístico essas pautas?

II- ROTEIRO ENTREVISTA ABERTO – INDIVIDUAL

PROBLEMA DE PESQUISA:

Quais são as estratégias de enfrentamento e aquilombamento elaboradas pelas mulheres negras licenciandas do curso de Teatro, em relação às práticas machistas, racistas e LGBTfóbicas no campus da UESB – Jequié?

Primeiro bloco → SINGULARIDADES E OPRESSÕES

Nome, Idade, Semestralidade, Autodeclaração-racial, Identidade de Gênero, Identidade sexual

- ✚ Fale sobre a sua escolha pelo curso de teatro. Fale-me, como você chegou até aqui na UESB, de Jequié.
- ✚ Na adolescência, você gostava de qual atividade artística? Dança, teatro, artes visuais, fale-me um pouco da sua adolescência...
- ✚ Na escola, como foi sua relação com as Artes, especialmente o Teatro.
- ✚ Quem te incentivou a escolher o Teatro? Fale-me um pouco sobre o ambiente da escola que você estudou, a Arte já te afetava?
- ✚ E a sua família te incentivou na escolha da sua profissão?

Segundo Bloco → ARTE E ARTIVISMO

- ✚ Qual o impacto do teatro em sua vida? Como ele contribuiu para a sua formação de visão de mundo e de sua identidade?

Terceiro Bloco → GÊNERO E SEXUALIDADE

- ✚ Como você se autodefinia na adolescência? Como você percebia seu corpo, sua cor/raça e sua sexualidade? Fale sobre os seus relacionamentos na escola (colegas/ professores)
- ✚ Quando você percebeu que era uma mulher lésbica – bissexual?
- ✚ O que tem vontade de fazer quando presencia ou fica sabendo de uma situação de opressão (machista, racista LGBTfóbica)?

Quarto bloco → ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

- ✚ Você participa de algum coletivo ou grupo (artístico, ativista, social)? Poderia falar um pouco sobre?

- ✚ Como chegou até esse coletivo? Me fale quanto tempo você está participando dele e por que você está participando?
- ✚ Esse coletivo é importante para você?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

CONVIDAMOS o(a) senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção e, se você estiver de acordo, rubricue as primeiras páginas e assine na linha “Assinatura do participante”, no ponto 8.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *Laís Lana Santos Peixoto Souza.*

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: *Ana Cláudia Lemos Pacheco.*

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA

Elas negras, vozes e cena! O ativismo na vida de mulheres negras.

2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

A presente pesquisa apresenta relevância social e acadêmica, visando contribuir diretamente para o campo de conhecimento em relações étnicas e gênero. Busca visibilizar e oportunizar mulheres negras a falarem de suas vivências, seus saberes e contarem suas estratégias de resistência a opressões interseccionais. Na luta em um processo a caminho da desestruturalização de uma normatização opressora, trabalhando nas intersecções em favor da justiça social.

2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

Estamos fazendo esta pesquisa para:

Conhecer as estratégias implementadas pelas estudantes negras licenciadas do curso de teatro e dança no enfrentamento às opressões múltiplas praticadas dentro do Campus da UESB de Jequié- Bahia e possível produção de cena teatral.

Identificar como o ativismo é percebido e utilizado como instrumento teórico-político-prático entre as licenciandas negras de teatro e de dança da UESB, campus Jequié.

Compreender a relevância do feminismo negro brasileiro no processo de reconhecimento/pertencimento das licenciandas negras em relação às suas identidades.

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:

Você participará de oficinas práticas e teóricas, como um método no qual você sinta-se segura para falar e expressar sobre suas estratégias desenvolvidas para resistir as opressões sofridas na UESB- Jequié. Participará de rodas de conversa como um estímulo ao desenvolvimento, aprendizado mútuo e um espaço democrático, no qual todas participantes são partes fundamentais de uma construção coletiva de saberes. Você também responderá algumas perguntas sobre suas vivências, identidade, pensada como uma conversação, de maneira metódica, podendo possibilitar resultados satisfatórios e informações necessárias de acordo com o desejo de vocês.

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

3.1 O QUE SERÁ FEITO:

Você participará de oficinas práticas e teóricas, como um método no qual você sinta-se segura para falar e expressar sobre suas estratégias desenvolvidas para resistir as opressões sofridas na UESB- Jequié. Participará de rodas de conversa como um estímulo ao desenvolvimento, aprendizado mútuo e um espaço democrático, no qual todas participantes são partes fundamentais de uma construção coletiva de saberes. Você também responderá algumas perguntas sobre suas vivências, identidade, pensada como uma conversação, de maneira metódica, podendo possibilitar resultados satisfatórios e informações necessárias de acordo com o desejo de vocês.

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

O local de realização desta pesquisa será na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB- campus Jequié, na qual teremos encontros semanais em um período de dois meses, logo após a aprovação do CEP.

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

As oficinas e rodas de conversa acontecerão no tempo de duas horas cada. Estima-se que as entrevistas semiestruturadas também durem duas horas.

1. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO

MODERADO

ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

É importante salientar que poderá acontecer algum desconforto ou constrangimento em participar de entrevista devido a ocorrência de perguntas que atinjam aspectos de foro privado ou possibilitem memórias/sensações desagradáveis, ou ao fornecer alguma informação durante as oficinas e roda de conversas. Assumimos a responsabilidade de intervir buscando minimizar os riscos, entretanto, caso ocorram, tomaremos as providências necessárias para resolvê-los.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Com base no entendimento de que toda pesquisa estabelece certo grau de risco às participantes, assumo, enquanto pesquisadora, a responsabilidade em realizar entrevistas semiestruturadas, oficinas e rodas de conversa, visando minimizar a ocorrência de riscos. Para evitá-los, buscarei construir uma relação de confiança com as colaboradoras da pesquisa, prevenindo possíveis desconfortos e garantindo o anonimato e sigilo dos relatos. As participantes estarão cientes de que podem recusar a responder qualquer pergunta durante a entrevista, caso sintam-se constrangidas, ou desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento, sem nenhum prejuízo para elas. Assumimos a responsabilidade de intervir buscando minimizar os riscos, contudo, caso ocorram, tomaremos as providências necessárias para resolvê-los.

2. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)**5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):**

Espera-se que as participantes enegreçam cada vez mais seus conhecimentos, percebam a importância do feminismo negro no processo identitário da mulher negra, analisem a relevância da arte em seus ativismos e ativismo e que reflitam sobre a sua futura prática docente .

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Estima-se que os resultados desse estudo favoreçam, de algum modo construção de políticas públicas que tenham como foco o combate ao racismo, sexismo e LGBTfobia, garantindo principalmente às mulheres negras a integridade física e o direito à corpos livres para amar quem desejarem.

1. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: *O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.*

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: *Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.*

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: *Não. Você só precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.*

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: *Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.*

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: *Nenhum.*

6.7. O que acontecerá com os dados que você fornecer nessa pesquisa?

R: *Eles serão reunidos com os dados fornecidos por outras pessoas e analisados para gerar o resultado do estudo. Depois disso, poderão ser apresentados em eventos científicos ou constar em publicações, como Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, artigos em revistas, livros, reportagens, etc.*

6.8. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: *Em geral, não. O(A) pesquisador(a) tem a obrigação de garantir a sua privacidade e o sigilo dos seus dados. Porém, a depender do tipo de pesquisa, ele(a) pode pedir para te identificar e ligar os dados fornecidos por você ao seu nome, foto, ou até produzir um áudio ou vídeo com você. Nesse caso, a decisão é sua em aceitar ou não. Ele precisará te oferecer um documento chamado "Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos". Se você não aceitar a exposição ou a divulgação das suas informações, não o assine.*

6.9. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: *Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.*

6.10. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: *São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Há, também uma cartilha específica para tratar sobre os direitos dos participantes. Todos esses documento podem ser encontrados no nosso site (www2.uesb.br/comitedeetica).*

6.11. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: *Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.*

2. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: *Laís Lana Santos Peixoto Souza.*

Endereço: *Programa de Pós graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC UESB.*

Fone: *Pode ser o institucional (Depto, colegiado...) / E-mail: peixotolaislana@gmail.com.*

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 17:00

1. CONTATOS IMPORTANTES:**Pesquisador(a) Responsável:** *Laís Lana Santos Peixoto Souza.*Endereço: *Programa de Pós graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC UESB.*Fone: *Pode ser o institucional (Depto, colegiado...)* / E-mail: *peixotolaislana@gmail.com.***Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)**

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: *cepjq@uesb.edu.br*

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 17:00

2. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo **em participar do presente estudo;** **com a participação da pessoa pela qual sou responsável.**

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

JEQUIÉ, ____ de ____ de 2023



Assinatura do(a) pesquisador